

ANO III

N.º 3

REVISTA
DA
Academia Norte-Riograndense
DE
Lêtras

AD LVCEM VERSVS

NATAL
1955

ANO III

N.º 3

REVISTA

DA

Academia Norte-Riograndense

DE

Lêtras

AD LVCEM VERSVS

NATAL
1955

Academia Norte-Riograndense de Letras

DIRETORIA

Presidente — Manuel Rodrigues de Melo

Secretário Geral — Rômulo Chaves Wanderley

1.º Secretário — Bezerra Junior

2.º Secretário — Carolina Wanderley

Tesoureiro — Virgílio Trindade

Bibliotecário — Antônio Fagundes

Diretor da Revista — Luís da Câmara Cascudo

Comissão de Contas:

Nestor Lima — Oto Guerra — Palmira Wanderley

Comissão de Sindicância:

Antônio Soares de Araújo — Eloi de Sousa —
Dioclécio Duarte

Comissão de Revista:

Paulo Pinheiro de Viveiros — Américo de Oliveira
Costa — Edgar Ferreira Barbosa.



ANO III

N.º 3

REVISTA
DA
Academia Norte-Riograndense de Letras

DIRETOR:

Luis da Câmara Cascudo

COMISSÃO DE REVISTA:

*Paulo Pinheiro de Viveiros
America de Oliveira Costa
Edgar Ferreira Barbosa*

— 1 9 5 5 —



ANO III

N. 3

Academia Nacional de Letras
de la República

DIRECTOR

COMISSÃO DE REVISÃO

Text block containing faint, illegible text, likely a list of names or titles associated with the Commission of Review.

Saudação a Ivo Filho, na Academia *

EDGAR BARBOSA

Devo fazer sentir antes de tudo que, a par das inspirações da admiração e amizade, o que mais me seduziu na amável incumbência de saudar Ivo Filho foi o ritmo de heroico idealismo que se expande pelo caminho da sua vida.

Constituímos, nesta Academia, uma das ocorrências mais singulares desta terra e do nosso tempo. Atentai em que a esta mesma hora, luta-se contra a Inteligência e a Poesia. Os homens, encorajados nas edificações do desespero e do ódio, já se não entendem pelo amor nem pela tolerância. E nas almas, como que se estancou a fonte harmoniosa da compreensão e da humana bondade. Quasi todos os que se debatem nesse estranho mundo, renunciaram á alegria de vêr as nuances do céu e a paisagem dos campos, não mais experimentaram o prazer de saborear uma fruta madura e de brindar o coração com um copo de vinho sincero. Suas mãos rudes e trágicas, perderam para sempre o contáto da Beleza e jamais terão ternura suficiente para afagar a cabeleira de uma criança.

Diante dessa opressão cuja arfagem sentimos bem de perto, cadenciando-nos o gesto e o pensamento, a recepção da Academia a Ivo Filho vale um desagravo ao Idealismo, á Inteligência e á Poesia.

Realmente, na luta que desenvolveu nos diversos setôres da sua vida, sob uma adolescência o-

primida pela penúria e aprisionada pelo trabalho, aquelas forças hoje ameaçadas e mutiladas tiveram em Ivo Filho um batalhador ardente e apaixonado. Aprendiz de tipógrafo, desde o amanhecer do seu espírito, a Poesia lhe invadiu o sangue com o seu langôr misterioso e a exaltação lírica dos ritmos e das formas.

Raro é o poeta norte riograndense que não mereça a esta hora o prematuro qualificativo de saudôso. A vida e a realidade quotidiana os arrastaram da literatura como de uma casa mal-assombrada. E vivos, morreram quasi todos de desânimo ou de outra moléstia peiôr, que é esse frio no coração e na alma, esse tédio ante a inspiração e um certo horror cheio de arrependimento aos versos que perpetraram. Alguns, chegam até a renegar o seu passado com as musas, como se a Poesia fosse um companheiro libertino e depravado.

Ivo Filho, entretanto, não iludiu a predestinação que lhe marcava o sentimento do verso e por mais que a vida o conduzisse a outros rumos de atividade, ao magistério, á advocacia e aos postos relevantes da administração, jamais desertou da Poesia, jamais prendeu a sua alma á algema do ceticismo e ás cadeias do preconceito.

Induzido por esse idealismo que imprimiu ás suas atividades um caráter sentidamente romantico, foi por certo que, abandonando a carreira postal, onde começára estafeta e chegára a Administrador da Repartição, voltou-se inteiramente para o magistério, que já exercia desde 1911. Antes, em 1906, estreára nas letras com o "Crizantêmos", prefaciado por Henrique Castriciano e no qual reuniu as produções poéticas da sua primeira fase. Em 1909, ainda normalista, publicou em colaboração com Jorge Fernandes os "Contos & Troças-Loucuras", sendo esta última parte uma coletânea de sonetos.

Era a época na qual brilhava no Brasil a geração que sucedeu a dos simbolistas e que se destacava por um sentimento desabusado das cousas. Para esses pessimistas literários, na expressão de Ronald de

Carvalho, o mundo era apenas um jogo risonho de aparências. Eles consideravam o homem como um animal que se distrai por via de regra á custa dos outros e algumas vezes consigo mesmo, com o espetáculo das suas próprias insuficiências, cuidadosamente veladas á indiscreção dos demais. Tendo aprendido em Maupassant, Baudelaire e Wilde que o crime era uma obra de arte e que a estética da monstruosidade era uma sutil filosofia, aqueles intelectuais do começo do século fizeram com elegante imprudência a estilização do vício. Todas as personagens dos seus romances e dos seus poemas mergulham num ambiente de estranho artificialismo, são ficções cerebrais que se movem num plano ideal, sem a menor afinidade com as forças do mundo objectivo.

A poesia de Ivo Filho nasceu bafejada pela reação que se fez nos círculos literários de todo o País contra aquelas criações imprecisas e fugidias que deixaram em nossa literatura fantasmas e paisagens irreais, habitantes de um mundo fabuloso que não conseguiu resistir ao primeiro clamor da sensatez e do nacionalismo.

Aquela primeira década do século, entre nós, deve ser considerada uma aurora triunfal de ressurgimento artístico e literário. Sob o governo de um conterrâneo amigo das letras e dos artistas, Alberto Maranhão, o pendor poético encontrava palavras cordiais para saudá-lo. Com Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Ponciano Barbosa, Jorge Fernandes, José Gobat, João Batista do Nascimento, Josué Silva e João Estevam, Ivo Filho fundou a "Oficina Literária Lourival Açucena", espécie de Arcádia norte-riograndense que reunia os poetas e jornalistas da época.

Uma outra manifestação dessa Renascença da qual o recepcionado de hoje foi, incontestavelmente, um dos maiores animadores, tivemos-la no "Ginásio Dramático", que estreitou com uma comédia em 3 atos, "Sônia", da autoria de Ivo Filho. O fato de que a sua iniciação como dramaturgo sofresse re-

paros acerbos da crítica, não conseguiu desestimular o autor de “Esses Primos”, “Degenerados”, “Infâmia” e “Além”, drama socialista que o Ginásio representou com enorme sucesso, e em seguida “Irremediável”, drama, “Sopa no Mel”, comédia, a revista “Anti-Cristo”, em colaboração com Jorge Fernandes e “Céu Aberto”, com Virgílio Trindade e aquele poeta conterrâneo.

O incansável pendor pelo teatro fê-lo, criança ainda, desempenhar papéis em companhia de Deolindo Lima, Joaquim Pelinca, João Estevam, Nestor Lima, Raul Potengí e tantos outros que emprestaram a Natal, há 30 anos, uma vibração intelectual e artística jamais superada ou, siquer, atingida.

Ainda em 1940, o moderno “Grêmio Dramático”, que tem em Ivo Filho um dos seus esteios mais entusiastas, encenou a sua peça em 3 atos, “Renúncia”, recebida pelo público e pelos nossos círculos literários com os mais lisongeiros aplausos. Acha-se preparada a sua última produção teatral, “Rio do Destino”, a ser levada á cena ainda êste ano e nela pretende o autor desempenhar o papel principal.

Assim, a meninice contínua e indivisível que está em nós, acompanhando os nossos passos como uma sombra, se repete na madureza, banha com a sua claridade matinal os bosquejos vespertinos e sugere aquele desenho da criança, esquecida pelo homem, de que falava Nabuco. Tudo porque ninguém pode esquecer o passado e já agora não precisaremos de lembrá-lo apenas com saudade e sim com uma tentativa para reproduzi-lo. O esforço do artista afim de corrigir o homem tem sido a batalha íntima de todos os que não desertaram da Arte e da Poesia. Já se viu que essas duas deusas de olhos claros, nem mesmo diante da nova imagem das cousas, perderam a força do seu sortilégio e surgem sempre em nossa alma com a esperança do filtro milagroso da mocidade.

A presença de Ivo Filho nesta casa é o testemunho da confluência das gerações no mesmo estuário marulhoso e infinito. Dele poder-se-ia dizer

que a sua vida é o seu laurel e o seu drama, é um desses homens capazes de cerrar os olhos e submergir risonhamente nas águas do profundo rio do tempo. Por êle passaram os sonhadores e os poetas que, em Natal, buscavam as estrêlas. Ferreira Itajubá ainda passeia, no deserto nostálgico, sobraçando o seu violão saudoso. Uma farandula gloriosa de menezéis ressurgue e passa nesta hóra, com a sua música longínqua, pelo país das nossas recordações.

Eis porque a Academia se honra e se enaltece ao receber Ivo Filho. Traz êle em si, bem vivas e bem presentes, a convivência dos templos amáveis que derramam sobre o nosso espírito os eflúvios da Fé e da Ilusão. Na companhia diária da mocidade, contagiou-se êle da esperança dos moços, ouviu cantarem os seus versos nas noites calmas de luar, viu de perto a miséria e a fortuna, sentiu o bem e o mal, teve a alma nas mãos, sofreu as dôres cruciantes dos homens...

Em nome da Academia, tenho o prazer de saudar Ivo Filho.

* — Saudação a IVO FILHO, em nome da Academia Norte-Rio-grandense de Letras, no dia 15-7-1943.

GOTARDO NETO

Discurso de posse, na Academia Norte-
Riograndense de Letras, no dia 15-7-1943

IVO FILHO

Silvio Roméro, prefaciando o livro "POLEMICAS", de Tobias Barreto, queixou-se da injustiça que os intelectuais do sul do nosso imenso país faziam aos intelectuais do norte, e, por essa maneira se externava: Não há muito o sr. Urbano Duarte escrevia andar o cetro da crítica brasileira, exclusivamente, nas mãos dos Srs. José Veríssimo e Araripe Junior. *À Dieu ne plaise* que jamais eu negue o merecimento, o saber, o talento desses dois ilustres espíritos. Têm êles, incontestavelmente, direito a ocupar um posto elevado, entre os bons críticos brasileiros; mas, é só isto; que sejam os únicos não. Com todo o mérito, não deixam no esquecimento, na especialidade, a Tobias Barrêto, a Celso Magalhães, a Rocha Lima, a Tito Livio de Castro, a Clovis Bevilacqua, a Artur Orlando. Provavelmente, os que, no Rio de Janeiro, encerram em José Veríssimo e Araripe Junior toda a moderna crítica brasileira, não conhecem de Celso Magalhães, por exemplo, o estudo consagrado a Carlos Ferreira; a Tito Livio, os que fez de Medeiros de Albuquerque, Raul Pompeia e Júlio Ribeiro; de Rocha Lima, o que versa sobre Guerra Junqueiro; de Orlando, o que trata de Bourdeau; de Tobias, os que aplicou a Alexandre Herculano, Oliveira Martins e Guyau; de Clovis, o que tem por objeto Dostoieisky. Pois, se os não conhecem, procurem conhecê-los, e verão que os dois críticos prediletamente consagrados, cujo valor, aliás,

repite, sou o primeiro a proclamar, nunca escreveram nada que seja superior aos ensaios aludidos. Meu Deus! quando se acabará com a injustiça e o exclusivismo, na literatura do Brasil? É que aquêles seis escritores lembrados, quatro dêles já mortos, são provincianos, e dos que não se mudaram para o Rio, com exceção apenas de Tito Lívio. Mas, êste, que era fluminense, não passou nunca de um tímido e recatado rapaz, morto na flôr -dos anos! Dêle e dos outros citados, quem se lembra falar, nas lides literárias desta terra, sou eu apenas! Clovis mesmo está muito longe de gozar da fama a que tem direito. Se não fôra o alto espírito de equidade do atual Ministro da Justiça, Dr. Epitácio Pessoa, que o encarregou de fazer o nosso Código Civil, fato, aliás, levado, aqui, a mal, por muita gente bôa, continuaria a ser apenas, de longe em longe, lembrado, como um hábil jurista, *unusmultorum*, e nada mais. Com a décima parte do valor dêle e dos seus companheiros, há aí tanta gente célebre! . . .”

O Brasil, tendo uma superfície de 8.522.000 quilômetros quadrados, aproximadamente, com um comprimento de, mais ou menos, 4.307 quilômetros, cuja costa compreende três zonas distintas: a oriental, a setentrional e a meridional, com vias de comunicações deficientíssimas, determinou, certamente, êsse descaso dos homens de letras do sul do país, pelos homens de letras do norte. Não somente isso. Em quanto os jornais que se publicavam na metrópole eram lidos, com ansiedade, por todos os brasileiros, os que eram editados na província, além de chegarem, no Rio, tardiamente, eram olhados com profundo indiferentismo.

A casta nobre dos intelectuais, separando-a dos outros que também faziam letras, verificava-se mesmo, no Rio, onde os membros da Academia Brasileira de Letras, com o seu fardão de labores dourados e o seu chapéu de dois bicos, eram olhados com a mais profunda admiração, como se fossem verdadeiros super-homens.

Coube á Academia Carioca de Letras ver se a-

cabava com essa separação; se irmanava e fazia conhecidos, no Brasil inteiro, todos os que se ocupam com os trabalhos do espírito, mesmo os dos Estados, mais pequenos e longínquos, e, então, lançou a extraordinária idéa de que, em ditos Estados, fosse fundada uma Academia de Letras, sendo, assim, organizada uma federação, cuja séde seria o Rio de Janeiro, constituída de dois representantes de cada uma delas, formando-se, dessarte, uma classe de intelectuais brasileiros, para a defesa e amparo de seus próprios interesses.

E foi, em virtude de um apêlo da Academia Carioca de Letras que, na residência do historiador Luís da Câmara Cascudo, á avenida Junqueira Aires, foi levantada a idéa da fundação da Academia Norte-Riograndense de Letras, na qual, á semelhança do que ocorre com as demais, cada um de seus agremiados devia ter um patrono, para a sua cadeira, um intelectual conterrâneo já falecido, com a finalidade de ser divulgada a atividade de sua inteligência, na poesia ou na prosa, projetando-se também dita atividade, na crítica, na política, nas letras jurídicas, no jornalismo, ou em outros domínios, onde a mesma se houvesse desenvolvido.

Convidado para fazer parte deste sodalício, não sei se como rabiscador de versos, de artigos para jornais, ou como teatrologo, escolhi para patrono de minha cadeira o poeta Gotardo Neto, grande inteligência, porém, inculta, porque não lhe chegou á receptividade, além dos conhecimentos de humanidade, que se harmonizaram com um pouco de História Sagrada que conhecia, e com a paisagem, lindamente, bucólica da terra onde nasceu e exalou seu último suspiro de vida.

O nome integral do patrono do orador que ora vos fala era: José Emerenciano Gotardo Neto, nascido a 24 de Julho de 1881, em uma casa situada á rua da Palha, hoje, "21 de Março", visinha ao, então, Teatro "Santa Cruz", onde, hoje, funciona a Escola de Comércio, sendo seus pais o Professor

José Gotardo Emerenciano e D. Inácia China Emerenciano.

Os estudos primários êle os fez com o seu próprio genitor, o conhecido Professor Zuza, proprietário de uma cadeira primária mantida pela Intendência Municipal, desta cidade.

O curso secundário fê-lo, no Ateneu Norte-Rio-Grandense, onde estudou Português, com o Dr. Augusto Carlos de Mélo L'Eraistre; Francês, com o Dr. Hermógenes Machado Barbosa Tinôco; Inglês, com o Professor Odilon de Amorim Garcia; Latim, com o Professor João Tibúrcio da Cunha Pinheiro; Aritmética e Álgebra, com o Professor Zózimo Platão de Oliveira Fernandes; Geometria, com o Professor Manoel Garcia; Física, Química e História Natural, com o Dr. Manoel Segundo Wanderley, tendo sido contemporâneo, no referido estabelecimento de ensino, de Pedro e Adalberto Amorim, Antônio Soares, Virgílio Otávio Pachêco Dantas, Adalberto Peregrino da Rocha Fagundes, João Gualberto Machado Tinôco, Andronico Guerra, José Calazans de Brito Guerra, Uldarico Cavalcanti, Luís Petit, Cícero Moura, Tomaz Salustino, Pedro Mélo e tantos outros, no meio dos quais começou êle a dar expansão ao seu éstro, então, inclinado á sátira e ao humorismo.

Terminado o seu curso de humanidades, Gotardo Neto sentiu o primeiro dissabôr de sua vida: não poder acompanhar a quasi totalidade de seus colegas, que iam ingressar no curso superior, para estudar medicina ou direito, dada a falta de recursos pecuniários de seu pai, que, vivendo dos proventos da cadeira de uma escola primária municipal, pagos, quasi em apólices, de valor real nulo, e dos do ensino particular que mantinha, na sua própria casa residencial, em horas vagas, não podia manter o filho, num curso superior, em qualquer das faculdades de Recife ou São Paulo, Baía ou Rio de Janeiro.

E, aqui, êle ficou, apenas preocupado com os pássaros, que criava, com os versos que já escrevia

e, posteriormente, com o emprêgo que lhe proporcionaram, de Secretário de nossa Capitania dos Portos.

Apareceu na imprensa, colaborando nos pequenos jornais críticos que eram editados, fazendo charges mordazes com os rapazes de seu tempo, os quais eram levados a verdadeiro estado de indignação.

Aparecendo a “Gazêta do Comércio”, de propriedade de Augusto Leite e direção do grande jornalista conterrâneo, Pedro Avelino, Gotardo Neto não foi esquecido, e o convidaram para fazer parte da equipe de revisão, juntamente, com Pedro Mélo que, moço pobre também, hoje, o Dr. Pessoa de Mélo, demorou-se a ingressar nos estudos do curso médico, onde sempre alcançou um lugar de destaque, por sua inteligência, sua tenacidade e compreensão que tinha de que devia vencer na vida.

E, na “Gazêta do Comércio” começou Gotardo a publicar os seus primeiros versos, — sempre o sonêto — que foram aceitos pelo nosso público, dada a segurança da métrica, da rima, e da concepção, versos que eram lidos, decorados e recitados, nas reuniões domésticas, ao som da “dalila”, tirado nos teclados dos pianos. E êsses recitativos de suas produções chegavam ao seu conhecimento, servindo-lhe de estímulo a que mais versos fizesse.

A êsse tempo, tinha êle duas ocupações: a do emprêgo, na nossa Capitania dos Portos, e a da “Gazeta do Comércio”, onde trabalhava até tarde, especialmente, desenvolvendo o laconismo telegráfico, que deveria ser publicado, na manhã do dia seguinte.

Eis que se encontra o poeta com uma criatura de nome Maria Mercêdes, morena, forte, bem feita de corpo e inteligente, que tocava violão e decorava todos os versos de “José”, como ela o chamava, e lhe caíam sob os sentidos da visão.

E fôra o seu primeiro e último amôr, sendo
dessa época o sonêto intitulado:

M A R I A

Ela éra a flôr mais trêfega e mais pura,
Da dôce, e calma, e prazenteira vila,
Tinha á face morena a luz tranquila
De uma elegante e vívida escultura.

Jamais turvou-lhe a fúlgida pupila,
Da dôr a sombra lutulenta e escura,
Que a alma prende ao grilhão da desventura
E o bando azul dos sonhos aniquila.

Um dia a mão do pérfido destino
Roubou-lhe o mel do cálice divino,
Manchou-lhe as dobras do virgíneo manto.

E, hoje, vive ao sabor de triste fado,
Trazendo a imagem do infeliz passado,
Nos doces olhos húmidos de pranto! . . .

Esses versos descrevem o estado da alma em que Gotardo Neto encontrou a criatura que se constituiu o maior encanto de sua existência. Era um ente infeliz, cujo passado empolgou o seu coração de poeta piedoso e compadecido, pois, o passado dessa mulher seria o impecílho que o faria deixar de casar-se com ela, dados os preconceitos sociais. E, Maria das Mercêdes passou a ser o seu ídolo destinado a uma adoração, verdadeiramente, mística, a tal ponto assoberbante, que o fez perder o emprêgo que tinha, na Capitania dos Portos, porque, ao sair do jornal, em vez de ir descansar, se dirigia para a casa que passára a ser o seu santuário, de lá somente saindo, aos primeiros albores do dia, para ir repousar e, dormindo até tarde, perdia o expediente da repartição pública a que pertencia.

Chegando essa história afetiva ao conhecimen-

to de sua família e de seus amigos, apareceram, naturalmente, os conselhos, os pedidos, no sentido de abandonar êle aquela vida de dissipações que o estava fazendo naufragar, moralmente. Mas, a nada êle atendia, e, quanto mais o aconselhavam, tanto maior se tornava aquela paixão mórbida, que se estravasava em versos de um lirismo admirável.

Inspirado em Mercêdes, escreveu êle o sonêto

T R A N Ç A S

Essas tranças que rolam desgrenhadas,
Na tua espádua mística e tranquila,
São de Venus, talvez, quando cintila,
No dôce azul das noites consteladas.

Vendo-as, ao brilho das manhãs rosadas,
Nesse banho de luz que o céu distila,
Minhalma em festas de ilusões se anila,
Como envolta num manto de alvorada.

Longas e belas, belas e traidoras,
Lembram cofres de estrêlas cismadoras,
Na noite exul de páramos risonhos...
Amo essas tranças negras e serenas,
Que são a dôr fatal de minhas penas
E a cavatina excelsa dos meus sonhos.

Mercêdes era, efetivamente, bonita, pois, o orador que vos fala a conheceu. Filha de pais pobres, nascida no interior de nosso Estado, foi ela vítima das promessas de um D. Juan qualquer, pela beleza de que era dotada, e naufragou. Tinha uma estatura regular, donaire, no porte, e tez de um moreno róseo. Possuía cabelos prêtos; olhos rasgados e negros; boca pequenina, onde eram engastados dois colares de pérolas alvíssimas, encobertos por uns lábios húmidos e vermelhos, sem os arrebiques do baton, que, naquela época, era ainda um elemento de beleza desconhecido. Possuía espáduas largas, seios protuberantes, cintura fina, e suas

pernas, conquanto, difficilmente, vistas, porque a moda era de vestidos compridos, tinham contornos maravilhosos. Descreveu-a o poeta, nítida e fielmente, no seu sonêto

FLÔR DE CARNE

Olhos mortais de santa e pecadora,
Nos élos vis da angústia acorrentada,
Tem a vaga aparência inexplicada,
De quem muito sorri, mas sempre chora.

Faz-me lembrar a sua voz maguada,
A voz de estranha cítara sonóra,
Que canta as dores e ilusões de outrora,
Na mudês de alva noite enluarada.

Da negra trança a virginal beleza,
Cinge a carne de angélica pureza,
Num vâgo eflúvio de boninas e heras...

E julgo, ao ver, quando a morena passa,
Que Deus fundiu todo o esplendor da graça
Nêsse lírio de vinte primaveras.

Mercêdes, mulher inteligente, envaidecida por servir de inspiração ao vate por ela, loucamente apaixonado, sabia de cór todos os versos do poeta feitos á sua pessoa. E recitava-os para que êle os ouvisse, de maneira impecável, o que mais o prendia, no aranhol de seus profundos encantos. Quando não era assim, sabendo dedilhar as cordas de um violão plangente, que era seu companheiro inseparável, nos momentos que tinha de intimidade com o poeta apaixonado, cantava as modinhas contemporâneas, musicadas por Heronides França, Cirineu de Vasconcelos, Antônio Elias e Joaquim Fonsêca, onde sempre aparecia a história de um amor in-

feliz, inatingível, ou mesmo adoravelmente venturoso, o que levou Gotardo Neto a escrever o soneto

SUA VOZ

Um bando exul de pássaros formosos
Vibra nalma infantil dessa criança,
Como um concerto agreste de bonança,
Na dôce paz dos álamos frondosos...

Há nela tons dulcíficos, saudosos,
De alva sereia solitária e mansa,
Quando á noite desfralda a ruiva trança,
No leito azul dos pélagos radiosos.

Ouvindo-a, julgo que algum passarinho
Deixou trilhando o perfumoso ninho
Pela luz de sua alma irriquieta...

E o dôce som de sua voz querida
Tem a casta delícia indefinida
De uma ilusão volúvel de poeta.

Mas, Maria das Mercêdes sendo mulher tinha o coração afeito ás emoções, e os pedidos, as súplicas da família e dos amigos de Gotardo, a comoveram, e um dia prometeu e até jurou, que, para salvar o poeta da debacle moral que o aguardava, o abandonaria.

E, assim, o fez.

Gotardo Neto trabalhava, em determinada noite, calmo e satisfeito, na redação da "Gazeta do Comércio", no período do meio dia para a tarde, que era o tempo principal de seu expediente, e, á noite, quando o trabalho se prolongava, êle depois do jantar voltava, tornando-se impaciente, somente se acalmando, ao receber, para correção, a última prova de página, pensando nos momentos de felicidade que iria gozar ao lado daquela que constituia os encantos de sua vida; e, terminado o serviço extraordinário, cheio de sonhos e de ilusões corria

para a casa, onde residia Mercêdes. Acontece, porém, que, em uma dessas noites, ao chegar á casa referida e desejada que ficava, á rua “21 de Março”, a encontrou fechada, casa que, hoje, é de propriedade do sr. Pedro Ferreira. Bateu; chamou por Mercêdes, e nenhuma resposta obteve. Golpe terrível: a casa estava completamente vazia. Angustiado, ferido no seu amor, por se ver abandonado, dirigiu-se á residência de seus pais, que ficava, na mesma rua, um tanto abaixo, onde foi procurar o amparo á sua grande dôr moral, que tanto o afligia, certamente.

E, no dia seguinte, chegando á redação da “Gazeta do Comércio”, com a sua tez macilenta, de olheiras rouxas, demonstração de que passára uma noite de verdadeira insônia, botava, no “gancho”, como era chamado o lugar onde era depositada a matéria que devia ser composta, o sonêto seguinte:

NINHO MÔRTO

Fere-me o peito a dôr de uma angústia secreta,
Que meu sonho de amôr lentamente exter-
[mina,
Como o golpe fatal de uma sêta assassina,
Como o golpe fatal de envenenada sêta.

Toda a minhalma, toda a existência repleta
Do sonoro esplendor de uma ilusão divina,
Lembra agora um castelo amortalhado em
[ruina,
Junto á margem de um lago, em paragem
[quiêta.

E seu nome! E só seu nome esta saudade
[anima!
— Poema feito de luz, pra dar luz ao Universo,
— Êstrela que eu gravei no mármore da rima!

Ah! que não mais punja o seu doce quebranto!
Mando-lhe o último adeus nas dobras do
[meu verso,
E um suspiro de amor nas máguas do meu
[pranto!

São versos sentidos, nascidos de um coração que passára a sofrer as agruras do abandono. E Mercêdes desapareceu desta cidade! Com o seu desaparecimento, morrera o grande afeto, o extraordinário primeiro e último amor do poeta, profundamente, sentimental! E a sua lira emudecera! A "Gazeta do Comércio" não mais lhe publicou os versos, que já faziam parte do sabor artístico dos seus inúmeros leitores. A tristeza invadiu a alma do vate sonhador, que, meses depois, dava publicidade ao sonêto

RELIQUIAS

o último desabafo daquela alma amargurada.

Quando acaso releio as missivas saudosas,
Que me fazem lembrar êsse afêto sagrado,
Sinto que delas vôa um perfume de rosas
Um perfume de amor muito tempo guardado.

E veem-me ao pensamento as noites luminosas,
E as tardes de verão que passava ao teu lado,
Sorrindo ao riso teu, beijando-te as formosas
Mãos, teu rosto moreno e teu lábio adorado!

São restos imortais de uma antiga amizade,
De uma velha afeição, sempre nova em meu
[peito,
De um remoto prazer, convertido em saudade.

Nelas vejo um clarão, que me punje e conforta,
É a luz que me afugenta as insónias do leito,
E as loucas expansões de uma ventura
[morta!...

E a respeito de Maria das Mercêdes, fez o mais absoluto silêncio a inspiração do poeta.

É, então, que em Gotardo Neto aparece o cronista, sob os pseudônimos de Cláudio Marne e A. de Chartes.

Aferrado às tradições de nossa terra, Gotardo não deixava passar uma véspera de São João, sem uma crônica, lembrando a fogueira que a civilização da cidade havia acabado, com os seus sítios de bananeiras, mamoeiros, catolezeiros, enfeitados de bandeiras de papel de côr, como os busca-pés de limalha de ferro, assombro dos traseuntes, e faziam com que as casas comerciais mais importantes desta capital, que eram poucas, aliás, tomassem medidas preventivas, afim-de serem evitados incêndios, calafetando as portas dos estabelecimentos com areia molhada; e reclamando, igualmente, os festejos de Santo Antônio, feitos da mesma forma que os de São João, embora com menor entusiasmo.

Não havia uma véspera de Natal, que não tivesse uma crônica do poeta, lamentando a ausência das lapinhas, onde Ferreira Itajubá e êle próprio, respectivamente, partidários do cordão encarnado e do cordão azul, se degladiavam em versos improvisados, os dêle Gotardo, recitados por terceiros, sendo que ambos gastavam as suas economias, dando presentes às mestras e contra mestras; lastimando o desaparecimento dos botequins, feitos de palha de coqueiro, onde os meninos de seu tempo bebiam gengibirra, capilé, comiam dôce sêco e alfinim.

Pelo carnaval, Gotardo Neto sentia a falta do "entrudo", representado nas laranjinhas de bor-racha ou de cêras, feitas de anilina azul ou encarnada, na cuia dagua, na farinha de trigo; dizia a saudade que tinha do Club-Noturno de Benedito do sítio, que trouxe às ruas o "Homem que espo-reou a Mãe", "Antônio Conselheiro" e o "Planêta Biela", lamentando a ausência do "negro melado", e dos máscaras de cêra e de arame.

Na Semana Santa, suas crônicas não invoca-

vam apenas as passagens da vida de Jesus Cristo, que a Igreja Católica representava, em seus atos, mas, lembrava os judas de capim que constituíam o goso da meninada, rasgando-os, logo que os sinos anunciavam o rompimento da aleluia, momento em que apareciam os testamentos que os judas traziam no bolso, fazendo legados humorísticos, que tantas maguas traziam aos que eram contemplados como beneficiários.

Esse passado da cidade provinciana Gotardo Neto não esquecia nunca, nas suas crônicas sempre escritas na redação da "Gazeta do Comércio", com um charuto de vinte réis aos lábios, soltando saliva em quantidade abundante, em derredor de si próprio, de modo que, ao terminar a página evocativa, sempre traçada em côres vivas e sugestivas, êle ocupava o centro de um lago de saliva, que tanta revolta causava, silenciosamente, ao Major Augusto Leite, o proprietário da tipografia, onde o aludido jornal era impresso.

—0—

Empastelada a "Gazeta do Comércio", Gotardo Neto, já desempregado da Capitania dos Portos, porque depois do abandono que sofrera de Mercêdes nunca mais por lá andou, recolheu-se ao silêncio de seu lar, não mais procurando, nem aceitando emprego.

Já, organicamente, abalado pelos efeitos do álcool, continuou bebendo, bebendo, bebendo muito, até quando foi atirado ao leito, por uma moléstia gravíssima, que o fizera desaparecer, dentre os vivos, quando apenas contava 31 anos de idade.

Mas, em casa, antes da doença que o matara, numa rêde armada, na sala da frente, á rua "21 de Março", residência de seus pais, o poeta continuava fazendo versos, de encomenda, para satisfazer pedidos de amigos e camaradas, e, assim, escreveu poemas tais como: "Ao Presidente Hermes", "A Ferrer", "A memória de um Justo", (sobre o Padre

João Maria), “A memória de Augusto Severo”, “Pedro Velho”, “Homenagem”, (a Lourival Açucena), “Aos marujos da Escola Modelo”, e “Data Feliz”, poema feito sobre o 25.º aniversário do Natal-Club, e que foi recitado pelo Dr. Galdino Lima.

Sobre o amor o poeta não mais escreveu, a não ser quando alguém lhe encomendava versos, para ser enviados à sua namorada, pois, tais pedidos lhe eram quasi sempre feitos e, perfeitamente satisfeitos.

Publicado “O Potiguar”, a princípio jornal quinzenal, e, posteriormente, revista, pertencente à “Oficina Literária Lourival Açucena, em que se transformara a “Sociedade Literária 12 de Outubro”, Gotardo Neto consentiu que o seu nome figurasse, entre os elementos que constituíam o seu corpo redacional.

Da “Oficina Literária Lourival Açucena” faziam parte: Ponciano Barbosa, Jorge Fernandes, José Gobat do Nascimento, João Estevão Gomes da Silva, João Angione Costa, Josué Tabira da Silva, João Batista do Nascimento, Antônio Glicério, Ferreira Itajubá, êle Gotardo e o orador que vos fala.

Diariamente, á tarde, com exceção dos dias de domingo, reuniam-se vários sócios da aludida agremiação, na residência de Ponciano Barbosa, e, de lá, se dirigiam para uma das janelas da casa do professor Zuza. Ali chegados, encontravam Gotardo, na sala da frente, com as portas fechadas, de chambre, deitado, na sua rêda tradicional, havendo debaixo da mesma uma escavação circular por êle feita, em virtude do contacto de seus pés com o piso, para se balançar, de maneira que os tijolos se despregavam do solo. E, dentro daquela rêda, balandose sempre, sobre um livro, êle escrevia as produções que lhe eram encomendadas. Sempre a lapis. Vendendo-nos, Gotardo se levantava, e vinha para a janela conversar, perguntando sempre: “quem é o Cristo de hoje”? pergunta que significava: de vocês, quem é que, hoje, traz alguma produção nova? pois, naquele lugar é que era submetida á

apreciação do corpo redacional d' "O Potiguar" a matéria que teria de ser publicada, no seu próximo número.

Nêsse período, Gotardo escreveu versos admiráveis, sempre sonêto, inspirados na natureza, ou em outro fato qualquer, onde, porém, o amor não seria lembrado.

DESERTO ORIENTAL

Sol candente, e depois o deserto abrasado
Se estende como um campo inóspito e maldito,
Ruge o vento, e do branco areial infinito,
Foge o vago perfil do árabe cançado.

Em cima, o céu azul de mármore esquesito
Brilha envolto do adeus do poente ensan-
[guentado...
E segue a turba exangue o destino almejado,
Buscando, além talvez, algum pouso bendito.

E a noite desce... desce, envolvendo a
[montanha;
Freme ao longe, na bruma, a palmeira chorosa
E um profundo mistério a soledade banha...

Numa eterna expressão de eterno desconforto,
Como que geme ainda a Betânia Saudosa
E falam de Israel os trenos do Mar Morto.

N' "O POTIGUAR", publicou êle

A FLORESTA

Vive deserta e só, de folhagem despido
O velho cimo azul, dantes virente e belo,
Onde a cauân soltava o profundo gemido,
Sobre o ramo aromal do páu darco amarelo.

Cantava em cada fronde um madrigal sentido;
Pelas moitas, ao sol, quanto idílio singelo,
Quer desnudasse o outono o balseiro florido,
Quer o inverno caísse amortalhando em gêlo.

Outrora, era um prazer: virgens de sáia curta,
Como um grupo gentil de alados gaturamos,
Vinham, em bando alegre, á colheita da murta.

E, hoje, sem rouxinões, e, hoje, sem verdelinhos,
Vive apenas a dôr a palpitar nos ramos,
E a saudade a gemer pelos desertos ninhos!

E, sem sair de casa, Gotardo Neto, para esquecer
o amor que lhe fôra roubado e arrebatara, os primeiros
albores de sua mocidade, continuava bebendo,
bebendo, bebendo muito. E cachaça somente.

Raramente, seu pai conseguia o seu consentimento,
para que lhe cortassem o cabelo, ou lhe fizessem
a barba, de maneiras que, aos que o visitavam,
êle aparecia de cabelos crescidos, barbado, profundamente
pálido, macilento e edamaciado.

Inteligente, e reconhecendo que o termo final
de sua existência se aproximava, escreveu êle o soneto

MINHA CAMPA

Quero-a, entre moitas de rosais. Ao fundo
Triste cruzeiro humilde e suplicante,
Onde venha a pousar o mocho errante,
Cantando, á noite, a dôr do moribundo.

E ao pé da louza, como um ái profundo,
Á luz crepuscular do céu distante,
Deixem cair o orvalho fecundante
Dos olhos virgens que adorei no mundo.

Seja um soturno e calmo isolamento
Onde, por noites longas de amarguras,
Soluce a treva, ao palpitar do vento...

Junto — o cipreste um funeral cantando,
Na louza o nome da saudade escura.
E um serafim de mármore chorando.

Os desejos do poeta foram satisfeitos por sua família, pois, dois anos depois de seu falecimento, era publicado o “FOLHAS MORTAS”, cujo resultado monetário se destinava á feitura do seu túmulo, e entre

“as moitas de rosais”,
por êle desejadas, tendo um

“Serafim de mármore chorando,”

havendo, no mesmo, um pequeno quadro com o retrato do poeta, o qual, segundo afirma o historiador Câmara Cascudo, fôra ampliado, pelo professor Hosiílio Dantas, de um instantâneo que teria sido tirado em um *pic-nic*.

No dia 7 de Maio de 1911, quando os últimos clarões do dia desapareciam da superfície da terra, e as sombras da noite começavam a cair, falecia, nesta cidade, o poeta Gotardo Neto, na casa de residência de seu genitor, o Professor José Gotardo Emerenciano.

O seu sepultamento verificou-se, na manhã do dia seguinte, com um grande acompanhamento.

Na véspera de sua morte, escreveu êle o seu último soneto, denominado

PRESÁGIO

Ah! porque vida assim? Porque esta ingrata
Sombra a toldar-me a luz da mocidade?
Porque a treva em meu peito se retrata
E sorve o fel da angústia e da saudade?

Porque é tanto o rigor da soledade
Que os próprios sonhos atormenta e mata?
Foi-se o luar balsâmico de prata
E a morena ilusão da puberdade...

Tudo extinguiu-se ao sopro do fadário,
Como avança o suspiro funerário
Dos cedros fortes á radiosa umbela!

Sinto angústias, e um lugubre preságio...
Sem ver, ao menos, nesse atroz naufrágio,
O alvo aceno sinistro de uma vela!...

E com 30 anos de idade, faleceu o moço de cujo éstro muito esperavam as letras da terra que lhe deu o berço. E, efetivamente, muito teria êle produzido, se uma paixão mórbida lhe não tivesse minado o organismo .

O escolhido para meu patrono, nesta agremiação de homens de letras, não com o intuito de fazer um estudo crítico e demorado de sua obra poética, porém, para externar a admiração que sempre senti pelo vate, desde os tempos em que na “Gazeta do Comércio” trabalhava eu como tipógrafo, e prestar uma homenagem aos meus antigos companheiros da “Oficina Literária Lourival Açucena”, em cuja agremiação iniciei a vida literária que me trouxe a esta Academia.

Não fiz a crítica, como já disse, dos versos do poeta, que é patrono de minha cadeira, salientando os bons e fazendo a dissecação dos máus. Limitei-me a narrar a sua vida, da infância aos últimos dias de sua existência, na esperança de que, ao menos, servirá áquele que, futuramente, queira se preocupar com a história da literatura, no Rio Grande do Norte.

Gotardo Neto falecido tão moço ainda, vive, entretanto, na imaginação dos que com êle conviveram, e daquêles que, ás horas mortas da noite, banhados pelo nosso luar tropical, pelas ruas de nossa cidade, entôam os únicos versos seus, que foram musicados, os quais invocam

A mais bela das morenas
De minha terra natal.

Recepção ao Acadêmico Bezerra Junior

Discurso pronunciado no dia 13 de Agosto de
1943, na Academia Norte-Riograndense de Letras

ADERBAL DE FRANÇA

Há um preconceito contra as boas intenções e o mérito dos discursos acadêmicos, apontando-os como peças de brilho falso ou de estrutura artificial, fartos de convencionalismos e vasios de idéias. Assim também os considerou Musset. Mas se a Academia Francesa, onde o discurso de Renan recebendo Pasteur foi um dos mais notáveis e primordiais, lembrado por Medeiros e Albuquerque; se a Academia Francesa teve do imortal poeta julgamento desairoso, não tenhamos nós a pretensão de outro elogio sinão o de sermos visceralmente sinceros.

Corre para seis anos nos juntámos para fundar e manter esta Academia. O princípio associativo rege o destino dos homens que se entregam ás coisas literárias, sobretudo, e em geral, dos homens de espírito. A província teria que refletir a luz da metrópole, como Portugal mandou para o Brasil a lônia a influência dessas instituições, como lhe haviam chegado elas da Espanha, assim como esta conheceu os mesmos ideais de confraternização literária da França e da Itália.

A história das corporações de letrados ou amantes das letras é, porém, curiosa. Surgiram sob o prisma dos batismos fúteis e irrisórios. Até mesmo

a que se julga a mais velha na história, a Academia dos Humidos, fundada pelo florentino Mazuali, no suntuoso palácio dos Medicis. Vieram depois na corrente da imitação, ainda dentro da Itália, “Os Ociosos”, “Os Solitários”, “Os Gelados”, “Os Imóveis”. Na França, os salões da famosa marquiza de Rambouillet acolheram “Os Desconfiados”, “Os Generosos”. Até que em 1724 chegava á terra baiana a nossa primeira Academia: a d’ “Os Esquecidos”. Mandou-a criar D. João V para que se pudesse conhecer o nível do florescimento intelectual da província. Dela diz Pedro Calmon: “Profetas! Continuam como se julgaram absolutamente esquecidos. Muitos dêles com justiça: porque além de ruins poetas tiveram o mau gosto de limar em latim os seus sonetos. Um clássico latim epigráfico: aliás destinado a sepultar-lhes a memória.”

Informa Ernesto de Sousa Campos que, em matéria de Academias, as tivemos tão extravagantes como as de Portugal. Ora, também Richelieu se interessou por essas associações. E foi assim que alguns homens de letras de Paris se viram acolhidos pelo Estado, sentindo, todavia, perder a *feliz obscuridade* assinalada por Julleville, e que se traduzia naquelas modestas reuniões semanais da casa de Conrart (já tive ocasião de comparar com o acadêmico francês o nosso companheiro Luís da Câmara Cascudo, promovendo na sua casa as palestras que fizeram nascer esta Academia).

Bem viu o arguto ministro de Luís XIII que naquele punhado de intelectuais que iam fundar a Academia Francêsa uma fôrça havia a disciplinar em proveito dos destinos da pátria, por isso que, afirma Boissier, em vez de ser uma sociedade de intelectuais ou simplesmente de homens de letras da França, desde logo passou a representar um mais alto ideal: o espírito francês.

A Academia Brasileira de Letras, ao contrário, foi pedir o patrocínio, o amparo direto do Estado. Afirma Medeiros e Albuquerque um dos seus fundadores, que logo após a proclamação da República,

passou com Lúcio de Mendonça, também, como êle, com prestígio oficial nas secretarias de Estado, a pensar na criação da Academia. E que Lúcio de Mendonça, persistindo na idéia, levou-a mais tarde á realidade. Conta Carlos Pontes que Lúcio de Mendonça sugerira a Alberto Tôrres, então ministro da Justiça a criação da Academia, fracassando a tentativa diante da indecisão do govêrno. Informa então, o cronista que Alberto Tôrres, que “éra o menos acadêmico dos homens” ou fosse o menos convencional, para o fracasso concorrera, justificando a sua atitude a ideia de modelar a nova Academia pela dos escritores do tempo de Richelieu.

As organizações coletivas de letras têm as suas afinidades com as organizações individuais daqueles que se dedicam ao exercício da leitura. Elas esperam também o confôrto do pensamento externo, da opinião alheia, do assentimento da sociedade que as cerca. Têm também aquela espécie de fraquesa dos escritores que vivem do amôr, do ciúme das suas obras. Daquêle exemplo de Racine ou Descartes ou então da pilhéria com que Voltaire costumava sepultar a doce ilusão literária dos autores inexpressivos.

Não é necessário para nós outros, viventes da provincia, homens do silêncio e da pobreza, distantes das graças da prosperidade, a pretensão helenista, a evocação das velhas culturas, a prova de uma conquista espiritual á custa de sacrifícios para a constância dos nossos trabalhos. A nossa provincial Academia não tem a idéia de aspirar aquella vaidade de Napoleão que o historiador inglês Philip Guedalla põe diante de um argumento biográfico do Duque de Wellington: “Quando Bonaparte embarcou para o Egipto adquiriu á custa do povo francês uma rica biblioteca de poetas épicos para lêr na travessia Toulon-Alexandria. Mas o certo é que não leu nenhum deles...”

Rege-nos outra espécie de vaidade, aponta-nos outro rumo do dever social. A modéstia de hoje,

até mesmo o retraimento, reflexo de uma injusta indiferença, poderá explender na obra da construção. Estudando os fenômenos que influem nas diretrizes do pensamento brasileiro, Alceu Amoroso Lima, a certa altura da apreciação dos problemas econômicos, referindo-se á importância da política, em que assegura que o povo brasileiro é fácil de ser conduzido e plasmado, diz: "A tendência da estabilidade das instituições quasi que pode ser elevada entre nós, á categoria de uma lei do nosso desenvolvimento sociológico. Somos um povo eminentemente conservador e amigo de situações estáveis e duradouras. O que chega a *existir* tem enormes possibilidades de persistir".

Se se referia ás instituições políticas, como exemplo histórico do nosso temperamento e da nossa evolução, porque não ajustarmos o conceito do sociólogo á partícula da vida nacional, que é uma instituição de letras?

Perdoai-me, companheiros de Academia, a liberdade com que penso dizer aqui o que possivelmente já tendes refletido. Mas deixai-me lembrar: trabalhem com entusiasmo por este ideal que é esta associação de letras. Ela é um dos grandes e nítidos perfis da nossa tentativa de perfeição, um índice da nossa mentalidade, amostra do nosso bem querer ao Brasil, ao Estado e á cultura. E' um aspecto da nossa vontade perante a indiferença, o platonismo ou a ironia, uma força animica contra uma tendência estacionária. Ela conjuga, não todos (prouvera Deus que o fôsse!) mas alguns dos nossos homens de leitura e de erudição para o trabalho renovador e construtor, para a análise dos fenômenos que harmonizam o critério e a forma.

O espírito associativo deve ser nesta casa que nos emprestaram o mais forte penhor de interesse pela elevação e grandeza do nosso heróico patrimônio. Aqui se reúnem os afeiçoados da história, da poesia, do jornalismo, das lendas, do folklore, da prosa, do romance, do conto, numa convergência es-

piritual que não é de rotina, do snobismo ou da imitação.

Ha poucos momentos Bezerra Junior se ocupava da figura pálida, romântica e tranquila de Antônio Glicério, que repartiu os seus dias com a modéstia de uma oficina de tipógrafos, sem as glórias de Walt Whitman, e quando a morte o levou deste mundo a sua fisionomia resignada ficou na muda e imóvel moldura de um retrato, para a saudade dos que o conheceram e a homenagem a um que também soube cantar as máguas e as alegrias da vida.

O patrono de Bezerra Junior está agora integrado no círculo dos mortos ilustres que consolidam e guiam do fundo do passado os destinos desta Academia pelo elogio de um outro poeta. Aqui a poesia palpita na sua expressão mais pura e mais encantadora na obra dos patronos e no orgulho dos acadêmicos que ela escolheu para inspirar. Eram nove os nossos poetas. Quando a primeira emoção de tristeza fez a Academia verter a primeira lágrima, foi um deles que criou nesta casa a primeira saudade — Sebastião Fernandes. Estamos a vê-lo risonho, amável numa assiduidade de exemplo. Na sua figura esguia, nobre e simples, de uma forte simpatia, era um companheiro impecável pela atitude, pela distinção, pelo entusiasmo com que, já cuidadoso das traições da doença, transmitia aos mais moços e mais sadios a sua grande alma de amigo, o seu estímulo de escritor, a sua quente efusão de acadêmico, que era para mim uma glória e para a Academia um dos seus mais altos valores. Sebastião Fernandes era poeta. E poeta morreu sem um queixume, como se não lhe houvessem tocado a alma sensível as desilusões da vida, sereno e bom, confirmando os admiráveis alexandrinos da sua "Oração Quotidiana":

"Concede-me, Senhor! por toda a minha vida,
O dom de perdoar toda a ofensa sofrida,
E essa graça eternal de ser justo e ser bom."

Eu sou um amigo dos poetas, dessas criaturas privilegiadas que nos trouxeram os primeiros fulgores do romantismo, que nos encantaram com o seu simbolismo, parnasianos ou naturalistas, que cantaram como Castro Alves os direitos da raça e as alegrias do país, como Gonçalves Dias o esplendor da terra, como Bilac o império da carne na beleza da arte, como Martins Fontes os encantos da vida, como Augusto dos Anjos a dura contingência do Nada, como Segundo Wanderley o entusiasmo e a vibração, como Gotardo Neto o profundo segrêdo do amor, como Itajubá o pensamento se desfazendo em sonho. Eu admiro os poetas e louvo as suas escolas, até mesmo, e não muito além, o desvario irreverente do modernismo.

“Evidentemente, confessa Julio Dantas, os poetas têm o direito de fazer, no domínio da arte — como no domínio do amor — as concessões que quizerem”. Eles nos trazem, aos que não descobriram ou não alcançaram a virtude de fazer um verso os primores da emoção e da estética, o élo do passado, num bucolismo antigo, um quadro da meninice, uma tristeza renovada, uma saudade que ficou, um amor que fugiu, melancólico o caso que faz dos homens singulares líricos. Tudo canta o poeta, no seu caminho há sempre um turbilhão de imagens, um mundo de sonhos, uma torrente de amôres e de recordações. Dos poetas líricos, ardentes como sarga, que deixam na volúpia dos versos como Bilac deixou nos seus famosos “Tercetos”, um delírio de paixão, um momento de extase e de agonia, que Ronald de Carvalho concordou em que fossem uma concepção epicurista e sensual da vida.

Há sempre um sorriso na história dos poetas, uma doce ventura que passou, uma inquietação indefinida, quando não um sofrimento ou um desgosto, uma volúpia que acabrunha, aniquila e mata.

Sobre o soneto, na sua resistência heroica, disse Carlos Maul: “Uma das formas poéticas mais combatidas pelos modernistas, em toda parte é o soneto. Dizem-no estreito, compressor do pensamento, brin-

quedo de palavras, tornique das ideias, o diabo. Ele, porém, resiste ao impeto dos bárbaros, e parece que tem razões para não ter medo de morrer tão cedo. . .” Nem morrerá jamais. Os tercetos finais de todos os sonetos são o fecho da própria alma dos poetas, a emoção mais forte do seu amôr á forma e ao goso de sentir com êle a glória de um momento.

A poesia de Bezerra Junior aparece nos seus livros provincianos como joias engastadas em metal evidentemente impróprio. Ela não se enfeita com os pendões da publicidade empolgante, mas vive na ternura da sedução íntima, acarinhada com o zêlo de um criador que sente nela as palpitações da própria vida. Ele ama as inspirações da natureza agressiva ou amiga, penetra-lhe os mistérios e as vibrações, canta o esplendor e a soberba das matas, as tristezas da solidão, o bulício dos rios e a gargalhada das cascatas, a paisagem movediça dos açudes, as vozes do ermo. Êle canta, também, a eterna perfeição das flôres, a doçura das crianças, o sorriso e a alegria, a beleza e a graça das coisas, os caprichos da mulher, os romances de amôr, que êle transforma nos romances dos versos e das rimas.

Bezerra Junior mantém a sua poesia fóra dos perigos contagiantes com que o modernismo literário investiu contra os padrões da poesia contra a gloriosa existência do soneto. Não era e não é o sistema da renovação aplicado pelos remanescentes da antropofagia de alguns poetas paulistas, rebeldia que Graça Aranha levou ao cerne do espírito displicente da Academia Brasileira de Letras. Não destruiu o nosso confrade a pureza da sua inspiração, medida na estética do verso antigo, no modelo da poesia de linhas rígidas, mas onde o pensamento e o vigor do conceito saem mais ao poeta que ao sacrifício ou ao desamor da forma.

A sua exaltação não mudou, o ritmo não fugiu e o verso intacto domina no equilíbrio de um temperamento normal. E assim continúa Bezerra Junior a cantar, porque sente a glória de viver e a sempre vigilante emoção de amar.

Antônio Glicério

Discurso de posse, na Academia Norte-Rio
grandense de Letras, no dia 12 de Agosto de 1943.

BEZERRA JUNIOR

Parece-me que fácil tem sido aos colegas que me precederam nesta tribuna, o desempenho da leitura do elogio dos seus patronos, dada a riqueza de documentação encontrada para tal fim. Quanto a mim, tenho mágua em declarar que lutei com sérias dificuldades para angariar meios de fazer com que o pequeno trabalho que tenho em mão, viesse atender á expectativa desta Academia. Procurei, como era de meu dever, orientar-me pela obra do poeta.

Mas, que fazer si quasi nada encontrei a tal respeito?

Veio-me, todavia, ás mãos, o livro "Cantilenas", já muito dizimado, quasi reduzido a nada. Mesmo assim, colhi alguns versos, não como desejava, com que illustrei este humilde trabalho. Fiz o que pude, e aqui estou para dar desempenho ao que me foi imposto.

Acho-me, pois, aqui com o único objetivo de fazer o elogio de um poeta que já passou, o qual jamais se considerou um vulto da literatura na sua terra. Mas a posteridade a todos julga, mesmo a esses que foram considerados anônimos... a todos êsses que desceram aos pântanos da vida para deixar em cada sulco do seu passo uma fagulha luminosa brilhando na eternidade.

Todos têm o seu dia. Si os homens superiores de hoje são repudiados e esquecidos pelos demais, que importa, então? Si não são ouvidos agora, o seu destino está traçado como o de todos aquêles que passaram cantando as dôres de uma existência vazia.

Vós, entretanto, sabeis, senhores acadêmicos, o poeta, o escritor e finalmente o homem que se destaca pelo seu talento, está sempre distante de ser compreendido, dado o seu desprendimento, ás vezes, ás cousas mais sérias da sua vida. Creio que aqui mesmo nesta terra poderíamos citar casos que viriam confirmar esta verdade. O passado guarda com religioso respeito e acendrado carinho, a memória de grandes vultos que na penumbra dos seus dias muito fizeram pela sua terra. Aqui podemos citar os nomes aureolados de Manoel Segundo Wanderley, Gotardo Neto, Ferreira Itajubá, Auta de Souza, e outros, que são hoje glorificados nesta casa de imortais, e não somente aqui, mas em cada lugar onde sejam lembrados.

Infelizmente essa glória tardia nenhuma certeza deu aos grandes homens, de uma veneração póstuma, quando em luta aberta com as dôres do mundo, ocultavam-se de todos os outros para traçar em letras de ouro o ecúleo dos seus padecimentos.

Poucos nesta Academia cultivam a musa. Entretanto todos possuem um coração para sentir. Todos recebem inspirações de uma única fonte. Sendo a poesia a consagração da vida do sonhador, na alma humana nasce e desabrocha da mesma maneira que uma flôr mimosa emergindo de um pântano para em seguida embelezar os mais ricos salões. O homem que produz sente e vibra. A sua imaginação cria a grandeza que lhe inspira o Infinito.

Todo homem que sofre está muito perto da mansuetude poética. Luís Nicolau Fagundes Varela disse: — “A alma que sonha, que palpita e canta, não conhece compêndios.” — É uma verdade. Sendo a poesia uma emanção divina, penetra, como um

fluido, todos os corações que sabem compreender a severidade do destino. Desde os primeiros tempos a poesia vem enriquecendo a história, porque a história não é mais do que a narração dos feitos do homem em face á natureza. A poesia não nasceu da felicidade, porque a poesia é sentimento.

Entretanto, sendo a saudade uma espécie de tristeza, em certas horas acho-a tão propícia que considero esse mal um bálsamo para o coração.

Vós que sois versados em todos os ramos das letras, das artes, etc. lêstes, porventura Frederico Mistral? Conheceis o estro de Cezário Verde? A poesia é eterna como o Céu! Enquanto existirem as cambiantes de um ocaso cujos tons violáceos encerram a religiosidade do sonho dos desiludidos... Enquanto a criatura se extasiar diante do velho mar empolado e verde... Enquanto se escutar pelas sombras da noite um violão preludiando, a poesia viverá, empolgando os corações e embevecendo as almas. A poesia, senhores, entra pelo infinito.

Seja, embora, o poeta, um peregrino que não tem aonde encoste a cabeça, é, por isso mesmo, um privilegiado, que nasceu para apresentar-se ao mundo com a sua harpa como David, suavizando a melancolia das almas que se arrastam pelas sargêtas da desgraça, amparadas pelas sombras funestas das noites tempestuosas do seu destino na terra.

Trabalha para o futuro. Não penetra os domínios alheios, afim de arrancar o sentimento de estranhos.

Isso não representa modéstia, porque a simplicidade pauta-lhe todos os atos da vida, e a existência passa-lhe normalmente calma, silenciosa e mansa, como a corrente esquecida entre seixos na solidão dos desertos. Dai, para muitos, nasce o anonimato, a falta de ânimo, para arrojarem-se de corpo e alma á arena onde muitos se degladiaram na busca de um ideal.

Aqueles que nasceram com a faculdade de oferecer aos vindouros a seára da sua imaginação, enfeixando em obras imortais toda a grandeza do seu valor.

esses são considerados verdadeiros gênios, entretanto, ontem esquecidos, escarnecidos, ou tidos como plagiadores, e hoje admirados, lidos e cultuados pelas gerações estudiosas. Assim é a vida do intelectual. Assim é a verdade vista por mim.

Os grandes homens da humanidade foram aqueles que mal souberam compreender a razão de ser do seu exílio na terra. Portadores de uma missão grandiosa, viveram para o sacrifício, recebendo das mãos do destino o escárneo para mais ensombrar-lhes os dias.

Eu, pequenino como sou, mas que conheço profundamente as farpas das adversidades da vida, algumas vezes ergui-me cheio de sobresalto para medir os horizontes em tórno, terminava cedendo ao peso da dúvida. É tanto que das diversas ocasiões em que me assaltava o desânimo, procurando desforrar-me daquele pesadelo, gemia versos como estes:

CENTOPEIA

Dias há nesta vida escura e feia,
Em que o poeta abraçado ao lenho aflito,
Julga descrever às vezes do Infinito,
Perante a humanidade que o rodeia!

Concentrado na dor clama e pranteia,
Entre a plebe tornando-se proscrito
Do mais vil, mais cruel, talvez maldito
Comparsa desta imunda centopeia!

Mas vós que tendes nesta mesma estrada,
Um teto, um beijo, uma carícia, um sonho,
Visitai essa escura agua-furtada...

Ali vereis o apóstolo divino,
Em cujo olhar descobrireis risonho
O talento em contraste com o Destino.

Escrever mentindo é um sacrilégio do coração. Numa obra que se lança ao publico, está em grande parte a nossa alma estereotipada.

Agora, senhores, como um simples satélite vosso, mas que me coube, igualmente, esta nobre missão, quero fazer o elogio, não de um homem que nasceu sob um signo brilhante; não de uma criatura aureolada pela fortuna, mas de um simples rapaz que veio ao mundo simular felicidade cantando como Cruz e Souza, mas oprimido e ao mesmo tempo acalentado por uma esperança sempre mentirosa, acomodando-se, assim, á razão de ser de sua vida, estudando no imenso alcorão da Natureza, o meio de existir sem os atavios que a muitos couberam na partilha do Destino. Falo aqui de um antístite das musas, que não teve, ao nascer, nem o ouro, nem o incenso e nem a mirra mas talhado para as alternativas de uma existência passageira.

Antônio Glicério veio ao mundo na poética cidade de Ceará-Mirim, onde a Natureza opulenta palpita pelo gorgoeio das aves, pela canção do rio, pela beleza dos campos, oferecendo á criatura a poesia imorredoura das mais variegadas paisagens. Não sei dizer se no rosiclér da existência o poeta teve algumas horas de felicidade. A inocência não discute meios, visto não compreender o peso das adversidades, e nêssa contingência da vida a criança, desta ou daquela maneira, encontra meios de se julgar feliz.

Transportado para Natal, aos 9 anos, entrou para as oficinas da "A República", encontrando, para companheiros ali, Nestor Lima, João Estevão, José Mariano Pinto, José Alcino e outros. Já nêssa época Gotardo Neto e Ferreira Itajubá davam a vida pelo sereno de uma lapinha. E a felicidade existia de verdade. Os nossos bardos, com os preparativos dos dias que se aproximavam para o festejo das lapinhas, exultavam de esperanças e a vida corria-lhes amena e des preocupada.

Tenho conversado com alguns remanescentes

daqueles dias, e êles demonstram sentir gratas saudades de um passado que lhes pertenceu igualmente.

Antônio Glicério começou a sua vida literária, ao lado de Gotardo Neto, Ferreira Itajubá, Francisco Ivo e mais alguns. Isso mais ou menos no ano de 1903, conforme informações que colhi em algumas fontes que reputo verdadeiras. Essa constelação de almas escolhidas, fundou a Oficina Literária, a qual mantinha um órgão intitulado "O Potiguar". Naquela época, quando o progresso não havia ainda galvanizado a alma humana, impondo o preconceito, exigido pelo imperativo do momento... Naqueles dias felizes, quando o candieiro de querosene, recalcitrante aos embates do vento, pendendo da parede de taipa, alegrava as criaturas que se agrupavam na pequenina sala dos mocambos naquela época... quando nas lapinhas os poetas disputavam partidos, endossados pela paixão flamejante das lindas pastoras, cujos olhares cheios de vida abraçavam de amores os corações dos poetas...

Naqueles dias saudosos as letras frutificavam.

Correm os anos, os meses, os dias e as horas, mas o passado é um livro santo que encerra toda a lembrança dos momentos mais felizes da existência. Ninguém pode destruir do coração o resquício de uma felicidade que parece ainda sorrir á criatura que recebeu das mãos do Destino o condão de uma fé sagrada que ainda promete alegrias fugaces no seu caminho.

É dôce trocarmos idéas sobre o passado, porque nêsse afan de gosar ainda, sentimos na fronte enrugada já pelo pêso dos anos, o roçar das ilusões que passam de leve e se vão para não mais voltar, porque não podemos mais abrigá-las nas nossas almas que descem para o Nada, obedecendo a uma lei irrevogável.

A lembrança do passado é a tábua de salvação das almas que sabem venerar a esperança que ainda lhes resta na estrada da vida.

Antônio Glicério não conseguiu estudar, limi-

tando-se a sua illustração ás primeiras letras, tendo como professora a exma. Snra. D. Lúcia Nazaré Barbosa, que ainda vive, e como professôres de doutrina, primeiramente, o reverendíssimo padre João Maria Cavalcanti de Brito, de saudosa memória, depois os srs. Antônio Lustosa Cabral e o major Sinfrônio Barreto. Mas Antônio Glicério possuía o germen do talento de que mais tarde veio a dar provas. Até que um dia começou a versejar e o público consagrou-o como poeta.

Aqui está uma página sua, uma prova do seu valor:

Estes risos de amôr, feitos de arminho,
E esta essência finíssima de rosas,
Que desprendes das faces setinosas,
Cheias de mocidade e de carinhos,

Estas frases benditas e ditosas,
Como cantos de alegres passarinhos,
Que tu soltas ó flôr, quando sosinhos
Lemos nossas cartinhas amorosas;

Este orgulho que tens de ser tão bela,
Como a flôr desabrochando,
Numa manhã balsâmica e singela;

São predcados fulgidos e nobres
Que eu decanto sorrindo ó, minha amada
Nas pobres rimas destes versos pobres.

Na simplicidade encantadora destes versos, vê-se bem claro, o gênio do poeta, retratado na téla diáfana de uma illusão, que a todos, na quadra mais propícia da existência, afaga com os seus roseos dedos de saga, essa quimérica e estranha entidade, ao mesmo tempo cariciosa e lisongeira, que conduz a criatura ás paragens encantadas de uma vida romântica e ditosa.

Conheci de perto Antônio Glicério e vejo que este soneto encerra qualquer cousa além da sua i-

maginação, uma vez que a sua melancolia, denunciadora do seu coração pairava um pouco distante da sua alma de sonhador. Mas na verde estância da vida existem muitas variantes, por onde a alma, às vezes, absorta, vagueia, silenciosa, bebendo a inspiração estranha de uma nova poesia que lhe sorri, fascinando-a. Os poetas sabem muito bem definir êsse novo estado de alma, que constitui para o mundo um segrêdo e um mistério.

Antônio Glicério tendo nascido no interior do Estado, mas dali saindo criança ainda, é lógico que não tenha tido oportunidade para estudar nos ciclos da aragem do campo, a grandeza religiosa do panteísmo da Natureza... numa estância onde o rio reflête as côres de um céu quasi que constantemente azul. Onde o canavial coroado de penachos alvacentos aos embates da viração, como que sonhando preguiçosamente as carícias da grama esmeraldina dos vales desertos convida a alma sonhadora á meditação e á prece.

Dali saindo, o poeta veio residir perto do mar, nesta linda cidade. E o mar teve, um dia, o seu poema, quando o vate exclamou:

Si os mares ouvissem meus cantos perdidos,
— Funéreas canções de um descrente sem luz...
Talvez não deixassem seus longos gemidos
Ferirem meu peito que a magua traduz.

O poeta falou em descrença... Sim. O sonhador nada esperava, a não ser no lar querido, onde podia ocultar toda a sua aspiração irrealisável, ao lado da esposa idolatrada, êsse anjo consolador dos seus dias na terra... essa criatura que durante toda a vida aromatisou com a sua mocidade, com o seu afêto, com o seu beijo ardente, a existência vasia do poeta.

A descrença é o apanágio dos exilados deste mundo. Isso é um atributo que lhes pertence, uma vez que vivem sempre esperando, desiludidos, por uma ventura que não prometeu chegar.

É lógico que Antônio Glicério tenha tido oportunidade na vida de proclamar que sabia cantar; que a sua lira pedia a atenção dos homens de boa vontade, para poder erguer além das estrelas o nome da terra que fôra o berço de tantas glórias já, e que igualmente lhe pertencia!... Tinha, o poeta, necessidade de ilustrar-se e ilustrar o coração, para poder enveredar pela senda dourada de uma melhor ventura! Oh! o poeta desejava muito, e o mundo voltou-lhe o rosto!...

De decepção em decepção, mas sempre cantando, seguia o seu caminho, e as suas esperanças foram se dissipando uma a uma, até que desceu sobre a sua alma a noite tétrica da sua desdita.

No dia 21 de Agosto de 1918, quando o saudoso poeta contava já 37 anos de existência, nasceu-lhe Alba. Apesar de haver recebido das mãos da Providência essa dádiva sublime, sentindo já perto de si a sombra da morte, compoz á sua filhinha querida as seguintes quadras:

Minha querida filhinha,
Estes versinhos são teus...
Prá quando fores mocinha
Cantares nos anos meus.

Caminhas na bela estrada
Da vida, livre de espinhos
Enquanto eu vou para o Nada,
Mas cheio dos teus carinhos...

Tenho pena de, já velho,
Não ver-te alegre e mocinha,
Recebendo os meus conselhos,
Minha adorada filhinha...

No fim da vida funesta
Vieste, Alba, nascer,
Dando um sorriso de festa
A noite do meu sofrer...

Adeus, filha. Deus te faça
Sempre formosa e bendita,
No luar da tua graça
Minha alma canta e palpita.

Minha querida filhinha,
Estes versinhos são teus
Prá quando fores mocinha
Cantares nos anos meus...

E o saudoso vate termina repetindo a primeira quadra destes versos, como que lembrando, advertindo á filha querida, que na sua data natalícia, envez de invocar a tristeza, seria melhor cantar... mas, segundo parece, Alba não poderia passar esta data sombria sem experimentar o travo pungente de uma saudade. E Alba nasceu quando faltavam apenas 3 anos para o seu idolatrado pai falecer.

O poeta tinha razão. Quem se encontra em semelhante perspectiva, não pode trair seus sentimentos. Antônio Glicério esperava o seu fim, e somente êle poderia saber disso. É tanto que, á proporção que o tempo marchava, êle sentia a tenebrosa sombra do Nada envolver-lhe a fronte. Embora no seio da família simulasse felicidade e esperança. No Sonêto Últimos Sonhos, que adiante recitarei, vê-se a verdade destas palavras.

Alba não chegou a sentir a separação do seu querido pai, dada a sua pouca idade. Mas o poeta, êsse, sim, parece que o vêjo, alta noite, a mirar o rôsto da filhinha a dormir calma e feliz, enquanto êle, curvado sobre o leito da inocência, deposita de leve um beijo e uma lágrima na fronte daquele anjinho, que veio ao mundo, para bem cêdo experimentar o travo da orfandade.

Alba cresceu ignorando tudo isso, porque sòmente a noite profunda e silente testemunhou a dôr de um pai que sentia perto de si, muito perto já, o manto frio da morte cobrindo-lhe aos poucos o semblante.

Temos aqui mais uma prova do lirismo suave e

encantador dêsse bardo, cujo estilo faz lembrar Antônio Nobre. Parece que nestes versos o poeta decanta um antigo sonho que o Destino desviou da sua estrada, e que agora veio tangido por um capricho, ou casualidade, palmilhar, mais belo, mais vivo e mais perfeito aqueles mesmos caminhos já tantas vezes percorridos, tão conhecidos seus, tão amigos. Vejamos o que disse o sonhador:

DE RETORNO

Chegaste linda como um sol dourado,
Que vem surgindo quando rompe a aurora...
Tendo nos lábios êsse amôr de outrora
E o mesmo riso terno e apaixonado.

Chegaste, sim, com o coração guardado
Entre alegrias e ilusões, senhora;
Qual andorinha que de espaço em fóra
Viesse em busca de um ninho idolatrado.

Então, vendo-te assim, toda ufanada,
Brilhando a cada instante á luz amada
Desses teus olhos que a paixão não trunca;

Eu guardo na minha alma, terna e santa,
A flôr desta amizade sacrossanta,
Desta amizade que não morre nunca!

Agora vamos ouvir o poema que se segue, feito a uma menina, poesia esta que reputo entre muitas uma das melhores do poeta:

Quando Ana nasceu, quando o seu riso
De leve abriu-se á flôr da primavera;
E o seu olhar tão luminoso era
Como um celeste e claro paraíso;

Num dilúvio supremo de carinhos,
Onde canta a virtude e o amôr se encerra,
Eram as aves dos desertos ninhos
Beijando a rosa angelical da terra.

Quando Ana falou e as inocentes
Frases saíram da boquinha sua,
Como notas de cítaras, ardentes,
Sôltas em noites aromais de lua;

Toda a minha alma em perenais adejos,
Sem sentir agonias nem ressábios,
Vibrou cantos de luz deixando beijos
Na frescura sadia dos seus lábios.

Quando Ana cresceu, sempre cercada
De quimeras, de sonhos, de desvêlos,
Conservando a existência retratada
Na côr dos seus lindíssimos cabêlos;

Eu, com grandes saudades e lembrança
Dos meus dias em flôr, da infância minha,
Tive orgulho de vêr como a esperança
Ana sempre feliz, feito mocinha.

Hoje Ana, simpática, formosa,
Num concêrto de sonhos soberanos.
Canta alegre a canção maravilhosa
Dos seus gentis e perfumados anos.

Tendo embora no peito a nostalgia
E nalma tendo uma ilusão perdida,
Vão meus versos em grende romaria
Beijar a rosa do jardim da vida.

Esta é a poesia de Antônio Glicério. Simples, harmoniosa e branda. Êsse poeta, livre do estilo empolado, escrevia para todos os corações e sabia dizer para ser compreendido. Os seus versos são claros, amenos e doces, capazes de emocionar os corações mais endurecidos, mais divorciados da beleza da arte encantadora de Auta de Souza.

Escrever versos para agradar, é difícil. Mas cada escritor nasce com uma estrêla e dêsse signo depende a sorte de cada um. O nosso poeta recebeu da Natureza o condão de despertar a saudade na-

queles que o têm. Saudade digo, porque a saudade é um atributo que a todos pertence. Basta lembrar que todos têm um passado a recordar e nisso se encerra a existência de cada um na terra. Eu, pela minha vez, digo que possuo um coração propenso ao sentimento. Certa vez (lembro-me perfeitamente), achava-me pernoitando na serra do Martins, ha quasi cem léguas distante da Capital, quando o Gil Soares convidou-me para ouvir pelo rádio a hora da saudade da Paraíba. Não tenho pêjo em confessar que ao ouvir uma linda voz de mulher cantando uns belíssimos versos do nosso colega poeta Francisco Ivo — *Abre a janela, meu formoso lírio...* senti os olhos húmidos. E quem não sentiria como eu? Nessas ocasiões a criatura vê-se assaltada e logo dominada pelo sentimento. Isso é cousa frequente nas criaturas sensíveis.

Vejam os agora mais um lindo soneto de Antônio Glicério, intitulado Mãe:

Bendito coração. Alma nascida
Num doce lar feito de luz e rosas,
Onde as sonatas místicas da vida
Dão mais alento ás almas desditosas;

Bendito coração. Alma cingida
Pelas estrelas lúcidas, formosas,
Que recebe dos céus, agradecida
As benções imortais e luminosas;

Querida flôr, que nas manhãs douradas
Tanta beleza e tanta graça exprime
Dando perfume ás rubras alvoradas;

Para que esta alma triste te acompanhe,
Dá-me o fulgor imáculo e sublime
Do teu sorriso abençoado, ó mãe.

Os poetas levam grande parte da sua vida de ilusões, despertando tarde quasi sempre, para cair

na realidade, e essa perspectiva é bastante enganadora. A boemía arrasta aqueles que vêm na existência uma prova superior ás suas fôrças, e as dôres sufocadas pela entorpecência dos vinhos deixam, traioeiramente, a sua vítima dormir na ilusão de um sonho de esperanças, para mais tarde explodirem terríveis. Daí, então, a criatura vergada ao peso das amarguras tomba para não mais se erguer. Não é nos cubículos suspeitos que a inspiração se faz sentir. Não. A inspiração dimanando de uma fonte divina, jamais coaduna-se com a sargêta. A Natureza encerra em si o maior e mais precioso tesouro para os sonhadores colherem a inspiração. Nossa terra, a mais formosa do mundo, com o seu rio fuzilando á luz do sol... êsse mar que lhe beija as plantas derramando sôbre a faixa branca das praias encantadoras a espuma turbulenta das ondas; os ocasos, cuja poesia religiosa embevece os corações; a campina, os caminhos ladeados de flôres silvestres... Os sertões... as serras... tudo enfim constitui um precioso cabedal para o sonhador dizer nos seus poemas. Mas as ilusões são ingratas, transviam os poetas, acenando-lhes com um trapo verde de esperanças e êles, fascinados com o canto da sereia, naufragam e morrem.

Não condeno com isso a ninguém diretamente. Apenas, com a impressão da leitura dos versos de Antônio Glicério, pude ver que êsse bardo foi um boêmio triste, amante das serenatas e dos luares, rendendo um culto a cada ilusão que lhe acenava no caminho da vida. Pela linguagem dos seus versos, que são o espêlho da sua alma nota-se, todavia, um cunho de simplicidade que muito vem amaparar o seu prestígio de sonhador. Viveu pouco, mas esta circunstância não agrava-lhe a memória, uma vez que o seu físico sempre foi uma prova denunciadora de pouca saúde. Pálido, esguio e sempre com o semblante velado por uma sombra de melancolia, parecia assim que o círculo da sua existência estava traçado apenas para uma curta estadia na terra, cabendo-lhe a sorte de muitos outros sonhadores

que deixaram a vida em pleno alvorecer de uma existência promissora. Todos vós conheceis a vida desses homens que vieram ao mundo para seguir caminho bem diferente do que tomaram.

Não sei em que consiste a glória deste mundo, e uma vez que assim é, para que não procuramos amenisar as agruras da existência, inventando algo para enganar o tempo que corre livre e traiçoeiro? Dos poetas que sofrem raro é o que estuda. Pelo contrário, engolfado na dúvida de uma felicidade esperada, esquece tudo. A sua musa, nos primeiros dias das alvoradas da vida, corre amena, encantadora e deliciosa como a borboleta dourada que á luz do sol cruza os jardins enflorados. Depois, mais tarde, surge fria, anêmica e pobre. Porque isso assim? Os homens que empunham um instrumento mágico para arrancar do ouro do seu talento aquilo que de mais belo possui a Natureza, despreza a essência da pureza primitiva para rumar á charnéca, onde não floresce um lírio sequer.

Esse é o mal de quasi todos os poetas que sofrem. Uns até chegam a fazer como Antero de Quental, procuram termo aos sofrimentos dando um salto mortal para o Nada.

Eu que conheço de perto éssas cousas, procuro sempre desvencilhar-me das amarguras da vida, estudando, escrevendo ou contemplando a grandeza do Universo, representada pelo velho mar que temos sempre diante dos olhos, todas as vezes que procuramos compreender que Deus é Todo Poderoso. Diante do mar o homem deve olhar-se, olhar em torno a vêr a sua pequenez. A criatura se defrontando com êsse colosso, sente perto de si o fluido supremo do poder cosmico. Porque não estuda o homem a razão de ser de tudo isso, para chegar um dia a entender que a terra não lhe pertence, que a sua vida não é uma palha que se queime e desapareça? Devemos, portanto, acomodar-nos ao lugar que nos coube neste velho planeta.

Os poetas vieram ao mundo para cantar. Sòmente nisso se encerra a grandeza da vida. Cantan-

do, o poeta pouco sente o que se passa em torno de si. Estudando, compreende que uma vida que perambula pela terra, é necessária á cadeia do progresso coletivo, que marcha ininterruptamente para a perfeição e para a eterna sabedoria das cousas eternas.

Devemos sofrer resignados na terra. Creio que nenhum desses sonhadores que se rojam pelos estreitos quarteirões da vida que lhe coube terá mais razão do que eu, que daqui desta tribuna lanço inofensivas admoestações áqueles que receberam das mãos da Providência um dos mais sublimes atributos — o talento. Com o talento, o homem vence e se impõe entre aqueles que nasceram para sentir de perto as emoções.

Creio que os versos que já foram ditos, deram testemunho do valôr do patrono da cadeira que ocupo nesta Academia. Entretanto, para encerrar êste trabalho, é do meu dever trazer, ainda, ao conhecimento de todos, o último sonêto do poeta, cujo éco pungente representa o canto do cisne.

Últimos Sonhos, é o seu título.

Cala-te, musa! Não vês? Estou tão doente...
Não posso cantar mais como cantava
Outrora. Hoje, minh'alma unicamente
Vive da dôr e da saudade escrava.

Ontem ditoso fui. Muito gosava
À luz de um grande amor, feliz, ardente,
Que na estrada da vida, docemente,
Entre santas carícias me levava.

Cala-te, musa! Eu sinto a morte perto
De mim. Já não sou mais quem dantes era,
Sigo um caminho lugubre e deserto!

Os meus dias eu vejo consumados...
E um esguio cipreste alí me espera,
No campo silencioso dos finados.

Antônio Glicério partiu para Santo Antônio do Salto da Onça, a procura de melhoras para a sua saúde, no dia 13 de Maio de 1921. vindo a falecer no dia 5 de junho desse mesmo ano, contando apenas 2 dias da sua partida ao seu falecimento. Como vemos, nasceu Antônio Glicério no interior e no mesmo interior fechou os olhos para sempre á luz da vida.

Os seus restos mortais descançam na cova rasa de um pobre cemitério de aldeia lá onde a tristeza é mais pungente e o luto da noite é mais profundo.

Tomei a liberdade de transcrever do livro "Poetas do Rio Grande do Norte", organizado pelo saudoso Ezequiel Wanderley, o seguinte a respeito de Antônio Glicério:

— Natural do Ceará-Mirim e filho de Francisco das Chagas e D. Sancha Conceição, nasceu Antônio Glicério a 2 de Julho de 1881.

Vindo para Natal, muito moço, dedicou-se á profissão de tipógrafo, trabalhando, durante alguns anos, nas oficinas da "A República".

Deu colaboração a diversas gazetas, já desaparecidas.

A 16 de Maio de 1911, casou com D. Leopoldina Matos.

Se Deus o tivesse ajudado e a boemía o permitisse, teria feito a publicação de um livro de versos a que dera o nome de Cantilenas.

Ultimamente ocupava um modesto cargo público no Grupo Escolar Frei Miguelinho dirigido pelo Professor Luís Soares.

Expirou na vila de S. Antônio, deste Estado, a 5 de junho de 1921.

Saudação ao Acadêmico Câmara Cascudo*

AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Designado para saudar o sr. Luís da Câmara Cascudo, em nome da Academia, nesta solenidade de sua posse na cadeira nº. 13, desejo agradecer, de antemão a generosidade e a distinção dos meus nobres confrades, chamando-me ao desempenho de tão elevado mandato; mandato, permiti que vo-lo diga, bastante lisongeiro á vaidade de quem nêle investido, embora nem por um instante sequer deixasse de ter presentes, no espírito, a responsabilidade e as dificuldades que essa missão envolvia.

Estamos diante, meus senhores, de uma das mais poderosas e sugestivas organizações mentais de escritor patricio, dono de uma obra séria, meticulosa e de natureza vária, e nome que já se projetou além mesmo das fronteiras culturais do Brasil.

Historiador, folclorista, etnógrafo, cronista, professor, jornalista, — para citar apenas os aspectos mais relevantes de sua personalidade e de suas atividades, — o sr. Luís da Câmara Cascudo, porque escapa justamente ás limitações estreitas da unidade, não facultando pela sua constante mobilidade, que o encaremos de um só ângulo ou de um ponto de vista intransferível, é uma condição intelectual de difícil esquematização.

Como se ampliavam e fugiam, por isso mesmo, ás minhas possibilidades de captação e construção objetiva as suas complexas proporções, quando da feitura deste discurso, a ser composto sob os cano-

nes das tradições e normas das recepções acadêmicas, isto é, com a evocação e o exame da obra do ilustre companheiro!

Recordava que havia lido, certa vez, de Stuart Mill: “saber é classificar”. Servir-me-ia esse conselho do filósofo como fio de Ariadne na jornada que deveria empreender, através e á margem da produção desse infatigável trabalhador de letras?

Sob esse critério, tomado ás regras cartesianas, comecei a tarefa de esboçar-lhe o perfil, numa série de instantâneos apanhados de sua vida e de seu labor espiritual.

Peço-vos, antes de mais nada, excusas da maneira por que assim a conduzi, utilizando uma ordem de assuntos e visões em que, de permeio com a obra do escritor, se encontram íntimas impressões do conhecimento individual.

O PROFESSOR

Já vos disse, uma noite, sr. Luís da Câmara Cascudo, numa festa com que intelectuais e amigos vossos, de Mossoró, ali vos homenageavam, que a minha satisfação de interpretar dos sentimentos dos que déla compartilhavam, era tanto mais radiosa quanto nem sempre é dado a um discípulo poder falar diante do mestre.

Porque foi assim o meu primeiro contacto com-vosco. Antes do escritor, do etnógrafo, do folclorista, — eu me aproximei do professor.

A cátedra de História do Brasil, no velho Ateneu, sob vosso comando, era em 1930, por exemplo, quando por ali passei, o encanto entusiasta de vossos alunos e da escola inteira, porque os vossos métodos e as vossas lições como que ultrapassavam os círculos normais da classe, atraindo rumorosamente a juventude dos outros setores e gráus do curso de humanidades.

Eu mesmo já com o meu exame da matéria feito, no ano anterior, no Recife, quantas vezes não entrei a ouvir-vos as preleções, a integrar-me no

grupo fascinado dos estudantes que vos seguiam o desenvolvimento dos programas!

Como se explicava essa sugestão? Por que esse sortilégio? É que, ao amplo conhecimento da disciplina, á noção pessoal dos diversos problemas históricos, surgida das análises, investigações e meditações próprias, á erudição farta e acessível, juntáveis algo mais cuja verificação constituía, para os estudantes, motivo de alegria e admiração.

Desprezando a lição de Von Ihering, para quem a História não passava da narrativa sêca e simples dos fatos consumados, quebráveis um tabú e um preconceito ainda hoje tão arraigados, nos costumes e hábitos da vida educacional brasileira: o do professor áspero e dogmático na sua cadeira, o professor mecânico e por assim dizer despido de humanidade, o professor para quem o ensino de sua ciência assume rígidas perspectivas burocráticas, mumificadas, impessoais.

Nas vossas mãos, a História significava em verdade, aquela “inteligência do passado”, a que aludia Jacques Bainville, — um elemento claro, vivo e prodigioso, porque vós a animáveis de vossa exuberância cordial, e era quasi com espanto que sentíamos o mestre tão ao alcance de nosso gesto, pela íntima preocupação na diretriz dos nossos estudos, pela atmoféra de compreensão e solidariedade que estabelecíeis entre a cátedra e os bancos escolares, pela liberdade de iniciativas e de interpretações que permitiéis e facilitáveis aos vossos alunos, na explanação e no debate dos sucessivos temas.

O HISTORIADOR

Com naturais e lógicas transposições de métodos, sr. Luís da Câmara Cascudo, há sido aquela também a vossa trajetória de historiador: a História concebida não como a fácil coordenação cronológica de textos descritivos, mas a História sob fundamentos racionais, a História segundo a noção de sua “utilidade”, dos juízos de Salustio, e o intuito pri-

mordial de Tito Livio, de reviver o passado como um exemplo e uma experiência.

Ai estão os vossos livros e as vossas teses, — “A Intencionalidade do Descobrimento do Brasil”, “O Marquez de Olinda e o seu Tempo”, “O Conde d’EU”, “Lopez do Paraguai”, “O Doutor Barata”, “História do Rio Grande do Norte”.

“A Intencionalidade do Descobrimento do Brasil”, tese com que vos candidatastes á cátedra de História do ex-Ateneu, corrige, incisivamente, um falso pressuposto, tão alicerçado e propagado nos nossos compêndios didáticos, que já adquirira até fóros de cidade, acompanhando-nos pela vida afóra... Oficialmente, o fato se explicava e admitia, sob aquele ponto de vista da casualidade, seja o envolvimento da esquadra de Pedro Álvares Cabral pelas correntes submarinas, seja a calmaria das costas de Africa impelindo os navegantes para o ocidente, resultando no encontro auspicioso com a terra desconhecida.

Perante a douta congregação do secular estabelecimento de ensino público, na disputa de um concurso, viestes afirmar o contrário, viestes provar numa autêntica lição de mestre, corajosa, lógica e documentadamente, nesse primeiro mais responsável debate do problema, a inconsequente e frágil dialética do persistente logar-comum, hoje absolutamente insustentável.

Que vos teria seduzido o espírito, que vos teria provocado a sensibilidade, em favor do estudo da figura do regente Pedro de Araújo Lima? Pouco haveria, certamente, a esmiuçar e a revelar ainda dessa vida obscura e modesta que modelou, entretanto, serenamente, alguns rumos definitivos do Brasil Imperial; pouco interesse despertaria, talvez, um livro sobre esse estadista, sem o prestígio dourado de um Nabuco de Araújo, sem os ardentes tumultos de um Feijó, feito por um escritor de provincia, sem auxilio e estímulo, embora já com uma segura reputação, mas assim mesmo longe dos arquivos e das

bibliotecas essenciais ás consultas necessárias, longe das *côteries* intellectuais da metrópole...

Lançastes-vos, contudo, á aventura. De que não falhastes na taréfa, bastaria que eu reproduzisse aqui o julgamento do Conde de Afonso Celso sobre o vosso “O Marquez de Olinda e o seu Tempo”: “biografia artística e sólida, qual um momento”.

Em realidade, a obra que compuzestes, segundo confissão vossa, sem acreditardes existir para ela editor nem público, e apenas com o encanto de evocar todos os velhos ministros, o Imperador, as eleições, a lealdade, o brilho, a graça, o perfume dum ambiente que não conhecestes e do qual viveis exilado, — a obra que compuzestes, repito, superou as vossas modestas avaliações, e já hoje não será possível aos estudiosos recusar, no exame do dramático periodo das regências, a colaboração lúcida e honesta que aquele volume representa.

“O Conde d’EU” é um dos testemunhos mais nítidos de quanto prezais e reivindicais, como historiador, a justiça da História.

Das páginas que dedicais a esse neto de Luís Felipe, a esse descendente da casa ilustre de Orléans, que as contingências do destino político haviam tornado príncipe consorte num exuberante império tropical, que então atravessava uma época exaltada de jacobinismo, as suas virtudes e o seu caráter, o senso de honra e de dignidade, a bravura e o equilíbrio de bom brasileiro avultam e se consolidam.

A seu propósito, escrevia-vos, em novembro de 1933, o eminente historiador e político sr. Pandiá Calógeras: “Uma nobre biografia que vale por uma reparação histórica e por uma obra de justiça. Fui muito amigo dêle, por tradição de família, e por isso, posso avaliar quanta justiça, que lhe foi negada nos tempos do Império, o seu livro lhe fez”.

“Há, no Exercito”, — continúa o autor realista da “Formação Histórica do Brasil”, — “uma expressão corrente, com que se designa todo aquele a quem, em vida, se não faz a justiça devida. O Conde d’Eu pertence a essa grande família dos “injustiçados”.

E, no final: “A única cousa que lastimei foi ser tão curto o seu livro”.

“Lopez do Paraguai” é uma atitude franca e sonóra, para usar adjetivos tão de vosso agrado, de mosqueteiro e de esgrimista dartagnanesco.

Contra um grupo de intelectuais sul-americanos, teimósons no provar modelos cívicos e predicados sociais em quem se esbaldou nas demonstrações mais positivas de egoismo, orgulho e loucura, saístes á arena e jogastes o vosso cartel de desafio. A arrogância do gesto se corôou de nobres intenções reverentes e patrióticas: “Este livro é dedicado á memória altíssima de todos quantos souberam morrer em defesa ou ataque ás bandeiras do Paraguai”, — inscrevestes, votivamente, no limiar de vossa obra, para a qual Rocha Pombo e Escragnolle Doria escreveram, especialmente, uma carta e um perfil, e que é bem o espelho em que se refletem, sem exageros ou deficiências, os sombrios contornos do caudilho.

“Obra de paixão, de nobre paixão brasileira, esse livro é uma justíssima e vingadôra resposta aos O’Leary e aos Carlos Pereyra. Só a vibração de um poeta, de um escritor de raça, como V., poderia reivindicar os altos direitos do nosso generoso passado”, assim dela fala a voz lúcida de Ronald de Carvalho, em correspondência de 17 de outubro de 1927.

Um dia, sr. Luís da Câmara Cascudo, já bacharel formado, descobristes, com surpresa, que tinha havido um outro doutor Barata, em Natal, e que dêle decorria diretamente, e não do doutor Afonso Moreira de Loiola Barata, por maiores méritos e relações que êste arrolasse, a designação de nossa principal artéria da Ribeira.

Decididamente, essa simples constatação não bastava á vossa curiosidade ingenita, permanentemente mobilizada e sequiosa de razões últimas.

Malbrough s’en va-t-en guerre,

Dieu sait quand il reviendra...”,
canta uma velha canção.

Assim, também partistes em guerra, no roteiro do esquecido e ignorado personagem; e gastastes —

como lá está dito na introdução de vossa *plaque*, — todo um periodo de vossa vida humilde em reunir os traços de sua história, “na vida em pedaços repartida...”

Quem era êsse outro doutor Barata? Que trouxestes de volta?

Êsse outro doutor Barata (Cipriano José Barata de Almeida) é uma das mais singulares figuras de toda a história política brasileira dos fins da Colônia e dos primeiros anos do Império. Forneceu-nos, dêle a vossa arte de retratista psicológico, uma “agua-forte de linhas admiráveis, nervosas e impressionantes.

O baiano pequeno, irritável, ardente, tempestuosamente nacionalista, mentalidade e temperamento plasmado ao influxo das ideias revolucionário-democráticas de 1789, — grandes, humanas e imperecíveis ideias em verdade — era, assim, uma espécie de *sans-culotte*, de *montagnard*, de convencional irreduzível, que teria votado inapelavelmente pela decapitação do rei, — perdido no ambiente conservador e rotineiro de uma colônia lusa. Deputado às câortes de Lisbôa, jornalista, panfletário, tribuno, agitador, teve a existência pontilhada de quixotismo, hábitos inadapáveis, atitudes rompan-tes, gestas de altivez e insubmissão, detenções em calabouços, ditos chocareiros.

Os títulos de seus jornais, panfletos e manifestos indicam o lutador agressivo, teimoso, incoercível, que sabia de cór os versos satíricos de Gregório de Matos e cujo soneto contra Pedro I e os portugueses tem êste fêcho, lapidar para a própria definição do homem: “quem vê um imperador, vê um tirano”.

Marat gostaria daqueles títulos: “Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco”, “Sentinela da Liberdade á Beira do Mar da Praia Grande”, “Sentinela da Liberdade na Guarita do Forte de S. Pedro da Baía de Todos os Santos”...

Morto a 1.º de junho de 1838, aqui em Natal, onde chegara em princípios de 1837, e onde a vida como que lhe amainou, voltado para o ensino de hu-

manidades, professôr de francês no Ateneu, visitando enfermos, distribuindo remédios, e amigo íntimo do presidente Parrudo, teve, em vós, sr. Luís da Câmara Cascudo, justamente noventa e nove anos depois, o biógrafo minucioso que estava a reclamar, numa brochura editada em 1937, pelo Govêrno do Estado da Baía, sua terra natal.

Vi-lhe, há alguns dias, a máscara robespierrea-na, numa litografia antiga. Os traços fisionômicos animam-se de graves e concentrados lampejos, sob a longa e ondulosa cabeleira branca... Pensei, então, na amargura de exilado, que deveria "*rétrecir*" a alma daquele intransigente *ami du peuple*, egres-so do Terror e do Comité de Salvação Pública...

Conta Michelet que, defronte do Arco do Triunfo, um dia, em Paris, sonhou conhecer a história, não só do Imperador e de seus marechais, mas do grande povo, da tentacular e imensa massa obscura, cujos sofrimentos e heroísmos são a substância do monumento.

Parece-me, sr. Luís da Câmara Cascudo, que essa visão do preclaro historiador encerra muito da vossa compreensão da tarefa, do dever do historiador, e bem pode constituir o signo sob o qual se há construído uma de vossas últimas obras.

Na "História do Rio Grande do Norte", atualmente em impressão, ressaltam magnificamente todas aquelas idealizações.

Não se trata de uma história de heróis isolados, de heróis dando nome aos capítulos, de heróis, á maneira carlyleana, ordenando inteiramente o caminho das gerações. Néla, ao contrário, fremem e a-gem os complicados e difusos organismos comuni-tários, na tessitura do lento e maravilhoso "proces-sus" da civilização. Qualquer coisa como a tortura e o sofrimento das raízes, qualquer coisa como os anônimos e desconhecidos alicerces, — sem os quais, porém, não seriam possíveis a beleza das rosas e o milagre dos frutos, — o levantamento e a perma-nência do edifício social, afirmando-se, resistindo, avançando...

Antes, em “Governo do Rio Grande do Norte” numa obra de sistematização cronológica e biográfica de todos os capitães-móres, presidentes provinciais, governadores republicanos e interventores federais desde aquele longinquo e audaz Manuel Mascarenhas Homem, no rude ano da graça de 1597, já haviéis padronizado o cadastro autêntico da sucessão das nossas chefias executivas. — obra que retifica velhas noções, completa dados insuficientes, sitúa os legítimos períodos, esclarece, amplia, ordena.

O vosso perfil de historiador não estaria bem acentuado, entretanto, se esquecêssemos as profundas virtudes de paciência e equilíbrio, de probidade e exatidão intelectuais, que o condicionam.

Se vos exalta, como a Valéry, a “vontade de lucidez”, também é muito vossa a concepção de que “pas de documents, pas d’Histoire”.

Tenho sido, por mais de uma vez, testemunha das vossas pesquisas, das vossas buscas infinitas em alfarrábios, antigos livros, empoeirados arquivos, dominado pela paixão da minúcia e do detalhe esclarecedor. Proclamavam os Goncourts: “o epíteto raro, eis a marca do escritor”. Vós poderíeis parodiá-los: a fonte, o documento autêntico, eis as legítimas credenciais do historiador.

Estas três mensagens, por vós recebidas, duas da França outra da União Soviética, denunciam o prestígio e a expansão do trabalho do investigador e do erudito.

Nous compterons en vous un collègue savant et actif. Vos travaux enrichiront noble Société des Américainistes”, comunica-vos, de Paris, o General Louis Langlois.

“Je vous prie de croire que les colonnes de la “Révue Internationale de Sociologie” vous sont ouvertes” diz, da Universidade de Bordeaux, o professor Gaston Richard.

J’ai fait une exposé sur votre oeuvre dans le cercle géographique d’ici, spéciale pour les écoles de la ville sur la découverte de la “terra de Santa

Crúz”, informa-vos o professor A. Schepotiev, de Krasnodar, no Caucaso.

O ETNÓGRAFO

De vossas atividades de etnógrafo, não são menos expressivos os títulos e depoimentos.

“Em Memória de Stradelli”, por exemplo, mandado editar, em 1936, pelo Governô do Estado do Amazonas, aliás sob o vosso desejo manifesto de nenhuma compensação material, com a reversão de quaisquer resultados financeiros em benefício dos leprosos amazonenses, é um sólido ponto de referência, a cujo respeito o professor Percy Alvy Martin, da Universidade de Stanford, Califórnia, assim se referia: “Seu trabalho é um modelo biográfico no gênero”.

Durante ano e meio, jogando com elementos incertos, raros, difíceis, que vos exigiram supremas reservas de paciência e fervor, para não desistir, fostes juntando as peças olvidadas e perdidas que compunham a estranha e perturbadora individualidade desse fidalgo italiano, de velha aristocracia lombarda, nascido na senhorial cidade guelfa de Piacenza e morto no leprosário de Umirisal, perto de Manáus, após meio século de sonhos e lutas aventurosas nas regiões da Amazônia, movido por um mágico *élan* de conhecer, compreender e admirar.

Percorrendo-vos os capítulos, tocados de larga simpatia humana, pelo vulto surpreendente desse Stradelli, cujos stendhalianos itinerários, como que de todo entregues ao sabor da imaginação e do instinto, desnorteiam, e que foi, como o classificastes, “um Humboldt sem programas, fazendo uma marginalia do “Cosmos”, quasi o sentimos e amamos como a um personagem de novela. Não seria, aliás, sem acentuadas razões, que acabariamos até por aceitar a lenda explicativa de sua presença no Brasil, recordada pelo padre Tastevin: a de que, infeliz no casamento, tinha deixado família, pátria, religião,

para entranhar-se no deserto das florestas virgens do Amazonas.

E' absorvente, nos seus detalhes e no seu desfecho, a história de Stradelli.

A vossa "Memória", sr. Luís da Câmara Cascudo, se nos restitui o explorador, integro e sensível nas suas íntimas peculiaridades, fá-lo, todavia, também em função do ambiente em que êle mais viveu a sua profunda e extensa experiência.

Stradelli observou e registrou aves e fêras, costumes dos seringais, grupos indígenas, lendas e tradições, enveredou á cata de desconhecidas nascentes de rios, estudou e aprendeu o nhengatú; talvez mesmo o seu máximo esforço haja sido no sentido da elaboração de um vocabulário nhengatú-português e português-nhengatú, publicado três anos após a sua morte, em 1929, documento amplo e generoso de sua plena identificação com a terra inculca que amava, e a que, por um destino pitoresco, chegou a servir em cargos burocráticos da magistratura.

Nos seus livros, nas suas comunicações, nas suas notas de viagens, contém, assim, um precioso repositório, e o vosso volume, sr. Luís da Câmara Cascudo, resume, ainda, excelentemente, toda essa documentação honesta, arrancada ao vivo e ao original.

"O depoimento de Koster é o primeiro, cronologicamente, sobre a psicologia, a etnografia tradicional do povo nordestino, o sertanejo no seu cenário. Depoimento completo, apaixonado de pormenores, rico de côr, de movimento, de notícia", — afirmais sr. Luís da Câmara Cascudo, a certa altura do prefácio escrito para a vossa tradução do "Travels in Brazil".

Efetivamente, em face de Henry Koster, o "exato Koster", como o chamava Richard Burton, filho de ingleses, nascido em Portugal, falecido de tuberculose, no Recife, provavelmente em 1820, — estamos em contacto com o indispensável informador das variadas manifestações de atividade humana, nestas

nossas regiões nordestinas, em determinado momento de sua evolução.

Não foi, no Brasil, êsse sudito da corôa britânica, um observador “oficial”, “autorizado”, não teve, como salientais saborosamente, “a obrigação técnica de vêr, desenhar e regressar á Pátria, com bichos, folhas e relatórios”.

Curioso e enamorado da terra tropical, aproveitou, entretanto, os ócios e vagares de eterno convalescente. Morando em Pernambuco, onde procurou vincular-se aos hábitos e usanças da colônia, viajou a Paraíba, Natal, Mossoró, Fortaleza, São Luís do Maranhão, Alcântara. Por onde passava, teve compreensivos olhos para ver, gosto para considerar, papel para anotar, Nada lhe foi estranho: as figuras e as condições e reações do meio, pássaros, animais, árvores, bruxarias, alimentação, festas, organização social, escravaria, anedotas, estatísticas, comércio, política, superstições, paisagens, as cidades, o sertão. Em Londres, de 1815 a 1816, porque lhe pediam, coordenou o “trabalho” em volume.

Por mais importantes que fossem êsse inglês e seu livro, não estaria eu, todavia, aqui, a falar-vos de ambos, se desde 1942, não estivessem êles para sempre ligados ao vosso nome e ao vosso labor de erudito e beneditino da pesquisa etnográfica.

Encarregando-vos da tradução e comentários do “Travels in Brazil” para a sua coleção “Brasilianna”, a Companhia Editora Nacional realizou uma iniciativa de marcantes repercussões. Porque o Koster que nos destes não revêla apenas o tradutor meticoloso e fidedigno, de um livro de necessária divulgação. Os milhares de anotações com que o enriqueceastes, o revalorizam de novos e positivos elementos de interesse, conhecimento, atualidade.

O FOLCLORISTA

Chego, neste instante, ao *climax* deste meu esforço, desta minha tentativa de “aproximação”, no

sentido que a este vocábulo empresta Charles Du Bos, com a vossa pessoa e a vossa obra.

Nesse domínio da cultura, — o Folclore, — vos constituístes, de maneira irrecusável, a nossa mais autorizada categoria intelectual. Lembro os julgamentos e referências de um Levy-Bruhl, de um Miguel de Unamuno, de um Ralph Steele Boggs... Fala o emérito *sorbonnard*: "...jeune et brillante maitre dans le Folk-Lore americain", o mestre da Faculdade de Salamanca confessava que, em vossa obra, enxergava "...una vision movimentada y colorida dans le Folk-Lore brasileiro"; o professor da Universidade de North-Caroline, Chapel Hill, assim, se exprimiu "... is an able and discerning folklorista with literary *sensibilité*". Poderia alinhar outros ainda, não menos consagradores. E salientese, desde logo, que alguns dos volumes que mais não de contribuir para o fácil reconhecimento dessa vossa posição no plano da inteligência nacional, se encontram nos prêlos das livrarias do sul. Cito-lhes as denominações: "Geografia dos Mitos Brasileiros", "Contos Tradicionais do Brasil", "Lendas do Brasil", "Literatura Oral", a fazer parte integrante da "História da Literatura Brasileira", em 10 volumes, iniciativa do editor José Olimpio, sob a direção do crítico Alvaro Lins, "Antologia do Folclore Brasileiro" e "Os Melhores Contos Tradicionais de Portugal".

A obra divulgada, porém, já demarca as proporções do mestre.

Não vos guarda segredos ou mistérios, sr. Luís da Câmara Cascudo, o maravilhoso e tumultuário território da ciência folclórica.

Tornou-se êle, aliás, como que o país ideal, o reino de Passárgada onde se expandem mais livre, amorosa e generosamente, as vossas inclinações, as vossas específicas tendências espirituais.

De vossas viagens a êsse mundo de fábula e dos vossos contactos com a sua população surpreendente, retornais sempre com os braços repletos de preciosa colheita, para a nossa edificação e o nosso encanto.

Partindo da compreensão e da aceitação do

conceito de João Ribeiro, de que o folclore é “uma pesquisa de psicologia dos povos, das suas idéias e seus sentimentos comuns, do seu inconsciente feito e refeito secularmente e que constitui a fonte viva donde saem os gênios e as individualidades de escól”, — não vos emaranhais, entretanto, sem predeterminadas diretrizes racionais, no móvel e difuso elemento.

Desde “Vaqueiros e Cantadores”, que vos custou 15 anos de pesquisas e anotações, a vossa marcha se fez no rumo do folclore-ciência, que exige disciplina, método, estudo, interpretação, comparação, á semelhança dos modernos sistemas norte-americanos e inglêses, dada a sua importância para o conjunto das ciências psicológicas, morais, religiosas. E não o folclore simples manifestação do pitoresco, do exótico, do engraçado, do turístico, mesmo porque, — já o indicastes, — ninguém é menos engraçado do que um Frazer, um Stith Thompson, um Boas, um João Ribeiro.

Diante dessa legítima “gaia ciência”, de enfeitiçantes amavios como a dos trovadores e poetas mediáveis, vos comportais, assim, como diante de uma austera substância matemática. Para bem aprendê-la e manejá-la nas suas ilimitações e superposições, começais por ajustá-la em fórmulas concretas. E dentro desse binomio, — literatura oral, compreendendo os fenômenos espirituais, poesia, prosa, música, orações, — e etnografia tradicional, isto é, o homem descrito pela tradição, pelos hábitos, não pela ciência, em relação com os seus semelhantes e com o meio, — dentro desse binomio, insisto, onde palpitam o coletivo, o geral, o anônimo, o quotidiano, todas as formas vivas atuantes, instintivas, lendas, crenças, surperstições, usos, adivinhações, provérbios, todas as “constantes” da normalidade da vida humana, no tempo e no espaço, — seguís o vosso deslumbrado roteiro.

A “Sociedade Brasileira de Folclore”, que fundastes a 30 de abril de 1941, objetiva um antigo sonho: o do desdobramento e generalização pelas de-

mais províncias de idêntico trabalho de investigação, concatenação, coordenação. “Pedibus tardus, tenax cursus” é o lema da Sociedade, mas convém aduzir que o “Circulo Pan-Americano de Folclore”, com séde nesta mui heróica e leal cidade de Natal, já é uma consequência do seu prestígio e da sua irradiação culturais.

O JORNALISTA E O CRONISTA

O jornalista, êsse completou há alguns dias os seus vinte e cinco anos de prática de *métier*.

Nesse longo periodo, as múltiplas categorias e ordens da profissão de reporter a diretor, correspondente telegráfico ou noticiarista, parnasiano do artigo de fundo ou simples colaborador, vos envolvem e viram em ação, aqui, e sob aquele último aspecto, em órgãos diversos da imprensa do país.

Secções especiais tiveram, largos meses, ou ainda têm, a vossa assinatura: “Ensaaios Literários”, “Cartas do Rio”, “Bri-a-Brac”, inaugurada em “A Imprensa” e continuada em “A República”, “Notas de História”, “Biblioteca”, “Acta Diurna”.

Esta “Acta Diurna” impõe mais do que uma vaga citação.

Há constituido ela, sr. Luís da Câmara Cascudo, o vosso último e mais direto sistema de comunicação com o grande público, principalmente o público fiel, compreensivo e diário de vossa província.

Os assuntos e temas que preferís abordar, traem as vossas simpatias recônditas, as vossas correspondências profundas e afetuosas com a terra comum, os seus varões, os seus feitos, as suas legendas douradas, as suas linhagens e as suas crônicas; advindo talvez, dessa atitude emocional, o fato de, podendo fixar-vos na metrópole, continuardes, todavia, no socêgo e na pachorra do vosso burgo com aqueles mesmos devotado amôr e indizível ternura do poeta de “Mireille” pela sua Provença ziguezagueante de cantos de cigarra ou de um Gilberto Freyre pelos seus retiros estudiosos do

Recife, á sombra inefável das mangueiras de Apipucos...

Na "Acta Diurna", porém, já o gênero se confunde como conscientemente o orientastes, com a crônica, a crônica histórica, etnográfica, folclórica, a crônica naquele fundamento lémaîtreano de "poeira da História".

Do vosso consentido sacrificio — sacrificio na antiga acepção de "consagrado a", — e do vosso *loyalisme* ao nobre serviço do pensamento, quero lêr aqui uma página vossa, cheia de puros acentos de uma profissão de fé. É a "Acta Diurna" de 25 de setembro último, intitulada "O Tonel das Danaides":

"As Danaides eram cinquenta filhas de Danão, rei de Argos. Seu irmão, Egito, tinha cinquenta filhos. Mandou a filharada masculina casar com as primas. Danão não queria o casamento. Combinou com as filhas um plano.

Os cinquenta recém-casados tiveram a mais estranha noite de núpcias de que há notícias no mundo.

Foram todos assassinados pelas esposas. Só escapou um, Linceu, poupado por sua mulher, Hipernestra.

Júpiter condenou as Danaides ás penas do Tartaro, que era o Inferno daquele tempo.

As Danaides enchiam um tonel sem fundo. Séculos e séculos, sem pausa, sem descanso, sem interrupção, as moças carregaram agua, despejando-a no barril furado.

Teodoro de Banville contou o fim dessas Danaides, na "LANTERNA MÁGICA".

Os Titãs venceram os Deuses. O Tartaro ficou sem chefe, despovoado de sofredores, todos perdoados.

Astério anuncia a terminação da sentença.

— Acabou vosso suplício. Larguem essa penitência. O tonel está cheio.

As Danaides pararam, pela primeira vez, há milênios. Enxugaram a frente, descendo as bilhas infatigáveis. E dizem, confusas e desapontadas:

— Está cheio o tonel? Pois bem! Que havemos de fazer?

Já estavam habituadas com o trabalho contínuo mesmo inútil.

Não perguntem pois, amigos, porque escrevo sempre, com ou sem leitores, com ou sem compreensão, estímulo ou tolerância.

Deixem-me com o meu barril sem fundo. A tarefa finda significaria o repouso incômodo, a displicência, a preguiça mortal.

Por isso, mesmo sem ter ofendido Apolo, encho, obstinado e tranquilo, a talha imperfeita, escondida num recanto de província.

Quando não mais ouvirem o rumor da agua agitada, não se dirá que Júpiter sucumbiu.

Será que, para sempre, desfaleceu na Morte, o braço humilde do trabalhador...”

O ORADOR E O “CAUSEUR”

Dei-vos, minhas senhoras e meus senhores, quanto me foi permitido, da história intelectual do ilustre acadêmico, e temo que poderia estar finda a minha tarefa. Alguns aspectos do homem em si, nas suas manifestações pessoais, na sua presença física, como aquela do professor, mencionada inicialmente, é verdade que não extranho à sua condição de homem de letras, em função da qual realmente viveis, sr. Luís da Câmara Cascudo, mas apenas além dos quadros exteriores do livro, da revista, do jornal, não devem, contudo, ser desprezadas, de tal modo se destacam em vossa individualidade.

No último capítulo de vossas “Histórias que o tempo leva...”, onde enfeixais algumas das mais belas canções de gesta do passado potiguar, editadas em 1924, — o capítulo das reminiscências, — fazeis-nos a seguinte confidência: “A minha meninice foi tristonha e sonolenta. Nasci doente. Criei-me entre cuidados, promessas e flanelas. Vivi, como um animal raro, no meio dos agasalhos de lã e os

cobertores de linho aquecido. Vida livre, tarde de sol, caminhadas á margem das estradas poeirentas, não conheci. Andava a por a lingua de fóra a todos os médicos, para que m'a examinassem. As minhas grandes paixões foram os soldados de chumbo e os Benjamin Rabier. No mais era apático, moleirão, tolinho e sem vontade de rir e com longas cismas que alarmavam os papás”.

Evidentemente, os prenuncios que então se formulavam a vosso respeito foram desmentidos pelo tempo. Porque tudo obrigava a imaginar, forçosamente, para vós, já não digo uma adolescência, mas de certo uma maturidade á Marcel Proust, doentia, nervosa, a irritabilidade á flôr da péle, num quarto forrado de cortiças para abafar os rumores da vida que, franca, promiscua e jovial, fremia lá fóra... E não é essa a atmosfera de vossa existência, dividida normalmente, como quaisquer outras, entre os planos comuns da família, dos amigos, da sociedade.

Escolho, em vós, para objetivação dos aspectos a que aludi, o orador e o “causeur”.

Não sei bem se é de Valéry a concepção da grande eloquência como u'a mistura de razão e de paixão, uma união de narrativa, de argumentação e de exortação.

A vossa oratória lembra e parece sempre orientada no sentido dessas altas e belas virtudes do perfeito orador.

Brilhante, maleável, sugestivo, de uma agilidade vibratil nas ideias e nas imagens, promoveis, sempre, imponderáveis e sutís correntes de emoções e de simpatias entre a vossa palavra e os seus auditores.

É um prazer ouvir-vos, sr. Luís da Câmara Cascudo, e também vêr-vos no exercício, na prática tribunicia.

Porque, ao conjunto de tão raras qualidades, soma-se aquela mesma invulgar “eloquentia corporis”, que para o velho Quintiliano já significava uma condição natural de êxito.

Escritor e homem de aparências amáveis e a-

colhedoras, — sem fórmulas, teoremas e símbolos esotéricos e filosóficos a solucionar, — sois, verdadeiramente, em tudo, o oposto de um solitário, de um “clérigo” do conceito de Julien Benda, de “um território humano de acesso áspero, de exploração difícil, de topografia diferente, e misteriosa”, como se disse de um notável romancista brasileiro.

A comunicabilidade, a intimidade convosco se cria e se desdobra, logo ás primeiras aproximações, em torno de um *cock-tail*, numa mesa de bar, num encontro casual de rua, numa festa mundana ou literária, ou no refúgio de vosso gabinete, — ah! esse erudito e fabuloso gabinete de u’a modesta casa da rua da Conceição, aonde vêm dar, durante o dia, correspondências, livros e publicações de centros universitários e estudiosos de Londres, Paris, Lisbôa, U.S.A., U.R.S.S., — e que, á noite, a horas mortas, fervilha de uma turba fantástica de duendes, sacis-pererês, mães-dagua, papas-figo, sêcas mumias de índios, prêtos velhos escravos, telúricos homérides sertanejos, a conversar-vos essas cousas incríveis que sabeis e nos ensinai, de lendas, superstições, catimbós, tradições, — enquanto, por exemplo, pendem das prateleiras das estantes, sevêros, complacentes, lívidos, concordantes ou irônicos, um Bosuet, um Anatole France, um Luciano de Samosata, um Franz Boas, um São Tomaz de Aquino, um Augusto Comte.

São inimagináveis o desinteresse, a melancolia, o silêncio, as quedas de palestra, as faltas de assuntos, a monotonia, ao alcance de vossa vóz e de vosso espírito, verve e “sense of humour”, graça e inteligência contagiantes...

Robert Louis Stevenson classificava, entre as pessoas felizes, aquelas que, ao entrar numa sala, como que a tornam mais clara, tal se se acendêra uma nova luz.

Sois um homem feliz, sr. Luís da Câmara Cascudo...

* * *

No início de sua biografia de Demóstenes, há

esta interrogação de Clemenceau: "Hommes d'Athènes, le reconnaissez-vous?"

Confesso-vos, minhas senhoras e meus senhores, que estou tentado a endereçar-vos, agora, no final destas cousas, que tivestes a bôa vontade e o heroismo de suportar, uma pergunta semelhante...

* — Saudação ao acadêmico Luis da Câmara Cascudo, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 4 de novembro de 1943.

Luis Manuel Fernandes Sobrinho *

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Uma nobre existência, nobre em sua simplicidade, no ritmo regular e normal do seu trabalho, lembrando o esforço tranquilo, diário e comum, de um lavrador. Nenhum esplendor rutilante, funções altas, decisivas na administração estadual. Nenhuma popularidade delirante, tempestuosa, irracional e gloriosa. Nenhum ato de sobrehumana valentia moral. Uma nobre vida simples, majestosa e sugestiva porque foi, através de setenta e nove anos, clara, honesta, digna, serena.

A procura do *heroico* anula muita virtude diária e maravilhosa de exemplo e possibilidade na reprodução social. Esse processo biográfico que nimba de ouro os personagens fixados, afasta da compreensão e do estímulo os que não têm reservas invulgares de inteligência. A orientação da História, desde que a Etnografia e o Folk-Lore expuseram suas riquezas humanas, imediatas e contínuas é o estudo do *comum*, do realizável, do possível, sem a criação ambiental para os *gênios* para os *predestinados*, para essa fauna perigosa de *super-homens*. Sem que possamos diminuir o valor do Piloto, sua decisão, energia, coragem, rapidez em decidir e mandar, pensemos nos remeiros. É a valorização de todos os elementos característicos na ação que fará a epopéia. Uma ação na História é uma imagem arquitetônica, alicerces, paredes, suportes, cúpula. O critério é a disposição exata e lógica desses elementos, indispen-

sáveis e harmônicos. A mentira na História é quando a corôa se deixou ficar em cabeça indigna. Haverá sempre, em todos os registos de fatos da Humanidade, o orgulho do jumento que carregava as reliquias. Ou, como diz um ditado de Guatemala:

—*Nosotros los musicos, decia el indio que cargaba la marimba.*

Falar-vos-ei de quem escolhi para Patrono da cadeira número 13 na Academia Norte Riograndense de Letras. Um homem letrado, bom, tranquilo e austero, sem sobressaltos, sem delírios, sem luminárias. Viveu, falou, escreveu, sentenciou e morreu bem. Jamais encontrareis um pecado na sua justiça ou uma mentira na sua memória. Veio andando, devagar, pela estrada, sem incomodar os contemporâneos, sem pisar nos interesses apressados, sem empurrar os atores para figurar na primeira fila, no palco da provincia. — *A virtude mais linda é qualquer uma com naturalidade*, dizia Ruskin. Meu Patrono, com naturalidade, possuiu essas virtudes, as virtudes de ser virtuoso sem requerer uma medalha de ouro, sem pregão jornalístico, sem assombro pela raridade de encontrar-se um homem virtuoso.

Escolhi-o para meu Patrono porque êle possibilita uma imitação. Qualquer moço, querendo, será o que êle foi, vencendo o que êle venceu, mantendo-se fiel ao Ideal no bom combate, ficando, até o fim, natural, espontâneo, humano.

LUÍS MANUEL FERNANDES SOBRINHO, nasceu na fazenda "*Sabe Muito*", município de Caraúbas, a 28 de Fevereiro de 1856. Era o sinistro *Ano do Cólera*, levando 200.000 norte-riograndenses para a Morte. O Pai, Benvenuto Praxedes de Oliveira, pensou fazê-lo Padre. Luís Manuel foi estudar em Olinda. Estudar em Olinda, em um século inteiro, equivalia a mandar o filho para Coimbra. Olinda era o Seminário e, até 1853, a Academia de Direito. Em 1881 Luís Manuel é acadêmico no Recife, na Rua do Hospício, edifício mordido pelo Tempo, crismado pelos estudantes *Pardieiro*.

Por êle passaram Castro Alves, Rio Branco, Teixeira de Freitas, Rui Barbosa.

• Mas era o *Pardieiro* que, incendiado em 1868, merecera de Aristides Milton uns versinhos:

*Já dormia agasalhado
Todo o povo da cidade,
Quando, de chofre, estampido
Medonho, enorme, se ouviu.
E das bandas lá do Hospício
Dizem todos que partiu...
Foi nessa hora maldita
Que o Pardieiro caiu!*

No ano seguinte, a Academia mudou-se para a Praça D. Pedro II. Só em 1912 teria seu palácio. Luís Manuel é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na turma de 1835. E' a turma de Alberto Torres, de Porto Carreiro, tradutor de Rostand, de Gumercin-do Bessa, de Raul Pompeia. Volta ao Rio Grande do Norte para ficar.

Como toda a gente, bacharel formado, Luís Manuel realiza sua carreira. Carreira lenta, segura, limpa, em linha reta. Promotor Público no Apodi, removido para o Ceará-Mirim em 1836. Amôr. Primeiros versos. Namoro. Redescoberta lírica do mundo. Mãos frias. Coração pegando-fogo. Pedido. Casamento. A senhora do doutor promotor é dona Rosa Amélia da Câmara, filha de Manuel Leopoldo da Câmara, velha estirpe de aristocracia rural, vinda da ilha de São Miguel nas primeiras manhãs do século XVIII. Dona Rosa Amélia, como as rosas, dura pouco. Faleceu em 1833, com dois anos de *lua de mel*. Novo casamento, com outra Rosa, Flor de outro ramo na mesma árvore feliz, dona Maria Rosa da Câmara, filha de Antêro Leopoldo Raposo da Câmara, em 1892. Neste 1892 o promotor de Ceará-Mirim é juiz de Direito de São José de Mipibú. Em 1890 fôra Juiz Municipal e de Orfãos nos termos de Macaiba e São Gonçalo. Como Juiz Municipal instalou a Comarca de Macaiba, em 6 de Março de 1890. Em São

José ficou até 1888 quando o transferiram para Natal, o doutor Juiz de Direito na única Vara da Justiça. Em 1909, nomearam-no Desembargador no Superior Tribunal de Justiça. Aposentou-se em 1915. Os olhos apagavam-se, lentamente, como num crepúsculo inexorável. Fôra deputado estadual de 1892-94 a 1895-97. Em junho de 1894, Chefe de Polícia. Ajudou a fundar o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 29 de Março de 1903. Andou aí por todos os cargos, eficientemente. Sócio Benemérito em 1914. Muitos anos residiu no Recife. Vivem três filhos, dr. Luís Potiguar de Oliveira Fernandes, Humberto Fernandes, dona Rosa Fernandes de Leiros, casada com o sr. Pedro Leiros. Fixando-se em Natal, Luís Manuel, agora o Desembargador Luís Fernandes Sobrinho, faleceu a 21 de Setembro de 1935.

Plantou árvores, deixou filhos, escreveu livros. Viveu!

Companheiro de um seu filho, Aguinaldo, morto rapazinho, estudando Humanidades, como se dizia outrora, conheci de perto o Des. Luís Fernandes, na sua casa alpendrada, agasalhadora, rodeada de sombras convidativas e românticas. Nela morrera Segundo Wanderley. Vendida ao Estado, foi derribada e, no local, ergueu-se o Centro de Saúde, visinho ao Departamento de Saúde Pública. Depois, fui seu colega no Instituto. Estudante de Direito, no Recife, frequentei, na intimidade de Humberto Fernandes, a casa do velho historiador. Em Natal, nunca deixei passar uma semana sem uma visita, conversada, debatida, obrigada a café, anedota, recordação e planos de trabalhos comuns.

Poucos dias antes de morrer sugeria-me a identificação dos topônimos norte-rio-grandenses que estão em Gabriel Soares de Souza.

A mão trêmula, acenava no ar, riscando trajetos, que os olhos apagados não acompanhavam, disfarçados atrás dos vidros azuis.

Recordo-o imóvel, impassível, o bonézinho de sêda negra cobrindo a cabeça de prata, os bigodes

aparados, a boca indecisa de contemplativo, a cadeira de embalo, a voz justa, a imagem pronta, o vocabulário oportuno. A memória parecia suprir a impossível leitura. Citava, não as palavras, mas opiniões, rumos, doutrinas de historiadores, discutindo, aceitando, contradizendo. E, às vezes, pormenores gráficos, curiosidades. Uma vez, falando da persistência de nomes patronímicos de origem estrangeira no Brasil e os processos de sua adaptação idiomática, disse: — *Eu me lembro que frei Manuel Calado escreveu Wanderley numa forma contracta.*”

Fui verificar. Era verdade. Frei Manuel Calado escrevera *Wandley*, no *Valeroso Lucideno*.

Foi um magnífico sabedor da História brasileira. Leu o que era possível no seu tempo, crônicas, relatórios, jornais. Depois mergulhou nos arquivos. E essas pesquisas, minuciosas, obstinadas, atravessando, sem máscara, as ondas de poeira, afastando as traças reluzentes, copiando, anotando, coordenando, queimaram-lhe os olhos, ajudando a cegueira. Ficou, luminosa e doce, a chama interior, tênue e acariciante luz velada e teimosa, clareando a lembrança do passado, as leituras feitas, as páginas, as figuras, os episódios. O mundo interior povoava-se, não de sombras melancólicas, mas de seres vivos e sonoros de vibração, falando, agindo, batilhando, construindo.

Lembrava-me Thierry, também cego, ressuscitando a Idade Média, batendo com a voz incisiva nos túmulos dos reis merovíngios, fazendo-os andar, reinar, lutar e viver, perpetuamente, na História clara que escreveu, tateando, guiado pela invisível mão da inteligência. Lembrava-me também Prescott, cego, historiando o Perú, julgando os reinados, reconstruindo os impérios Incas, riscando os limites da expansão guerreira daquela civilização imprevista, inexplicada e poderosa de originalidade. — *Que é cegueira?* perguntava Santo Agostinho — *é a ignorância.* Ignorância do letrado, letrado unilateral e desdenhoso pelas atividades alheias, eis uma moda-

lidade da cegueira incurável, total, de dentro para fóra, deformadora e terrível.

Luís Fernandes, na sua cadeira de embalo, no vai-e-vem, horas e horas, *via* a história do Rio Grande do Norte. Via, acompanhava os colonizadores, os bardos de mangues para defesa, o forte dos Reis Magos, a escolha do *chão elevado e firme*, a fundação da Cidade do Natal, as primeiras sesmarias, o avanço, cauteloso, das roças, estirando-se ao longo do rio verde, *fluminis grandis*, o Rio Grande, denominador da Capitania, *barbari Poteingi vocant*, escreveria Barléu.

Assim, inicialmente, espalhou, com amoroso cuidado, as camadas de pó, sepultando no esquecimento, nossa pequenina História. Pedra a pedra, reuniu os materiais para a capelinha votiva, acendendo a lâmpada oblacional, inaugurando o culto afetoso ao nosso Passado.

Em março de 1904 estuda e publica o nosso melhor ensaio sobre o potiguar dom Antônio Felipe Camarão. Firma sua doutrina, documenta-a na história e reaviva a tradição oral, com exemplo, anedotas, casos que vêm, de memória em memória, na alma do povo. E' o selvagem, o catecumenos e o herói, vitoriosos, os modelos de sua louvação de espírito, elevada num fundamento sólido. E, respondendo aos que jamais lhe aceitaram o repto, escreveu mais dois estudinhos, rápidos, concisos, veementes. Estudou os nossos primeiros *Capitães-móres e Governadores*, iniciando-os, em 1904, por Jerônimo de Albuquerque, seguindo-se, em 1905, João Rodrigues Colaço. Estudou o então misterioso Potiguassú, tão fácil atualmente, com a documentação ultimamente revelada pelo jesuita Serafim Leite. Biografou Pedro Velho, filialmente, apaixonadamente, o propagandista republicano, o administrador, o homem irresistível, natural na sua época, fazendo ler, na véspera da morte, o aneurisma latejando, dispnêico, arquejante, a *Gioconda*, de Gabriel d'Annunzio. Comentou, identificando com rara paciência e, quasi sempre inédita justiça geográfica, o *Auto da Repartição das*

Terras do Rio Grande do Norte, a inicial jurídica da colonização, em fevereiro de 1614.

Essas *Notas Explicativas*, como êle chamava, revelam o estudioso em sua plenitude reconstrutora, obrigando, na névoa do tempo, ao Passado iluminar seus segredos, dizendo aos olhos presentes a marcha dos povoadores iniciais. Estudou, não estudou, criou deliciosamente, a história da *Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte*, de 1832 a 1908. Cento e setenta e nove jornais em Natal, noventa e sete no interior, lidos, resumidos, expostos em sua duração, feitiço, fisionomias intelectuais dos redatores, trechos expressivos dos materiais divulgados, transformações, crônicas das tipografias, dos tipógrafos, minúcias dos movimentos políticos, acordos, brigas, pazes, zangas, alianças, tudo isso com brilho, com agilidade, com alegria de informar esforço esquecido, disperso, diluído através das idades. Ninguém ainda ousou continuar o trabalho de Luís Fernandes. Trazer aos nossos dias, a *Imprensa do Rio Grande do Norte*. Confesso que ousei. Imperfeitamente, deficientemente, alinhei datas e nomes, numa percentagem mil vezes inferior, e entreguei ao sr. Interventor Bertino Dutra da Silva, atendendo sua solicitação. O ensaio foi enviado ao Ministério da Educação em 1932. Não deixei cópia. Acabou-se a história.

Luís Fernandes ainda recordou uma anomalia do nosso sistema potamológico. Anomalia em classificação. O rio que banha Natal devia chamar-se, em boa doutrina geográfica, o Jundiá e não o Potengi que é um afluente do primeiro. Mas o engano tem quatrocentos anos e um engano de quatro séculos não se corrige nunca. E, ditando aos filhos, recompondo, de memória, indicando livros, escreveu uma síntese do primeiro século de história norte-riograndense, trazendo-a à fundação da Cidade. *Estudos Potiguares. História Colonial do Rio Grande do Norte no Século XVI*, é o seu último trabalho. Doente, orçando os oitentas anos, ameaçado de morte sinuosa, os olhos sem luz, sacode controvérsias, discute, lépido, moço, entusiasta do movimento, de a-

gitação, de vida mental, como raros moços, dêsses que são moços por dentro.

Nunca deixou de interessar-se pela História. Fazia lêr as *novidades*, comentando-as. Na maioria dos casos, para um veterano pesquisador de arquivos, as *novidades* eram velhas caquéticas, pintadinhas com estilo novo, *baton*, *rouge*, unhas de lacre, sapato de prateleira, fingindo mocinha. Uma feita, quando morou na avenida Junqueira Aires, depois de lêr uma dessas *novidades* que dão glória e proveito aos felizes autores e ao público convencido, Luís Fernandes conversou.

— “Você se lembra de uma velha anedota de uma mulher da vida alegre, aqui do Natal, das Rocas, muito bonitinha, que emigrou? Lembra-se que, dizem, anos depois, rica, importante fingia, não saber falar português e só usava o espanhol. Sucedeu encontrá-la uma criatura que a conhecera no velho estado primitivo. E, quando a mulher, bem vestida e pretenciosa dizia — Yo conosco a usted... O homem foi logo acabando com a pantomima: — deixe de prôsa, Joana Peréba!... Fale lógo brasileiro, que éra o que você falava na Rocas... Pois, eu tenho vontade de ir dizendo, quando leio certos livros: — deixe de palavreado, Joana Peréba, diga lógo que essa conversa é velha como a Sé de Braga... ”

Vicente de Lemos, Tavares de Lira e Luís Fernandes são os *santos padroeiros* da nossa História provinciana. Não há maior no exemplo. Iniciaram entre nós os métodos diretos de pesquisas, a exumação dos arquivos, a divulgação dos velhos códices que o Tempo amarelou. O sr. Tavares de Lira, deputado, Governador, Ministro de Estado, fixou-se no Rio de Janeiro, perto de tudo quanto facilitaria uma extensão intelectual. Os dois ficaram no Natal, desembargadores, tendo os horizontes da incompreensão, da indiferença e dos raros estímulos. O sr. Tavares de Lira, entretanto, com mais de trinta anos de Rio de Janeiro, continuou fiel aos trabalhos que começara, moço, na pequenina Cidade. Continua escrevendo e pesquisando tudo que se refira ao Rio Gran-

de do Norte .E' um nome que todo Brasil conhece. Vicente de Lemos está citado nos livros definitivos, seu *Capitães-móres e Governadores do Rio Grande do Norte* é, na frase justa do Sr. Tavares de Lira, o *livro clássico do Instituto*.

O menos conhecido é o meu patrono. Mas, fatalmente, será encontrado quando uma atividade maior acelerar os ritmos de nossa produção intelectual. Quando a História atrair, com a magia de sua tranquila beleza envolvedora, as inteligências e as dedicações, Luís Fernandes reaparecerá, com seu boné de seda, seus olhos parados, seu sorriso triste, contemporâneo a quem o fôr encontrando, através do Tempo.

Não haverá melhor nem mais culto companheiro para uma jornada de ressurreição. Irá dizendo, pelas ruas do Natal, onde trabalharam os jornais, os jornalistas políticos, as campanhas, os presidentes, os sonhos, planos, desejos, superioridades, desdens, toda a *impedimenta* que acompanha o Homem em sua marcha pelo Mundo para o túmulo. Essa voz distante se levantará novamente para ensinar e espalhar cismas serenas como um crepúsculo, evocadoras como um luar de Agosto.

Ali, do outro lado do rio, está Aldeia Velha, onde moravam os potiguares. Aqui nesta Praça André de Albuquerque, a Cidade nasceu. Foi a primeira rua. Chamou-se Rua Grande. Esta é a Rua do Senhor Santo Antônio, a segunda em velhice. Além está a rua da Conceição, porque tinha um nicho com a imagem. Esta praça padre João Maria era a Praça da Alegria, povoada de gameleiras. Além, o Beco Novo, Voluntários da Pátria. Foram Ruas dos jornais. Por elas passaram os homens que fizeram o Rio Grande do Norte. Seus poetas, seus oradores, seus políticos, seus sereneiros. O ar que respiramos vem pelo mesmo caminho de sempre. Apenas, outróra, era mais sussurrante, coado nas frondes das árvores, cheirando a frutas acres dos taboleiros, descendo pelos môrros alvos, com perfume de cajueiros e de espuma do mar. A tórre da Matriz é de 1862 mas

sempre e sempre tivemos sinos. Quando as estrelas abriam no céu da tarde as pupilas de ouro, três badaladas passavam, sonoras pela noite que descia, lembrando as *Trindades*. O lampeão do Cruzeiro se acendia. Era a iluminação de toda a cidade. E hoje, radiosa de luzes e de movimento, clara, trepidante, gloriosa, ansiando pelas conquistas do futuro, com o céu riscado pelo frêmito dos aviões, os ventos carregados de músicas e de notícias, Natal segue, marcha para diante, mas vinda pela mesma estrada que lhe foi aberta e marcada pelas vidas desaparecidas dos seus filhos.

História é a memória no Tempo. Estabelece a continuidade do esforço humano, articulando-nos aos trabalhos que justificam nossa presença. Sem ela, seríamos uma horda bravia. Ai de nós! Nenhuma horda, por menor e mais bárbara que seja, ontem, hoje e amanhã, deixou e deixa de possuir a sua história, a sua recordação, o seu orgulho. Na solidão do deserto, imóveis, hirtos, as duras fisionomias enroladas na brancura do albornoz, as lanças faiscando, o lume subindo, acocorados, estão esses homens, ouvindo a voz de um velho, de um poeta, a voz do Passado, lembrando as guerras, as valentias, as glórias que são o invisível patrimônio explicador do devotamento.

Esse *instinto da Eternidade* determina que o Homem tente, por todos os meios, perpetuar-se, projetar-se, existir, além da Morte. Sente a urgência de *viver* no espírito do Semelhante que virá amanhã, quando êle não existir mais. Porisso, nos tijolos vermelhos, em traços cuneiformes, está a história de Babilônia, nos papiros delgados, nos relevos dos templos, no túmulo dos reis, o passado do Egito, Assíria, Média, Hititia. Porisso os tuarégues, desdenhosos de todo conforto, gravam nas pedras, na escrita tifunar, como viveram, como começou a tribo, atravessando o deserto, guiando os rebanhos para os oásis. Porisso entre celtas e teutões, indígenas da América e da Austrália, negros d'África e indús imperturbáveis, a História vive, gravada nas rochas,

nas árvores, nas colunas, nas estátuas, viva no conto popular, viva nas cantigas, nas narrativas, nas *porandubas*, evocando a noite do passado, as guerras, a conquista da terra, os grandes chefes, os grandes feitos.

A voz do Passado não determina a estabilidade, a parança, a renúncia ao Presente, o encanto da velocidade para frente. Antes explica, orienta, ensina, prevê. História é uma capitalização de experiências. Lembra, aconselha, anima, vivifica. Nenhum poder decretará a imortalidade. Só ela conserva e torna presente o milênio. Apaga o nome de um Rei e não esquece o nome de um pastor. Perdeu a tradição de uma guerra mas ficou o ritmo de uns versos. Soberanos e soldados enfileiram-se na mesma linha eterna. Tanto vemos a marcha de Alexandre Magno para Granico, como passa o vulto agil de Filípides, simples hóplita, correndo 42 quilômetros, 750 metros, sem parar, agitando na mão uma palma verde, para cair, exausto, no átrio do Areópago, gritando aos Atenienses que os Gregos tinham vencido em Maratona!

Sir Christopher Wren, que faleceu em 1723, planejou e construiu a Catedral de São Paulo, em Londres. Sua pedra tumular é a mais simples, nua e modesta. O autor da maravilha arquitetônica, nada quiz para si, em oropéis e ornamentos. Mas a História escreveu, perto da sepultura de *sir Christopher Wren*: — *Se procuras um monumento, olha em torno de ti!* O monumento do construtor é sua construção. Toda Catedral de São Paulo é a glória do seu arquiteto.

{ Assim a História. Recolhe ela, pelas cidades, pelos campos, pelas montanhas, pelas florestas, na orla dos rios e nas praias do mar, os vestígios do esforço, do valor, da grandeza, do sofrimento glorioso do Homem. Recolhe e fixa, para sempre. E todo esse passado reacende, séculos e séculos, a compaixão, a solidariedade, o entusiasmo, alegria, compreensão, devotamento. Quereis conhecer tua História? Olha derredor de ti, *circumspice!*

Luis Fernandes Sobrinho, magistrado, historiador, cronista, homem de coração e de fé, viveu trabalhando por esses lugares que amamos. Estudou a fixação geográfica de nossas propriedades, os primeiros plantios, os primeiros rebanhos, os primeiros engenhos, triturando a cana de açúcar nas rodas d'água, as casinhas de taipa no *chão da cidade*, Natal florindo para frutificar, quatro séculos depois. Estudou nossas glórias brasileiras, indígenas, jornalistas, orientadores, políticos. Distribuiu justiça. Amou sua terra, defendeu-a nos documentos, interpretando-os, divulgando-os, esclarecendo-os.

Caiu velho, como uma árvore que espalhou a semente para uma floresta inteira. Uma existência útil e bonita, dadivosa e sugestiva. Os Romanos diziam, despedindo-se dos Mortos, *Vale!* tem saúde; os Gregos murmuravam, *Xaire!* regozija-te! O Homem vivera como as Virtudes esperavam que êle vivesse, com dignidade.

Em louvor do teu nome, querido amigo, velho mestre, meu Patrono, oriento minha vida no estudo do Brasil, na alegria de amar e compreender o meu irmão, na exaltação perene

*àqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando.*

*

BIBLIOGRAFIA do Des. Luis Fernandes, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. *A data é da impressão.*

Capitães-mores e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte: — *Jeronimo de Albuquerque Maranhão*. Volume II, número I, 3-9-1904. É o primeiro trabalho assinado por norte-rio-grandense, publicado na revista.

Índios Célebres do Rio Grande do Norte: — *D. Antônio Felipe Camarão*, memória lida na sessão de 20 de Março de 1904. *O Selvagem. O Catecumenos. O Herói*. Primeiro estudo norte-rio-gran-

- dense sobre o assunto. Volume II, número 2, 139-237. 1904.
- Capitães-mores e Governadores da Capitania do Rio Grande do Norte: II. *João Rodrigues Colaço*. Volume II, número I, 5-9-1905.
- Ainda a naturalidade de D. Antônio Felipe Camarão*. Volume III, número I. 167-178. 1905.
- Índios Célebres do Rio Grande do Norte: — *Potiguaçu, o antigo*. Volume III, número 2, 403-410 1905.
- A Imprensa Periódica no Rio Grande do Norte de 1832-1908*. Contribuição do Estado para a Exposição comemorativa do primeiro centenário do aparecimento da imprensa no Brasil. Tip. d' *A República*. 1908. 167 jornais do Natal, 94 divididos pelos municípios do Açu, Moçoró, Macau, Ceará-Mirim, Caicó, S. José de Mipibú, Macaíba e Currais-Novos, separata. Segunda edição, 179 jornais natalenses e 97 nos mesmos municípios anteriores, com ampliação de citações e transcrições. Volumes VI, número 1, 5-136, 1910; número 2, 165-212, 1910; volume VIII, números 1-2, 153-240, 1913; volume IX, números 1-2, 91-190, 1913; volume X, números 1-2, 83-212, 1915; volumes XI-XII-XIII, 179-208, 1916.
- D. Antônio Felipe Camarão. Última verba*. Volume VI, número 1, 143-152, 1910.
- Traços Biográficos do Senador Pedro Velho*. Volume VI, número 2, 227-313, 1910.
- Notas Explicativas do Auto da Repartição das Terras do Rio Grande do Norte*. Volume VII, números 1-2, 83-132, 1912.
- Estudos sem luz — O Potengi e o Jundiá*. Volume XIV, número 1-2. 94-99. 1917.
- Estudos Potiguares. História Colonial do Rio Grande do Norte. Século XVI*. Volume XXIX-a-XXXI, 5-21. 1938.

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 4 de Novembro de 1943.

Recepção a Paulo de Viveiros *

CLEMENTINO CÂMARA

Já que nos não é dada a fluência do verbo que empolga, ou os dotes oratórios de um Demóstenes ou de Cícero, contentava-nos apenas que as dadivosas musas do nosso lendário Potengí, que tantos bardos têm inspirado, algo nos dessem também para dizer o que sentimos agora. Muito não queríamos além do que compensasse os momentos de felicidade que nos proporcionais, principalmente vós, gentis senhoritas e exmas. senhoras, que nos trazeis o valioso concurso de vossa presença e de vossa beleza, para engalanar a nossa festa de hoje.

Se não têm as nossas palestras o valor do oasis para o exausto e esbaguado caminheiro do deserto, valham ao menos como uma decidida reação contra o meio que, em matéria de letras se estiola e consome.

Entretanto, jamais tantos campos se ofereceram como agora aos que se quiserem entregar ao cultivo das boas letras. Os problemas sociais, a guerra, a paz, os "ismos" que se propõem a salvar a sociedade com uma nova ordem, a própria Natureza, tesouro inesgotável e constante chamamento a quantos queiram haurir-lhe a beleza. Sendo nós os que menos sofreram as consequências da conflagração há pouco finda, damos no conjunto a idéia de que por ela fomos fundamentalmente atingidos, tal a apatia intelectual refletida no mundo das letras. Têm-se a impressão de que estamos radicalmente esgotados.

De longe em longe surge um trabalho no turbilhão das obras de fancaria, estrangeiras, que os prelos despejam para satisfazer as necessidades do público exigente.

Se por um lado falta o estímulo a alguns que poderiam produzir, seja-nos permitido dizer que, para os fortes, para os que se forram de coragem, tal fator não pode ser mais que um desafio à capacidade, à vontade de vencer. Muitos almejam os louros, mas sempre recuam nas vésperas de colherem os opimos frutos.

Em que pese a quantos diferentemente pensarem, arrojam-nos a afirmar que estamos vivendo os terríveis dias do Baixo Império, e assistindo a agonia de uma civilização. Enquanto as turbas se entretêm, aqui e alhures, com desportos excessivos e brutais, afagando o canhestro conceito de melhorar o homem físico, as classes representativas se consomem em bisantinismos políticos, na louca ambição do poder. O talento é tido como fator de somenos para o triunfo na vida; o cultivo das letras considerado tarefa de desocupados. Os govêrnos cercam-se de astuciosos e solertes diplomatas, enquanto põem os laboratórios a funcionar à cata dos mais rápidos meios de destruição.

Mas, como “nem só de pão vive o homem”, claro é que ainda se encontram alguns que têm melhor e mais bem fundada a noção da vida.

Há o poeta. Solitário como o anacoreta, em meio ao esborçar-se do mundo, êle, indiferente, nos fala do perfume das flores, do riso das crianças, do olhar de u'a mulher, ou nos pinta os encantos de um arrebol. E em nos fazendo lembrar coisas tão belas, como que tonificam nosso espírito e nos dizem que a vida não é só a matéria. Precisamos viver um pouco de poesia.

Há o pensador. Na observação dos fatos que se desenrolam e chocam, excitando o nervosismo de que vivemos saturados ou supersaturados, nos levam a conclusões serenas, animando-nos a encará-los como

uma imperiosa necessidade, uma condição sine qua para subsistir nos dias presentes.

Há o filósofo. Quer seja no recolhimento de seu gabinete, quer perambulando pelas ruas como fazia o velho Sócrates, acaba por lançar a responsabilidade das bruscas transformações sociais, que se sucedem sem solução de continuidade, como uma consequência mesma da civilização, ao próprio engenho humano que, inventando a máquina para tudo, desmanteiou e desorganizou a vida da Coletividade. Vieram as lutas de classe, a desconfiança, o desassosêgo.

E porque vivemos dias tão angustiados, tão cheios de imprevistos, havemos de nos deixar sucumbir? — Não! Digamos com Sílvio Pélico: — “Ama a vida; mas não a ames pelos prazeres vulgares nem pelas miseráveis ambições. Ama-a pelo que ela tem de importante, de grande, de divino; ama-a porque é a arena do mérito, porque é agradável ao Onipotente, porque lhe é gloriosa e nos é gloriosa e necessária; ama-a, apesar de suas dôres e mesmo pelas suas dôres, porque são elas que a enobrecem e só elas fazem germinar, crescer e fecundar pensamentos generosos e generosos desejos”.

Vivamos a vida com alegria. Se a Natureza nos deserdou dos dotes com que foi pródiga para com os Fídias e os Praxiteles, os Miguel Ângelo e os Goethe, nem por isso nos deixemos dominar e vencer pela apatia ou pelo pessimismo, que nada mais são que fórmulas lentas mas definidas do suicídio. “O homem é tanto mais forte, afirma Ellick Morn, quanto maior fôr a confiança que tiver em si mesmo.”

Renovemo-nos e vivamos evitando a lágrima e despertando a alegria, invocando a bondade e cultivando o bem, e cultuando a memória de quantos nos precederam impávidos na arena, muitas vezes simples David a defrontar para abater membrudo Sansão.

Tal é o que tentamos realizar aqui.

Na modéstia de nossa Academia, temos haurido momentos de inefável dulçor. Porque desta tribuna,

só deslustrada agora pelo desbrilho da palavra de quem ouvís, temos tido oportunidade de ouvir instrutivas palestras do mesmo modo que temos prestado o devido culto

“Aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando”.

São êles os nossos penates cujos nomes recordamos, cujos feitos exaltaremos, e para cuja glória a nossa frauta rude se transforma em tuba canora, que jamais deixará de conclamar. Com a avidéz do garimpeiro que procura nos cascalhos a gema apetecida, desenterramo-los do indiferentismo do tempo e trazemo-los para a luz da História, afim de que recebam as homenagens que lhe negaram seus coevos. Se não temos um panteon que ornemos com suas estátuas, que as paixões derribam e as guerras destroem, nem por isso deixaremos de fazer muito mais, porque lhes erigimos altares com a sublime arte da palavra, que gravamos em nossa mente e em nosso coração, altares que se multiplicarão quanto mais adquirirmos mais nítida noção de civismo.

Hoje é a vez de consagrarmos essa inconfundível figura nascida em Natal a 26 de dezembro de 1841, e que na vida objetiva se chamou **JOÃO MANUEL DE CARVALHO**.

Foi sacerdote, orador aprimorado, político, jornalista de apreciáveis predicados, mas sobretudo homem de convicções e republicano destemeroso. Por todos êstes títulos, não podia **JOÃO MANUEL DE CARVALHO** deixar de figurar neste sodalicio, como um penhor de coragem e uma afirmação nobre dos ideais políticos, que raiaram ao sol de 15 de novembro de 1889.

Sucedem-se os séculos; transformam-se os povos; abrem falência as religiões; ruem os tronos; todavia algo permanece a pontilhar a estrada da vida: — é a memória daqueles que honram a espécie. Êstes deixarão no firmamento da glória um rastro luminoso a nos apontar a estrada do Bem.

Na verdade, fôra preciso que um homem tivesse a sua impavidez para, enfrentando a sanha do Visconde de Ouro Preto, dizer, na memorável sessão de 11 de junho de 1889, na Câmara dos Deputados, entre outros conceitos, êstes que não podemos deixar de mencionar:

“S. Excia. preparou a jeito uma escada para subir, mas por êsses mesmos degraus escorregadios há de rolar, caindo na praça pública, execrado e coberto de maldições, porque nutre e afaga o pensamento sinistro de atentar contra as liberdades públicas e a soberania nacional”.

.....

“Abolida a escravidão, que nos envergonhava é preciso abolir o poder que nos oprime e esmaga.

“Não tardará muito que neste vastissimo território no meio das ruinas das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontânea do coração do povo brasileiro, representado em todos os ângulos dêste grande país, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando enérgica, patriótica e unanimemente: — ABAIXO A MONARQUIA e VIVA A REPÚBLICA!”

Cabendo-nos hoje a grata e honrosa missão de, *em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, saudar o novo acadêmico, doutor Paulo Pinheiro de Viveiros, fazemo-lo com a maior efusão pela feliz escolha de seu patrono que, naquela hora decisiva para os destinos do Brasil, entre um trono que cambaleava e o bruxolear de uma nova concepção que surgia no horizonte político-social de nossa terra, abalada pela questão religiosa, a questão militar, a abolição e a propaganda, foi o seu verbo candente que*

estimulou as energias dispersas, focalizando-as para um centro comum, onde se havia de cristalizar.

Por si só, podemos afirmar, a escolha para patrono do padre JOÃO MANUEL DE CARVALHO seria um justo título para recomendar aquele que o escolhesse, quanto mais em se tratando do doutor Paulo Pinheiro de Viveiros, moço, portador de sólida cultura, apreciado e inspirado orador de todos tão conhecido e que, por isso mesmo, julgamos desnecessário mais lhe enalteçamos os méritos e lhe façamos panegirico.

O fulgor de sua inteligência dispensa qualquer elogio a mais que tentássemos fazer.

Vós ides ouvi-lo.

* — Saudação ao acadêmico Paulo Pinheiro de Viveiros, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 25 de Julho de 1947.

Padre João Manuel de Carvalho *

PAULO PINHEIRO DE VIVEIROS

Senhores Acadêmicos:

Saúdo-vos, com efusão, e homenageio-vos, respeitosamente, como príncipes da inteligência e fiéis depositários da cultura da minha terra.

Eu me avisei desta casa, para incorporar-me ao convívio de vossas companhias, sob o domínio da unção mística com que o sacerdote se aproxima do altar.

E' a contemplação do esforço de vossas energias, aqui reunidas num trabalho superior e dignificante, como testemunho de que não desapareceram os nossos valores e não morreu ainda o culto áquilo que o vosso trabalho continuado, representa e constrói.

Homens de variadas atividades, congraçados por um ideal superior que tanto exalta o merecimento da terra comum, em vós só poderia depositar a mesma fé que o pagão, ás portas do batismo, suplica fervoroso, á Igreja militante.

Fé, no trabalho silencioso que realizais, no interesse do bem comum e no esforço perseverante que cada um de vós dispênde, incessantemente, como cultores das mais variadas atividades intelectuais, procurando reunir a individualidade ao todo, o homem ao Estado, e realçar, deste modo, o valor da coletividade, como força creadora do espirito, imanente e eterna do Rio Grande do Norte.

Somente esta fé que ilumina e conforta, que

redime e abrasa, depositada neste tabernáculo onde luzem as expressões mais lidimas da cultura potiguar, poderá alentar o meu espírito, ao transpôr os seus umbrais e fazer-me comum a vós tôdos, na participação de vossas vitórias e de vossas desilusões.

Por isto mesmo, aqui me traz um desêjo de larga e afetiva cooperação e a certêsa de que os mestres e luzeiros da imortalidade condusirão a destinos felizes os que, com humildade, se aprestam ao trabalho de ajudar a mantêr, em chama ardente, bem vivas e constantes, a tradição do valôr e as glórias do espírito da nossa comunidade.

Para chegar até vós e exercer o direito de posse na cadeira que me reservastes, não poderia, porém, qual um beduino no deserto, apresentar-me sozinho, sem ajúda de alguém que fôsse, nesta casa, um orágo para minha veneração e o grande motivo para o brilho desta festividade.

Este alguém, trago-o, em espírito, bem junto a mim, bem vélho, também, fazendo luzir, aos vossos olhos, os fios de prata de sua grande cabeleira, com um livro entre as mãos, que não sei si representa um breviário ou um catecismo de fé republicana, falando, sempre, como se recriminasse o crime dos ladrões ou as violências dos máus, porém, deixando, entre largos géstos que traduzem um grande espírito combativo, o sorriso meigo do amigo e do sacerdote que também perdôa e esquece, e prescruta e afaga a bondade dos seus semelhantes.

Não é surprêza para vós êste meu companheiro de jornada.

Não sei bem, meus senhores, si poderia chamar de companheiro a quem me trouxe pela mão, para deixar-me entre vós, participando, de hõje por deante, dos trabalhos que possamos realizar.

A quem não representa a vida material da hora presente, mas um passado brilhante, de intênsa actividade intelectual, qual um nôvo cruzado da Idade Média, ao serviço de Deus e da Pátria.

Mestre, companheiro, patrono, guieiro, porém,

como quer que o diga, sejam, neste dia as homenagens desta casa para aquêlo que, em vida, se chamou o

Pe. João Manuel de Carvalho.

A seu respeito, trago, nesta hora, uma vida preciosa, cheia de combatividade, de inteligência e sacrifício, aberta, nas suas mais variadas atividades, á vossa curiosidade e veneração.

O POLÍTICO

Ao comêço da segunda metade do século 19, a política da Provincia oscilava entre os dois grandes Partidos que carregavam a opinião pública do Rio Grande do Norte.

O Partido Liberal e o Conservador.

Era o chefe deste último, em 1852, o Coronel Bonifácio Francisco Pinheiro da Câmara, homem de poucas lêtras, filho do Sr. Joaquim Torquato Rapôso da Câmara, sobrinho e filho de criação do Padre Manuel Pinto de Castro, e, mais tarde, Coronel da Guarda Nacional, Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo, Oficial da Imperial Ordem da Rosa, Presidente da Câmara Municipal de Natal, Vice-Presidente da Provincia e, por algum tempo, seu Presidente em exercício.

As atividades políticas deste homem que se contentava em ser, na Provincia, um nome respeitável e um cidadão honesto, filiaram-se, muito cedo, o seu sobrinho Francisco Gomes da Silva, doutor pela Universidade de Paris, o Conselheiro Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto e o Padre João Manuel de Carvalho.

Sobressaindo-se, dentro do Partido, pela sua inteligência e resoluções firmes e decididas que sempre tomava, nas ocasiões oportunas, o Padre João Manuel, lugar tenente, como os seus outros dois companheiros, do Chefe do Partido a que se filiára, conseguia dois anos depois de sua ordenação

sacerdotal, em 1867, ser eleito Deputado Provincial e, em 1868, ser nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Rio Grande do Norte.

Nesse mesmo ano, quando o Partido lançara ao eleitorado da Província, a candidatura de Sales Tôrres Homem, ao Senado do Império, foi o padre indigitado a defender, no Rio de Janeiro, juntamente com o Dr. Francisco Gomes da Silva, o resultado do pleito que consagrara a vitória daquele nome nacional.

Seria esta a primeira viagem que realizava á Capital do País onde chegou a 19 de fevereiro de 1868.

Tôrres Homem, ao primeiro contacto com o jovem advogado de sua candidatura, deixou-se conquistar pelas qualidades daquele sacerdote e, imediatamente, o apresentou ao Sr. Rafael José da Costa Junior, gerente do “Correio Mercantil”, órgão, no Rio, do Partido Conservador, fundado por Muniz Barrêto, a-fim-de que pudesse, naquele jornal, desempenhar, em parte, a missão que lhe fôra confiada.

Como diz o Padre, em um dos artigos que tratam as suas memórias, o “Correio Mercantil” foi “a chave que lhe abriu as portas do grande mundo político”.

Em contacto, ali, com os mais notáveis homens de Estado daquela época, quando regressou á Província, ainda em 1868, já alimentava o desejo de ser deputado geral. Candidatou-se á primeira eleição, porém perdeu o pleito, pois foram contemplados com a maioria dos sufrágios do eleitorado, os Drs. Francisco Gomes da Silva e Otaviano Cabral.

Era a derrota dentro do próprio Partido, hostilizado que fôra pelos elementos nobres de sua agremiação, que não toleravam, como refere, ouzasse um simples plebeu representar a Província, no Concílio da Razão Nacional.

Humilde na origem, venceu, porém, pela inteligência e, em 1873, é eleito deputado geral para o triênio que se encerrava em 1876.

O Coronel Bonifácio não escondia, nesse tempo, o desejo de fazer o sobrinho Dr. Gomes da Silva o seu substituto na chefia da sua agremiação partidária. Mas, o jovem laureado da Universidade de Paris, cedo faleceu, de maneira que, quando o famoso político veio a desaparecer, a 2 de novembro de 1884, o Partido Conservador ficou, praticamente, dividido em dois grandes blocos, subordinados á direção de dois grandes Chefes: o chamado Grupo da Botica, com séde na rua do Comércio, sob as ordens de Tarquinio Bráulio de Souza Amaranto, aliado aos Garcia e o do Cantão ou Grupo da Gameleira, sob a chefia do Padre João Manuel, na praça da Alegria que, hoje, se chama de Padre João Maria, ajudado entre outros e principalmente por Joaquim Guilherme, seu parente e Felinto Elisio de Oliveira Azevêdo.

O Padre ía enfrentar um nôvo pleito e fez-se bem cedo, candidato á renovação da deputação geral, no período de 1886 a 1889.

Preferiu os vótos do 2.º Distrito que a todo percorreu.

Havia, naquele tempo, em Caraúbas, um político rebelde, dentro das hostes do Partido Conservador. Chamava-se Luís Manuel Fernandes, conhecido politicamente sob a alcunha de "Comandante", senhor de poderosa flotilha de eleitores e que sempre se sobressaiu pela maneira de discordar dos nomes dos candidatos apresentados.

O Padre João Manuel, logo cedo compreendeu que a adesão daquele político á sua candidatura pelo 2.º Distrito, na renovação dos representantes á deputação geral, constituia penhor seguro da sua vitória.

E depois de conferenciar, demoradamente, com o Cel. Luís Manuel Fernandes, dirige, de Caraúbas, a 19 de novembro de 1881, ao Cel. Lino Constâncio de Brito Guerra, irmão do Des. Felipe Guerra e filho do Barão do Açú, a seguinte carta reservada:

Carissimo Lino — Deixei de partir hoje, como pretendia. O "Comandante", sabendo em caminho

que eu me achava aqui, veio espontaneamente vê-me. Achei isto de bom agouro. Com efeito, encontrei-o muito modificado e cordato. Abordei-o francamente, mas êle sempre resistiu. No correr da conversa, disse-me êle que, na semana p. vindoura, estaria de cõrpo aberto e que só teria a intervenção de um santo a quem rendia a mais profunda homenagem. Êsse santo é o Conselheiro seu pai. Parece que a minha bõa estrêla vai luzindo com mais brilho. Foi Deus que conduziu seu pai a esta terra em que a sorte me tem sido meio adversa. Estou intimamente convencido de que o "Comandante" não resiste a um pedido formal de seu pai. Merecerei eu tão importante favor? Si eu conquistar este ponto, minha vitória será certa. O Conselheiro deve tentar um apoio completo, até no Apodi, para mais assegurar o meu triunfo. Você compreende a necessidade que eu tenho de vencêr êsse pleito de honra. Concorrem todos para que eu experimente êsse grande prazer, em remuneração dos incalculáveis esforços e sacrifícios que tenho feito. A linguagem do Luís Manuel é animadora. O próprio vigário admirou-se. Estou animadissimo. Si o Conselheiro conseguir o que tanto desejamos, expêça um próprio para o Açú, dando-me essa feliz notícia. Estarei, então, na luta ainda mais animado e cheio das mais vivas esperanças. Convém, entretanto, que se guardem tôdas as reservas e conveniências indispensáveis em condições tão melindrosas. Adeus e abrace ao seu amigo grato, Padre João Manuel".

Isto se processava em 1881, três anos antes da morte do Chefe do Partido Conservador. E' que bem cêdo S. Revma. compreendeu que se aproximava a data daquele desenlace e era preciso avançar ao encontro dos chefes locais do 2.º Distrito, de maneiras a firmar entre eles um prestígio direto e consolidar a sua deputação, antes que outros lhe usurpassem as vantagens eleitorais, então ameaçadas de perder o seu natural condutõr.

Data, daí, o início da fase da sua vida política.

Desdobra-se no seu trabalho de catequese e, entre derrotas e vitórias, sucessos e insucessos, quasi odiado por adversários politicos perigosos, conseguiu, afinal, impôr-se á consideração dos políticos do 2.º Distrito que compreendia a zona oeste do Estado, inclusive o território dos atuais Municípios de Moçoró e Açú.

Quanto mais se projetava, politicamente, mais rudemente é combatido.

A 11 de novembro de 1885, José Leão Ferreira Souto, positivista militante, natural do Município do Açú que era a séde do 2.º Distrito eleitoral da Provincia, publica um violento manifesto contra a apresentação da sua candidatura.

Escrito em linguagem causticante, êsse protesto que é feito sob o título "Candidatura Imoral" reflete bem o vigôr com que os inimigos combatiam tão destemeroso adversário.

Os têrmos iniciais desse panflêto testemunham a energia da campanha:

"Julgamos dever patriótico protestar contra fatos reconhecidamente imorais, desde que êstes se revestem de caráter público e afetam os interesses gerais do País. Está nesses casos a candidatura do Sr. Padre João Manuel, pelo 2.º Distrito do Rio Grande do Norte. Como brasileiro e filho daquela heróica Provincia, vimos protestar energicamente contra êsse atentado á honra e dignidade de um eleitorado livre e independente. S. Revma. não possui nenhuma das qualidades científicas, práticas e morais que recomendem sua apresentação e, em vez de servir á causa da Provincia que, uma vez representou para vergonha eterna da mesma, só tem até hoje, cuidado dos interesses próprios".

Chama-o de plagiário e diz que "ninguem que tenha ouvido S. Revma., é capaz de crêr que êle seja político de merecimento ou pregador de nota. Nunca pronunciou discurso ou recitou sermão que não fôsse gaguejado".

José Leão ainda no intuito de deprimir e humilhar a personalidade do Padre, refere-se ao inciden-

te entre o mesmo e o Deputado Francisco Belisário Soares de Souza, verificado, no edifício da Câmara, a 18 de Abril de 1873, impõe-lhe o epíteto grotesco de “Padre Locomotiva”, pelo fáto de haverem os ingleses pôsto o nome de “Padre João Manuel” numa das locomotivas da Estrada de Ferro Nova Cruz e debocha do programa com que se apresentava ao eleitorado, prometendo a concessão de uma linha férrea que, partindo de Moçoró, varasse o interior do Estado, dizendo: “ e há homens tão crédulos, matutos tão ingênuos e alheios a estes negócios que se persuadem que o Govêrno seria capaz de conceder novos favores á Provincia, em vista de sua penúria atestada pela Estrada de Ferro já existente e que atravessa zonas sem comparação mais produtoras” (Referia-se á Estrada de Ferro Nova Cruz que o Presidente da Provincia, Dr. Bandeira de Mélo, dera em concessão ao Padre João Manuel).

Depois, sem mais nada poder imaginar contra o valente conservador, desanca sobre os padres, num linguajar feróz, assim se expressando: “as funções de governar e aconselhar se repelem por si mesmas; o que importa dizer que um sacerdote político é uma monstruosidade humana. Fica provado que o sacerdote para ser digno desse nome, deve evitar semelhante popularidade. Isso de pensar que cada tonsurado que faz política, é um Feijó, um Guerra, um Alencar, é não distinguir os tempos que correm da-queles em que êsses homens políticos apareceram. Hoje, os Padres vêm a política para explorarem-na pelo lado material, sem outra preparação científica ou literária, além do latim missalesco e, por isso mesmo, incapazes de se elevarem á altura dos novos ideais”.

O manifesto principia com as palavras de Comte: subordinar a Política á Moral, e tem a data de 6 de fevereiro de 87.

Foi muito injusto para com o Padre o famigerado positivista açuense.

S. Revma. foi inegavelmente, um político de

merecimento e um pregador de nota. Outro não lhe investivou, sob provas, como um plagiário.

Sobre sua larga visão, basta confrontar os planos do Padre sobre a atual Estrada de Ferro de Moçoró com o arazoado do positivista, a descrever do poder econômico da zona em que nasceu, na Província.

El diga-se, como ressalva, que José Leão, até a-quele momento, não era político no Rio Grande do Norte, só se levando a sua catilinaria á conta de uma desinteligência pessoal com o Padre ou dos pendoros positivistas que lhe borbulhavam no cérebro.

Resta, apenas, frizar que a política do século 19 nada deixa a invejar, pelos apôdos dos inimigos, aos processos republicanos do século 20.

Mas, apesar de tudo isto, o Padre João Manuel venceu, galhardamente, e, mais uma vez, era eleito deputado geral.

Tôdo mundo conhece, aqui pelo Norte, o triste episódio do naufrágio do vapôr "Baía", a 24 de Março de 1887.

Aquela época, o Padre João Manuel estava em Natal e pretendia transportar-se, no referido navio, para o Rio de Janeiro, conforme annunciára. Deve-se, porém, á insistência do então Presidente da Província, Dr. Pereira Carvalho, o impedimento do embarque do sacerdote.

Pois bem. Quando se annunciou, em Pernambuco, o desastre do "Baía", com o falso rebate de que nêle viajava o deputado potiguar, a Assembléa Provincial daquele Estado, pelos seus deputados da opposição liberal, condenou a imprevidência do Governo e estigmatizou o relaxamento das Companhias, para, depois, quando se certificou de que o Padre tinha permanecido em Natal, passar-lhe tremenda e reverendissima descompostura, por não ter êle efetivamente morrido, naquela ocasião (Reminiscências", pg. 66).

Quando Amaro Cavalcanti soube que o Padre havia morrido no naufrágio, teve para com êle céle-

bre frase de político adversário: êle devia morrer assim mesmo...

Conta-se, porém, que, ao saber dessa frase, em palestra com amigos, retrucára, displicentemente: ê... , não lhe tenho raiva, porque, si fôra o contrário, eu dizia o mesmo...

Indo para a Assembléia Geral, redobra as suas atividades políticas.

Aproxima-se, cada vêz mais, do então Chefe do Govêrno, Conselheiro João Alfrêdo, político com quem mais viveu na intimidade, honrado com a sua estima e distinguido com sua inteira confiança.

Serviu ao seu amigo com desinteresse e lealdade.

Mas, a essa época, como diz Tavares de Lira (História do Rio Grande do Norte), “o Padre João Manuel, temperamento impetuoso e lutador desassombrado, avançava, resolutamente, para o liberalismo radical que combatia a realêsa, distanciando-se, assim, dos seus amigos do 2.º Distrito que, por sua vêz, dele se afastaram, para agir isoladamente, segundo as suas próprias aspirações”.

De maneira que, quando o Conselheiro João Alfrêdo foi obrigado a abandonar o poder, a 30 de Maio de 1889, apresentando á Corôa a demissão coletiva do Gabinête 10 de Março, o Padre comunicou-lhe que estava resolvido a se declarar republicano.

E', então, que, entre êle e o Conselheiro pernambucano, se trava, segundo sua própria narração, o seguinte diálogo:

— E o que se dirá, á vista de nossas relações?

— Digam o que quiserem, respondeu o sacerdote, ficando depois tôdos certos de que, nesse passo, obedeço, unicamente ás minhas próprias inspiorações.

— E' inabalável o seu propósito, tornou o Conselheiro.

— Nem mesmo V. Excia. a quem tanto prézo e cuja autoridade exerce em nós tão grande influência, é capaz de fazer demover-me de semelhante -resolução.

— De que modo, acrescentou, pretende você manifestar-se?

— Na tribuna da Câmara dos Deputados, quando o nôvo Ministério se apresentar, sêja qual fôr a sua feição politica!

O Conselheiro João Alfrêdo encolheu os ombros e declarou:

— Faça o que entender, certo de que me contraria em extremo, com êsse passo que vai dar.

Desta forma, quando, a 11 de Junho de 1889, se apresentou, no Parlamento, o Gabinête Ouro Prêto, pertencente ao Partido Liberal que tinha minoria no Legislativo, em substituição ao Gabinête João Alfrêdo, o Padre inscreveu-se para falar e ao Barão de Lucena, presidente da Casa, comunicou o seu intuito, dêle ouvindo as seguintes expressões: “neste caso, fique tranquilo e certo de que lhe concederei a palavra para pronunciar-se”.

E', então, que, do alto do Parlamento, depois da apresentação do Gabinête, pronuncia o memorável discurso de fé republicana, terminando por exclaimar: “Abaixo a Monarquia e Viva a República”.

Bem se pode avaliar o que êsse discurso provocou no cenário político nacional.

A Câmara foi dissolvida e a imprensa monarquista lhe dirigiu violentos ataques.

“Diário Mercantil”, de São Paulo, dirigido por Eduardo Salamonde, ardoroso republicano depois de Novembro de 89, mais se sobressaiu na campanha, publicando o seguinte telegrama, procedente do Rio: “Consta que o Padre João Manuel que, na última sessão da Câmara, se declarou inesperadamente republicano, vai, agora, abjurar, para casar”.

Em “Correio do Pôvo”, o Padre responde a entrevista, em magistral artigo.

Enquanto isto, Américo Lôbo, senador, por Minas Gerais, dedicava-lhe uma poesia, pelo gesto de sassombrado e em que comparava o Padre ao que rezou a primeira missa do Brasil.

Dissolvido o Parlamento, com o vôto de descon-

fiança da Câmara, foram as eleições gerais convocadas para 31 de Agosto de 1889.

O Padre já não possuía prestígio entre seus próprios amigos do 2.º Distrito.

O seu Partido apresentou duas chapas. Uma, completa, com Tarquínio Bráulio de Souza Amaranto e Manuel Porfírio de Oliveira Santos, cunhado do Padre, e outra, exclusivamente pelo 2.º Distrito, indicando Almino Alvares Afonso, já republicano, figurando em chapa de Partido monarquista, rebelião dos conservadores sertanejos, no célebre Congresso Político de Caraúbas.

Três meses depois, proclamada a República, Pedro Velho toma o poder do Estado e alia o seu Partido á ala conservadora de Souza Amaranto.

Afasta de si, receiôso, talvez, da sua companhia, o Padre João Manuel que, em Dezembro de 1889, um mês depois da proclamação, em forma de Manifesto, tornou público que abandonava a vida política.

Este, o político.

O PARLAMENTAR

Inegavelmente, o Padre João Manuel foi um parlamentar de fama.

Não se pode comparar aos grandes expoentes da vida legislativa do Império.

Mas, S. Excia. não foi um deputado quêdo e sem expressão oratória.

Têve escola, quer assistindo, como jornalista, aos debates do Parlamento, quer participando dos mesmos, como representante do Pôvo.

O seu estilo traduzia, como lhe definiu um cronista, “a coragem, a loucura patriótica, a inteligência viva, clara, duma extrema plasticidade, reluzente e silvante como um florête”. Era um estilo “para ser lido em voz alta. Meio gritante, áspero, com uma vivacidade a um tempo graciosa e dura”.

Era inimigo pessoal do ignorante e do subser-viente.

Certa vêz, o deputado maranhense, coronel

Isidoro Jansen, confessou-lhe que não pleitearia a sua volta ao Parlamento e acrescentava, num tom justificativo de sua deliberação — “acabo de conhecer, por experiência própria, quanto vale um deputado sem capacidade que, no recinto da Câmara, se amesquinha a seus próprios olhos, tendo consciência do tristíssimo papel que representa, em uma assembléia onde há muitos homens de mérito real, sobresaindo pelo talento e ilustração”.

Referindo-se, em uma de suas crônicas a tão desoladora declaração, o Padre comentava e dizia: “de fato. O único analfabéto que, neste País, teve o privilégio de se fazer ouvir, no Parlamento, no mais profundo silêncio e na mais respeitosa atenção, foi o imortal Duque de Caxias que, pelo seu gênio militar, por sua notável intuição de tudo que é grande, pelo seu enorme prestígio, tornou-se uma verdadeira glória nacional”.

De outra vèz, reporta-se ao deputado maranhense Silva Maia que representou a sua Província, vinte anos, sem nunca ter proferido um discurso e também divergido do Govêrno. E dizia, motejando da figura do “deputado governista”: “em regra, o Govêrno sabe o que fáz, não cabendo ao deputado governista que lhe presta apoio, o direito de divergir de suas opiniões, nem de contrariar os seus intuitos, nem de pensar de módo diverso. E’ esta a maior beleza do regimen parlamentar em que não há outro critério no vóto da maioria, a não ser a completa submissão á vontade e ao pensamento do Govêrno que sabe tudo e sempre quer o melhor”.

Como orador parlamentar, inegavelmente, S. Revma. encerrou, com extraordinário brilho, sua agitada carreira, proferindo o célebre discurso de 11 de Junho de 1889.

Há ritmo e elegância em toda a peça, há sentimento e sobretudo valôr literário, bem condizente com a época.

A oração, vibrante e rápida, tornou inexpressivos os apartes que lhe foram dados, circunscritos a interjeições de deputados monarquistas, inclusive os

do próprio Ouro Preto que lhe interrompeu quatro vezes, apenas.

S. Excia. começa o discurso, dizendo: “Tudo está indicando, evidentemente, que este País, fadado por Deus aos mais gloriosos destinos, em breve passará por transformações profundas e radicais e que as velhas instituições que nos tem humilhado, tendem a desaparecer deste sólo abençoado onde não poderam consolidar-se, nem produzir frutos benéficos”.

E continúa: “Tudo é confusão e anarquia; confusão, na ordem social; anarquia, na ordem política. Mas, tenho fé em Deus que, deste cáos medonho em que se debatem, inanes, e se estorcem, agonisantes, os restos de u’a monarquia moribunda, há de surgir a luz, essa luz suave e esplêndida da liberdade e da democracia que há de incendiar todas as inteligências, iluminar todos os espíritos e inflamar todas os corações, caindo no seio da Pátria, como gôtas de orvalho divino, vivificando-a, como vivificam as flôres, os raios benéficos de um sol de estio”.

Há no discurso êsse trêcho incisivo com referência ao Primeiro Ministro: “O nobre Presidente do Conselho sente-se satisfeito, por vêr a sua ambição realizada. S. Excia. apresenta-se ao Parlamento muito lampeiro, muito ancho e cheio de si, radiante de jubilo e de felicidade, supondo-se, sem dúvida, um triunfador. Como se engana S. Excia.! Sua vitória é uma verdadeira vitória de Phyrro. S. Excia. preparou, a seu geito, uma escada para subir, mas, por êsses mesmos degraus escorregadios, há de rolar, caindo, na Praça Pública, execrado e coberto de maldições, porque nutre e afaga o pensamento sinistro de atentar contra as liberdades públicas e a soberania nacional”.

Satírico, diz, no seu discurso, referindo-se ao Barão de Ladario, Ministro da Marinha do nôvo Govêrno: “o nobre Ministro do Império não é uma carranca, é simplesmente uma carêta”.

E tudo isto era jogado á face do Primeiro Ministro, presente á reunião do Parlamento.

Encara o Gabinête e prossegue: “Não nos iludamos, a República está feita. Só lhe falta a consagração nacional. Ela existe de fáto, em todos os espíritos e em todos os corações brasileiros”.

“Não tardará muito que, neste vastíssimo território, no meio das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os ângulos deste grande País, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando, enérgica, patriótica e unanimemente: ABAIXO A MONARQUIA E VIVA A REPÚBLICA!”.

Seis mêzes e quatro dias depois, Deodoro implantava, no Brasil, o novo regimen.

O JORNALISTA

O Padre, muito cedo, iniciou a sua vida jornalística.

Sua atividade na imprensa pode ser dividida em quatro períodos distintos.

O primeiro dêles, é o do jornalista literário.

Depois do ano de 1851, a Provincia foi invadida por uma série de pequenos jornais, de vida efêmera, e, na sua quase totalidade, sem expressão cultural.

Apareceram o “Camponêz”, “Curujão”, “Jacaré”, “Fagóte”, “Juruparí”, “Matraca”, “Rosa”, “Morcego”, impressos em duas tipografias existentes, áquela época, em Natal.

Depois, “O Natalense” e “O Estudante” e, em 1861, “O Recreio”.

Este último, era dirigido pelo Padre João Manuel que, então seminarista, tinha, apenas, 20 anos de idade. Foi um jornal que saiu vinte e cinco vezes, de 17 de Março a 22 de Dezembro daquele ano, vendido ao preço trimestral de dois cruzeiros.

Dirigindo “O Recreio”, o Padre iniciou a verdadeira vida literária no Rio Grande do Norte.

Ele é o marco do pensamento e da cultura jornalística de nossa terra, graças á orientação que lhe ditou o seu fundador, ajudado, constantemente, por

Francisco Otilio Álvares da Silva, J. Torquato, Fonsêca Junior, Pedro J. de Alcântara Deão, M. T. da Fonsêca, Jesuino Rodolfo do Rêgo Monteiro, Lourival Açucena e Isabel Urbana Carneiro de Albuquerque Gondim.

Falando sobre "O Recreio", Rócha Pombo, na sua História do Rio Grande do Norte, diz o seguinte: "O Recreio" era feito com mais gravidade e obediência a intuítos mais legítimos; e do número de seus redatores, destacavam-se jovens que vieram a ser mais tarde, figuras na alta política do Império, como o célebre orador parlamentar e jornalista político, Padre João Manuel.

O segundo período da vida de imprensa do Padre, é o em que êle se dedica ao jornalismo político.

Nesse caráter, colaborou em vários jornais de Natal, inclusive em "O Conservador".

No Rio de Janeiro, em cuja imprensa apareceu em 1867, escreveu, em primeiro lugar, no "Correio Mercantil"; em 1870, fundou e, por algum tempo, dirigiu o jornal de sua propriedade "15 de Julho"; de 1872 a 1876, colaborou em "A Nação", juntamente com João Juvêncio Ferreira de Aguiar, Cirilo Eloi Pessoa de Barros, o Barão do Rio Branco e Francisco Leopoldino Gusmão Lôbo.

Reconheceu S. Revma. que, como político, necessitava de ser jornalista e a imprensa foi a arma poderosa que o mantinha em contacto permanente com a função e os altos interesses do Império e da sua Província.

Depois que se proclamou republicano, ingressou, em 1889, para a redação do "Correio do Povo" onde o encontrou a República e escreveu crônicas políticas, sob o pseudônimo de Demoulins, combatendo a monarquia com Sampaio Ferraz, Alfrêdo Madureira e outros.

Tão impressionante, no seu estilo e combatividade, eram as suas crônicas políticas, que o General Francisco Glicério, certa vêz, lhe declarou o seguinte: "O snr. escrevendo as Crônicas Políticas, con-

traiu com a propaganda, um compromisso de honra, não podendo mais abandonar este posto”.

Quando renunciou á sua atividade política e foi viver no interior do Estado de São Paulo, simples pároco da cidade do Amparo, fêz-se redator chefe do “Correio Amparense”.

E’ a terceira etapa de sua vida de imprensa; é o cronista do Império, repassando, em 24 magníficos artigos, os fatos e os homens de sua época, velhos companheiros de luta e até mesmo a longinqua Província em que nasceu.

Embora, naquela época, não tenham tido repercussão significativa, os trabalhos do vigário amparense, não se pode negar que êles representam o início do período mais brilhante de sua produção intelectual, como jornalista.

O abandono de uma vida agitada, o remanso bucólico em que passou a produzir e as recordações das lutas em que tanto se empenhou, deram-lhe o clima para escrever esta série de artigos que, mais tarde, refletiriam no meio cultural do Rio de Janeiro.

Enquanto debocha do comendador Sobral, deputado alagoano e do conselheiro Malvino Reis, pela parlapatice de ambos é curioso referir-se ao conselheiro José Bento, professor de direito, cujo primeiro trabalho que o Padre leu, foi um folhêto que publicou, protestando contra sua demissão do cargo de Presidente de Minas Gerais. E, então, S. Revma. comenta: “era um professor da Faculdade de Direito que considerava emprego público, na acepção comum da palavra, o cargo de Presidente de Província de que não podia ser exonerado por um Governo que não o tinha nomeado, sem motivo provado, sem causa justificada, devia-se-nos afigurar, pelo menos, como uma excentricidade”.

Mais adiante, lembra-se de sua terra natal, á época da guerra do Paraguai, quando as notícias eram escassas e o povo se reunia na casa de negócio do major Pelinca, em frente do Correio, para ouvir a leitura do “Jornal do Comércio”, do Rio. E conti-

nuava: “entre os ouvintes, achava-se um homem graduado em letras, professor de lingua francesa do Ateneu Rio-Grandense. O leitor imprimia á sua voz um tom entusiástico, referindo-se aos acontecimentos em que eram envolvidas as forças aliadas e as de Lopez, cujo nome se repetia muitas vezes. Lopez praqui, Lopez prali, Lopez praculá, Lopez por tôda parte. Nisso, o professor de francês, sem dúvida impressionado com a repetição daquele nome que lhe parecia extranho, fêz quebrar o silêncio e interromper a leitura, dizendo: queira desculpar a interrupção, pois desejo esclarecer-me: êsse Lopez de quem tanto se fala, é por nós ou contra nós?”

Era, assim, o cronista; simples, mordáz, magnífico, porém.

A Fala do Trono e a figura do Imperador constituem uma crônica ligeira e excessivamente picante: “a uma hora da tarde do dia 3 de Maio, S. M. o Imperador penetrava, solenemente, no recinto do Senado, assentando-se sob o docél que ali estava preparado e recebendo das mãos de um môço fidalgo da Casa Imperial, a Fala do Trono que devia lêr perante a Assembléia Geral Legislativa. A figura do Imperador nos causa a mais extranha impressão, além da verdadeira surpreza que experimentavamos ao vêr um homem vestido tão esquisitamente, de calções de sêda bem justos, mostrando umas pernas finas que contrastavam com a corpulência, com seus sapatos de sêda branca, seu grande manto coberto de papos de tucano, tendo pesada corôa sobre a cabeça e empunhando o cétro imperial. Quando S.M. proferiu as primeiras palavras da Fala do Trono — augustos e digníssimos senhores representantes da Nação — instintivamente estremecemos, ao ouvir aquela voz fina, aflautada, desarmoniosa, que não parecia sair de côrpo tão volumoso e opulento”.

Eis como escrevia.

Em várias de suas crônicas, salienta, porém, a capacidade e as altas qualidades de José Bonifácio e Torres Homem, João Alfrêdo e Fernandes da Cu-

nha e o Conselheiro Antônio Ferreira Viana, o grande orador parlamentar do Império.

Já então se faziam sentir os primeiros atos do Governo Provisório e o Padre, sempre se dizendo republicano, caustica os dirigentes do regimen principiante.

E' a quarta e última fase de sua vida jornalística a mais brilhante, a mais impetuosa, a mais sincera, a maior. A do panfletário.

Logo cedo, comentando a nomeação do genro de Quintino Bocaiuva, para chefe de polícia do Estado do Rio, escrevia: "os atos do Governo Provisório não me inspiravam confiança, pois, começaram por um arranjo de família que destoava, inteiramente, do ideal republicano. Imperava o *genrismo*". Depois de descrever a sorte feliz desse genro que fôra filhote do Gabinete Ouro Preto, continua: "o governo provisório parecia um bando de salteadores que tinham assaltado o Poder para se locupletarem e arranjarrem a parentela faminta".

Há um artigo tremendo contra Campos Sales, sobre o casamento civil, em que diz: "esse Pombal caricato pretende celebrar-se, acentuando ódio que vota á Igreja. Não compreende esse desfrutável que, por esse módo, está, cada vês mais, impopularizando esta desgraçada República, já tão falseada e prostituida".

Acusa Quintino Bocaiuva, no caso do Tratado das Missões, chamando-o de negociador de tratados; ridicularisa Prudente de Moraes, por haver mandado ao Executivo a fôlha de subsídio dos senadores, sem a fixação legal dos mesmos; ataca, furiosamente, o programa financeiro de Rui Barbosa e diz sobre êste: "o sr. Rui Barbosa encerra-se em profundo e desdenhoso silêncio, quando se lhe pergunta donde provém o fausto e grandeza que ostenta, com tão escandalôso e revoltante desassombro".

Aplaudiu o golpe de 3 de Novembro, de Deodoro, dizendo: que "se dissolvia um verdadeiro ajuntamento ilícito que tanto contribuia para desacreditar o regimen republicano. Aquilo não erá um Congres-

so Nacional, mas sim um conluio de ambições sofrêgas e desconcertadas”.

Mas, o seu estilo combativo alcança a mais alta temperatura, quando, a 9 de Janeiro de 1892, inicia violenta campanha contra o Govêrno do Marechal Floriano, sobre cuja pessôa diz o seguinte: “o seu cadáver, colocado sobre montões de cadáveres, será amortalhado naquelas famosas ceroulas em que o Govêrno se enrola, como o mais expressivo simbolo de legalidade”. E continuava: “o sr. Floriano Peixôto traiu a própria mãe, porque lhe fêz a surprêza de nascer de sete mezes, vindo, pela primeira vêz, á luz do dia, na Vila de Pôrto Calvo. Ora, procedente de Pôrto Calvo e tendo tanta pressa de vir ao mundo, devia tornar-se um verdadeiro prodigio na traição”.

Êste artigo é, talvez, o mais violento da série, com a circunstância de ter sido escrito no govêrno do Marechal, sob estado de sítio.

Doutra vêz, diz ainda, sobre o Marechal de Ferro: “é preciso que o pôvo, para castigo dêsse monstro, o agarre pelas orêlhas, o conduza para a praça pública e lance-lhe na face horripilante o escarro do despreso nacional”.

Ataca a maneira de proceder ao reconhecimento de poderes da Câmara, na eleição de Augusto Severo e condena a revolta de Custódio José de Mélo a quem diz faltar autoridade para dirigir tal movimento, “grandemente prejudicial aos créditos da República”.

Em 1894, publicou o livro “Reminiscências”, enfeixando todos os artigos que publicou, no “Correio Amparense”.

Foi êste o intelectual.

Câmara Cascudo, certa vêz, me dizia, a seu respeito: “o Padre João Manuel se caracterisava, além da sua vibratilidade, por sua intenção literária, no plano cultural”. E prosseguia: “Joaquim Guilherme, o maior jornalista da época e o primeiro poeta satírico do tempo, com produção dispersa e esquecida, sofreu a influência psicológica e cultural do Padre

cujos pontos de contacto, em estilo e exaltação, são notórios.

Agóra,

O SACERDOTE

Ordenou-se, no Maranhão, em 1865.

Foi vigário da Candelária e, a 11 de Fevereiro de 1890, transportando-se para São Paulo, exerceu o paróquiato na cidade do Amparo.

Padre por convicção, quando não estava em Natal, viajava, todos os anos, para vir recitar o sermão do Encontro, peça que comovia os fiéis.

Quando político, raramente, usava batina, se não nos atos e cerimônias da Igreja; vestia sobrecasaca, usava cartola de sêda e trazia o anel sacerdotal, no laço da gravata.

Entre os anos de 1895 e 1897, viajou a Roma onde esteve com Leão XIII que lhe deu de presente um solidéo.

Em Natal, introduziu a cerimônia da coroação de Nossa Senhora, no sábado d'Aleluia.

Batisou muitas creanças e fêz-se compadre no seio das mais tradicionais famílias da Província.

De sua honestidade sacerdotal, nunca foi falado e nem mesmo injuriado por seus mais ferrenhos adversários.

Foi combatido pelo positivismo e o Des. Felipe Guerra me referia que o seu desastre político, depois do discurso de Junho de 1889, se deve á maçonaria cearense que exercia grande influência no 2.º Distrito da Província, através do português maçõ Souza Mélo, residente em Moçoró e orientador, talvez, do lançamento, áquela época, da candidatura Almino Afonso.

Em Amparo, foi processado, na era republicana, porque celebrou um casamento religioso antes do civil. Mas, o processo foi arquivado e a Lei reformada, porque, como dizia Rui Barbosa, a adoção desse critério legal seria reconhecer a validade do casamento religioso que a República não podia admitir.

Quando o “Diário Mercantil” deu agasalho á protervia de que o Padre ia abjurar para casar-se, êle escreveu um artigo intitulado “As duas corôas”, talvez como jornalista a sua obra prima, em que rebate o insulto. A êsse tempo, tinha 23 anos de sacerdote.

Duas corôas: a sua corôa de Padre e a corôa do Imperador.

E’ nêle que escreve o seguinte: “Apresento-me, sempre, tal qual sou, sem os blocos da impostura e sem a máscara da hipocrisia. Julgam-me, sem dúvida, pelas aparências, por que não tenho a compostura de um beáto, nem tomo ares estudados de santarrão; julgam-me pelo meu trato social, pelo meu caráter franco, pela minha fisionomia prasenteira, pelo meu gênio expansivo e, muitas vezes, brincalhão, condenam-me, finalmente, por malignas conjecturas. Miseráveis! Tranquilisem-se os meus amigos. Minha fé católica é inabalável. Fiz-me Padre por vontade e inspiração própria, quando podiam imperar em mim, paixões mais ardentes e não será hoje que descambo para o ocaso da vida, com a cabeça embranquecida pelos gêlos da idade, que hei de cometer a infâmia de abjurar a religião dos meus pais, de cujas verdades nunca duvidei e cujas doutrinas são a consolação e o confôrto de minha alma. Aderindo á idéia republicana, contraí, como Padre, deveres ainda mais sagrados, mantendo, cada vêz mais firme, a minha fé católica e mais e mais intransigente meu caráter sacerdotal. Quando, neste País, o sôpro da democracia fizer desmoronar as corôas e cêtros da realêza, rolando sobre as ruínas da Monarquia, espero em Deus tomar parte nêsse *laus perene*, podendo, no seio das multidões frementes de jubilo, iluminadas pelos vividos clarões da liberdade, elevar a Hóstia sacrosanta, como simbolo purissimo e sagrado da verdadeira páz e felicidade nacional. Quando a proclamação da República se fizer ouvir em todos os ângulos desta terra abençoada, voando, pelos ares, a Corôa Imperial, confio no Altissimo que ainda conservarei, intacto, meu caráter sacerdotal

e manterei ilésa minha fé católica. Tudo se desmorrará, mas, estejam certos, de que minha corôa ficará segura sobre a minha cabeça”.

Por fim,

A FAMÍLIA E O HOMEM

Na primeira metade do século 19, um vasto sítio, começando nos fins da Rua de Santo Antônio, do lado direito de quem desce, indo do Convento dos Franciscanos, cobria a área de terra que por ali se estende, até a Usina do Oitizeiro.

Residia, naquele lugar, o Capitão João Manuel de Carvalho, cidadão honrado, de poucas posses, humilde e que á sua família sustentava com os proventos de uma casa de farinha, as frutas de seu quintal e a fabricação de fogos para os festejos da cristandade.

De seus ascendentes, apenas um era homem de certo dinheiro, o coronel José Gabriel de Carvalho, seu tio, rabula na Provincia, residente na Praça da Alegria, de quem se dizia ser ainda possuidor de sacos de ouro e prata e avantajada fortuna.

O Capitão João Manuel de Carvalho casou-se em família mais humilde que a sua, com a Sra. Quitéria de Moura Carvalho, de quem houve oito filhos: Antônio, Sebastião, Fredoviana, Ana, Maria Paula, Gaudêncio, Francisca e João Manuel.

Êste último nasceu a 26 de Dezembro de 1841.

Viveu o futuro sacerdote a vida de menino pobre, pelos sítios da Cidade, na companhia, entre outros de Lourival Açucena, seu amigo de infância.

Desde cêdo, porém, se fêz um bom estudante, aprendendo latim e humanidades, com verdadeiro devotamento.

Quando voltou do Seminário, feito Padre, e iniciou a sua vida sacerdotal, cuidou da educação dos irmãs e foi assim que internou Francisca, a mais môça, em um Colégio no Rio de Janeiro e custeou os estudos de Antônio que foi bacharel em direito e Promotor na Penha, Sebastião que se titulou de farmacêutico e Gaudêncio que se empregou nos Correios.

Naquela época, veio para Natal e aqui estudou sob a proteção de Joaquim Guilherme, primo do Padre, o jovem alagoano Manuel Porfirio de Oliveira Santos que, regressando a Recife, ali colou grau, na Faculdade de Direito. Passando, depois, a viver em Natal, Joaquim Guilherme promoveu o seu casamento com a irmã do Padre João Manuel, de nome Francisca, então estudando no Rio de Janeiro. Casados, vieram para Natal onde o Doutor Santos foi advogado, redatôr da "Gazêta de Natal" e, no começo da República, Juiz Federal aqui. São êstes os pais do juriconsulto João Manuel de Carvalho Santos.

Tempos depois, a família que se constituiu na casa da Rua de Santo Antônio, hôte sob número 800, mudou-se para a Rua da Palha.

Dona Quitéria faleceu antes do capitão João Manuel de Carvalho e o Padre, com a morte dos pais, chamou a si o sustento de suas irmãs solteiras.

Parece que S. Revma. fôra ajudado, em sua educação pelo tio de seu pai, José Gabriel de Carvalho, que, por seis vezes, fôra deputado provincial e cujo túmulo, no Cemitério do Alecrim, o terceiro do lado esquerdo de quem entra, de fino mármore de Carrara, fôra mandado buscar, em Portugal, pelo Sacerdote e seu parente Joaquim Guilherme, pelo preço de dois mil cruzeiros.

No princípio de sua vida pública, vestia muito mal.

Certa vêz, Rafael José da Costa Junior, o gerente do "Correio Mercantil", do Rio, seu amigo e confidente, assim se expressou para com êle: "Grande trabalho me dás para convencer a quem te apresenta, de que vales alguma coisa. Teu modo de vestir, te compromete, horrivelmente. Fica certo de que a bôa encadernação, se não exprime o valôr real da obra, pelo menos, desperta a curiosidade de lê-la".

O Padre corrigiu-se e, debaixo de sua elegante indumentária, deixava trescalar, daí por diante, um suave perfume de agua de violêta.

Era, porém, um grande espírito folgassão. Nada bem, usava a montaria como ninguém, tiro cer-

teiro e apumado e quando estava em Natal, nunca perdia as lapinhas e aos bailes assistia, pagando a garotada para dar-lhe banho de entrudo que, como diversão carnavalesca, introduziu no Rio de Janeiro.

Seus inimigos não lhe perdoavam e combatiam-no por tudo, até porque fumava de piteira.

Na intimidade, Pedro Velho chamava-o de moleque.

Êle revidava e a Moreira Brandão apelidava de “Cara de Cristo velho de latão azinhavrado”.

Por áto do Doutor Bandeira de Mélo, Presidente da Provincia, teve o privilégio da Estrada de Ferro de Nova-Cruz, visitou Londres e presenteou Augusto Leite com uma tipografia.

Era gago, porém não gaguejava, quando discursava.

A política que tanto o aproximára de Joaquim Guilherme, daquele seu parente o afastou, com êle se inimizando até a morte, desde que o mesmo aceitou o lugar de diretor do Tesouro, dado pelo Doutor Pedro Velho.

Depois da proclamação da República, deixou crescer os tênues e embranquiçados cabelos.

O Padre não possuía, somente, a fôrça de escrever e de falar.

Tinha a coragem pessoal de que deu provas, reagindo á agressão do deputado Francisco Belisário Soares de Souza, Ministro da Fazenda do Gabinête Cotegeipe e a que se refere o seguinte documento da Comissão de Policia da Câmara, lavrado a 21 de Abril de 1873:

“A Comissão de Policia, repassada de profundo sentimento, vem dar conta a esta Augusta Câmara, na forma do artigo 221 do Regimento, das investigações a que procedeu e do que poudo recolher, em relação á lamentável ocorrência entre os dois Srs. Deputados Francisco Belisário Soares de Souza e o Padre João Manuel de Carvalho, no dia 18 do corrente. Tão deplorável ocorrência prende-se, sem dúvida, ao incidente que houvera entre os referidos Deputados, em uma das sessões anteriores. No dia 18 do

corrente, o Sr. Deputado Belisário, contra o seu costume, entrou mais cedo, no edifício da Câmara e conforme declarou o empregado Pedro Gomes de Alcântara que serve como porteiro, entrou de sobrecasaca abotoada, de modo que exteriormente não trazia consigo instrumento ou objeto que revelasse as intenções que nutria e os planos que visava realizar. Notou-se que, por frequentes vezes, o Sr. Deputado Belisário dirigia-se a algumas das janelas das ante-salas, como quem espreitava alguma coisa. Infelizmente, chegou o momento que êle, ancioso, esperava. Aproximando-se do edifício os Srs. Deputados Padre João Manuel e Rocha Leão e sendo isso observado de uma das janelas pelo Sr. Deputado Belisário, dirigiu-se êste para a escada, colocando-se na volta da mesma, de modo tal que, difficilmente, poderia ser visto por quem entrasse desprevenido; e quando o Sr. Deputado João Manuel começava a subir, foi acometido por êle, munido, então, de um instrumento. A posição desvantajosa do agredido que subia inerte e a superioridade do agressor que lhe ficou a cavaleiro, em lugar de sua escolha, são fáceis de compreender-se, acrescento, força é dizê-lo, que deu-se uma espécie de surpresa, sendo que esta tríplice ordem de circunstâncias agrava o fato que todos nós deploramos. No ponto indicado, travou-se uma luta entre os dois referidos Deputados, resultando dela que ambos caíram e que o Sr. Deputado João Manuel sofresse, na queda, algumas escoriações que são visíveis e foram observadas pela Comissão. A Comissão ouviu a algumas pessoas presentes ao acontecimento e, de seus depoimentos, se colige que, levantando-se ambos, da queda, travou-se nova luta, que não prosseguiu, por efeito da intervenção das mesmas pessoas. Limitando-se as funções da Comissão de Policia ao conhecimento do fato e a sua exposição á Câmara, competindo a esta determinar o que deve praticar-se (artigo 221 do Regulamento), a Comissão julga ter cumprido a sua missão, expondo o fato em sua nudez, com as circunstâncias que se deram, a-fim-de que esta Augusta

Câmara, em sua alta sabedoria, resolva o que melhor entender. Sala das Comissões, em 21 de Abril de 1837. aa) — Inocêncio Marques de Araújo Góis, presidente; dr. Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, 1.º secretário; Martinho de Freitas Vieira de Mélo, 2.º secretário; Luís Eugênio Horta Barbosa, 3.º secretário; Carlos Peixôto de Mélo, 4.º secretário” .

Henrique Barcelos que foi seu íntimo e prezoso amigo e que escrevia no “Correio de Campinas”, descreveu o seu perfil — “Era um homem alto a quem a severidade da batina prêta acrescentava alguma coisa de solene. Considerei-lhe a frente vasta que reflete a vastidão do pensamento; o luminoso olhar prescrutador e perspicaz; os longos cabelos brancos que figuram de uma como aureola aquela frente; a bôca, rasgada, simultaneamente risonha e grave, em que transparece um nem sei que de irônico. Um conjunto, enfim, que atrai e que se faz respeitar; o preciso para angariar simpatias inteligentes e amedrionar as nulidades pretenciosas que temem os homens superiores. Tal se me afigurou, no primeiro momento sempre um tanto incômodo das apresentações, o homem cujo nome, um ano antes, fôra levado às nuvens, pelas entusiásticas aclamações do Partido Republicano. Que fizera êle, com efeito? Uma afirmação de princípios que era, então, uma temeridade. Perante um Ministério poderoso, face a face, com a Corôa Imperial, aquele deputado, um Padre, que se inscrevera a contra gôsto da mesa da Câmara, tímido já, erguera êste brado: Viva a República!”

Em Maio de 1893, num dos seus artigos do “Correio Amparense”, já dizia, porém, que era precário o seu estado de saúde.

Doente, veio para o Rio de Janeiro e a 30 de Maio de 1899, falecia, cada vez mais fiel ao juramento que prestára á Igreja de Jesus Cristo.

Mãos caridosas levaram-lhe o côrpo ao Cemitério de São Pedro e sobre seus despojos venerados, ao em vez de uma cruz, ergueram-lhe uma estátua

em cujas mãos há um livro que não sei bem si um breviário ou um catecismo de fé republicana.

Este foi o homem, na sua mais lidima expressão, a cuja memória deitamos, nesta festa, o penhor de nossa mais profunda admiração.

Político, jornalista, parlamentar e oradôr, não foi um Cícero, nem um Demóstenes.

Mas, possuiu do primeiro, a origem plebéa, uma alma generosa e sensível, aberta a todos os nobres pensamentos e profundamente apaixonada de beleza, justiça e liberdade e do segundo, a coragem, a pureza de sua vida pública e privada e um patriotismo esplêndido e desinteressado .

Teve do autêntico nortista a sinceridade de atitudes e o desinteresse das posições.

Outro cobriria a República que foi o primeiro a viver, de ambições sofrêgas, estreitas e inconfessáveis .

Preferiu, porém, combater os homens que muito cedo, revestiram o seu grande ideal, de feridas e de males profundos.

Que diria êle, senhores, si tivesse vivido e combatido nestes fins de metade do século 20?

A palavra que sempre proferiu.

Acuso! Acuso os maus, os ladrões e os violentos. Acuso os que não sabem praticar a justiça e os que mercadejam a honra da República, no exercício do munus que o pôvo lhe confiou; os covardes, os ignorantes e os ineptos que temem a verdade e não podem defender a vida da Nação; acuso os especuladores, os ímpios e os fomentadores da desordem social. Acuso o crime, a mentira, o subôrno e a prevaricação.

Embora, como advogado que foi da coisa pública e juiz militante da democracia, lhe estivesse reservado, em maior quinhão, como dizia Rui, sofrer pelo Direito, valendo-lhe em paga, a consoladôra certeza de que tudo empenhou por que não esmorecesse, vacilasse ou errasse, no caminho da Verdade.

* Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 25 de julho de 1947

Recepção ao Acadêmico Aderbal de França

EDGAR BARBOSA

Ainda ontem abria as páginas de “Cigarra”, a revista que Aderbal de França fundou em Natal em novembro de 1928, e que durante cinco números foi o instantâneo da arte, das letras e da vida social desta terra. Desde a fase estimulada por Alberto Maranhão, não se inaugurara no Estado uma quadra mais propícia ao exercício da inteligência, e exemplos dessa renascença foram, entre outros, o “Flôr do Sertão”, de Policarpo Feitosa, e “Jardim Tropical”, de Otoniel, o “Roseira Brava”, de Palmira, e uma reedição das “Poesias” de Itajubá. Além da “Cigarra”, a temporada de conferências literárias de 1930 deve ser lembrada como expressão de que o espírito norte-riograndense não se fechava dentro de si mesmo nem estava alheio ao surto renovador que, naquela época de futurismo, de verde-amarelismo e de reação nacionalista, agitava a literatura brasileira.

“A República” era o cenáculo onde estreavam todos os moços que sentiam a bela angústia da forma, que tinha unicamente a seu favor a ilusão da idade não prostituída pela esperança do lucro ou pelo inferno de traficâncias e mesquinhasias a que aludiu o poeta. Eles possuíam a graça jovem dos primeiros vôos, a leveza do pássaro ao sair do ninho materno e experimentar na árvore natal, o balanço do primeiro ramo. Aquelas tardes da “A República” se envolviam de uma doçura remansosa. A avenida faiscava, adormecida ao sól, e o rio ali perto, nos

trazia o sabôr misterioso das longas viagens, dessas viagens em que sonhamos iates, gondolas, falúas, barcos de velas trêmulas e brancas, arfando e gemendo nas enseadas e nos golfos dos países distantes.

Em uma cidade obscura, vivia-se em êxtase como se fosse em um palácio encantado. Jornalistas, críticos, poetas, se reuniam na sala do jornal ou na “Rotisserie”, e Carolina, Palmira, Lourdes Cid, Stela Câmara, Damasceno Bezerra, Virgilio Trindade, Ivo Filho, João Maria Furtado, Otoniel e Jorge Fernandes, não eram ainda poetas bissextos, como se chamam hoje os poetas que fogem ao seu instinto de poesia.

Mas, naquele tempo — desculpem a insistência com que recorro á locução bíblica — é permitido dizer que “A República” era mais um jornal literário do que um órgão oficial. O Presidente Juvenal Lamartine anunciára o seu govêrno com uma plataforma que, passados 22 anos, ainda é um documento digno de exame pela sua sensatez, pela sua forma e pela objetividade com que encara a geo-política do Rio Grande do Norte. O fato é que os assuntos da região, os problemas da terra, o contáto com o mundo que palpitava lá fora, eram questões abertas no ambiente da redação da “A República”, visitado frequentemente por Lamartine, a discutir livros, a fazer sugestões, a animar com espírito universitário a pléiade de rapazes que constituíram, sem dúvida o mais vivo florão do seu govêrno.

Entre êles estava o recepcionado de hoje, estudante de medicina, com tirocínio na imprensa do Rio e chamado a secretariar a recém-criada Imprensa Oficial. Em 1926 Aderbal França publicára o seu “Vida Profana”, livro de crônicas que êle próprio considerou “um traçado ligeiro e inseguro da sua vida de imprensa”. Mas o verdadeiro Aderbal já estava ali, para vir a ser, sem contestação o “Danilo” que reviveu entre nós, no mais claro e leve estilo, a crônica social e mundana, a maneira despretenciosa de focalizar os acontecimentos e regis-

trar sutilmente os fatos que interessam mais de perto ao público.

O cronista social é a testemunha comprometida da história, é ele quem manipula, no complexo laboratório citadino, os ácidos e os sais da vaidade esplendorosa, da glória efêmera, da beleza que passa enquanto, como no poema de Stefan Zweig: “as horas bailam suaves sobre o cabelo branco e raro — e a áurea taça, sorvida, mostra o seu fundo claro”.

* * *

Antes de falar do outro Aderbal que conheço, deveria manifestar o mais procedente dos impedimentos e afirmar, como Renan, que tudo quanto se diz de si mesmo é sempre poesia.

Há um poeta morto, já o disse outro poeta, em cada homem que amadurece. Figuremos que os dias não passaram sobre nós dois, que aqui nos achamos em cumprimento de um dispositivo regimental desta Academia, e por força da obediência que devemos ao nosso Presidente, que advogado, está pondo em vigor todos os incisos e letras dos nossos estatutos. Mas, na verdade, nos encontramos, como em 1928, em maravilhosa viagem com a Poesia, diante do mar da Ridinha, onde “se alongava, serpenteando para o oceano, a curva arenosa e branca. Uma capela nova implantada no areal solto da ribanceira, tinha na porta fechada e na cruz pobre o mistério singular das casas de Deus...” Ou então á sombra das velhas cajazeiras do Quartel Federal, com “a palmeira esguia, frondejando no alto, numa tristeza pungente de criatura esquecida...”

Como é exata a imagem de que a árvore é o retrato dos seres humanos! Velho anseio dos poetas, o de serem árvores, se realiza toda vez em que, na contemplação do mundo, pretendemos voltar á sombra das velhas cajazeiras mortas.

Li há pouco um poema do alemão Hoelderein, traduzido por Manuel Bandeira, que me pareceu uma síntese feliz desse estado da alma que se apodera

do homem na metade da vida, e ao qual não escapam sequer aqueles que se vangloriam do pragmatismo moderno da compreensão realística das cousas: —

“Heras amarelas
E rosas silvestres
Da paisagem sobre a
Lagôa.

O' cisnes graciosos,
Bêbedos de beijos,
Enfiando a cabeça
Na água santa e sóbria!

Ai de mim, aonde, se
E' inverno, agora, achar as
Flôres? e aonde
O calor do sol
E a sombra da terra?
Os muros avultam
Mudos e frios; e ao vento
Tatalam bandeiras”

Essas lembranças parecerão um cavar em ruínas, e todavia Aderbal França é o mesmo crota sóbrio e lúcido dos seus primeiros tempos. A crua realidade dos números estatísticos, não o transformou em automato registador dos fatos sociais nem em agenda de guarda-livros das mundanidades. E, através das mutações por que tem passado o jornalismo da província, conserva êle a serena atitude do observador atento às perspectivas, aos panoramas amplos do conjunto social.

Meu caro Aderbal, você chega á Academia para honrá-la e dignificá-la como um símbolo fiel e constante do homem de letras brasileiro, muitas vezes em luta com a aversão ou a displicência por tudo quanto represente trabalho intelectual. O campo de batalha das letras tem, entre nós, seus mortos e seus heróis anônimos e ainda os seus sa-

crificados aqueles que, como disse Kipling, envelhecem na arte negra da imprensa, andam á procura da cidade perdida e jamais encontrada e vivem! entretanto, felizes consigo mesmos, á semelhança daqueles alquimistas que morriam sonhando haver descoberto a pedra filosofal.

A sua companhia é-nos grata e amável sobretudo porque você é um desses homens que guardam e mantêm pura e limpa a têmpera do intelectual que ama o espírito e que se emociona diante dos fatos que em geral passam desapercibidos. Os muros mudos e frios a que se referiu o poeta não estão no seu caminho, nem você ouve as bandeiras de todas as côres e matizes que tatalam ao vento. Minha saudação portanto, é a de um velho companheiro amigo, feliz em recebê-lo nesta Academia, em nome dos intelectuais norte-riograndenses que o admiram e estimam”.

* — Discurso de saudação ao acadêmico Aderbal de França, em nome da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 12 de Maio de 1949.

Ponciano Barbosa, a Vida e a Obra *

ADERBAL DE FRANÇA

Há patronos desta casa aos quais se poderia aplicar a frase de Rostand quando entrou na imortalidade da Academia Francêsa: tudo já foi dito. Outros de quem muito pouco já se disse. De Ponciano Barbosa nada mais encontrei consolidado em estudo, além do capítulo que Luís da Câmara Cascudo dedicou á sua memória no livro "Alma Patrícia", ensaio crítico que foi, no gênero, o primeiro trabalho substancial no Estado. Procurar evocá-lo não é, portanto, um sinal de ocaso, como na concepção estilística daquele escritor francês sobre os atos acadêmicos. Deve ser, porém, um vislumbre de sol nascente, o prosseguimento de um itinerário na história da nossa literatura de província.

E' um nome, portanto, ainda disperso no tempo em que viveu, lutou e escreveu. Não tenho, nem poderia ter, a pretensão de vir dar forma e consistência a uma obra que o futuro forçosamente terá de fazer. Venho, apenas, cumprir nesta hora um dever, lembrando um dos nossos patronos, que a tragédia da morte paralizou ha trinta anos.

No mundo do espírito foi Ponciano Barbosa poeta e prosador. Nos embates da vida social exerceu a política, quando esta iniciava aspectos renovadores da democracia no Brasil. E foi quando fortes sensações lhe estimulavam o pensamento e a ação que o destino o jogou no desterro indefinido e

eterno, onde o corpo inutil confirma a verdade do princípio evangélico: — E's pó, e ao pó voltarás”.

Ele estaria, certamente, nesta casa, se tal não acontecera. E aqui, nesta tribuna, com a eloquência que lhe era própria já teria proferido o elogio do seu protetor espiritual.

Ponciano de Moraes Barbosa faleceu em Natal no dia 12 de janeiro de 1919. Tinha trinta anos incompletos. Viera de uma época em que a poesia brasileira passára por uma fase de febril renovação — a década de 1880. Antes dele, a cidade tranquila sentira a vibração de uma imprensa de ensaios e de afirmações literárias. Com êle, continuava o ambiente idealista — a cobiça dos novos refluindo da lição dos velhos.

Alguns sócios fundadores desta Academia foram desse tempo de germinação fecunda do pensamento e das letras. Dentre êles, Henrique Castriano e Sebastião Fernandes, que também já passaram, deixando-nos o brilho dos seus grandes espiritos. Os demais aqui se acham, glorificando o lema do nosso destino.

Não é, portanto, Ponciano Barbosa um nome a se reverenciar através dos livros, dos arquivos e da crônica de passado remoto. E' uma figura que ainda vive na saudade dos amigos e companheiros de inesquecíveis tertúlias. Fui um dos seus íntimos na imprensa. Para mim, ele era um mestre. Eu, apenas, um iniciado. Ele, escrevendo versos, crônicas, dramas, conferências, publicando livros. Eu, nas mesas da revisão, aprendendo a julgar mais de perto escritores e poetas. Assim, comecei a admirá-lo na constância dos encontros da profissão e a sentir, também, o entusiasmo literário da época.

A INFLUÊNCIA LITERÁRIA

Natal assistia aos primeiros entusiasmos da República, fundada dois dias antes no Rio Grande do Norte por Pedro Velho. Nêsse alvoroço de novo regime Ponciano Barbosa nascia na velha rua 13

de Maio, hoje Princesa Izabel, justamente na data que veio assinalar o dia da Bandeira — 19 de novembro. O ambiente político era de radicalismo partidário, de separações profundas entre liberais e conservadores. Vindo de um lar pobre e, logo cêdo-
orfão de pai, cresceu no exemplo doméstico do trabalho, da dignidade, do esforço. Estudou nas nossas escolas públicas e, adolescente, penetrou as nobres portas da Faculdade de Direito do Recife. Tornou-se um daqueles homens privilegiados, para os quais Humberto de Campos reclamava o desvelo dos historiadores — que nascem de si mesmos e se elevam na sociedade brasileira vencendo as batalhas com o próprio sangue, sem as facilidades que dão os nascimentos ilustres, os antepassados gloriosos. Pobre, sem a influência de parentes, que os não possuía nas altas esferas do govêrno, subiu, entretanto, num tempo em que o brilho do cérebro e a retidão moral podiam ser valores pessoais definidos e aproveitados. Alcançou postos de relativo relêvo na administração pública, na representação política, na lida literária, nos quadros angulares da nossa formação social. Não foi, na sua curta existência, “aquela folha dolorida que tem baldado anseio de subir”, como quiz definir-se no soneto de abertura do seu primeiro livro.

Chegado ao mundo depois do período agudo da transformação romântica ou seja da reação crítica de Sílvio Romero ou autonômica de Ronald de Carvalho, ou dos românticos reformadores, tinha de vibrar sob a influência de duas correntes, talvez mais formalísticas do que espirituais: a força da poesia romântica e o fôgo da luta parnasiana.

O POETA

Ponciano Barbosa foi poeta, jornalista, dramaturgo, contista, orador, parlamentar, juiz, funcionário público. Em cada uma das fases da sua vida — o escolar, o acadêmico, o bacharel, o secre-

tário, o funcionário, o juiz, o deputado, sempre o impulsionou uma vontade própria.

O poeta, porém, andou mais á tona da inquietação intelectual. Depois, foi o cronista. Certamente a rima lhe nascia mais do fundo dalma, e era no soneto, no poema, na trova, que êle parecia sentir melhor a irradiação da sua personalidade. Revelou, sem cessar, um estado interior de desalento e dúvida, fixando-o no panorama dos seus versos. A sorte lhe negara os dons de uma composição física desejada. Era o que se chama um homem feio. Si teve o pensamento voltado para sí mesmo, nêsse extase encontrou a tristeza que lhe encheu os versos e, então, a sua poesia foi um rio amargurado, serpenteando através da sua vida, que logo se acabou. "Tédio" é um soneto significativo:

"E no interior deste meu corpo feio,
Anguloso, magríssimo, comprido,
Possúo um coração incompreendido
Atormentado pela angústia e o anseio.

Olho a vida assustado e com receio
De na vida ficar pobre vencido...
Tantas dores me têm a alma ferido
Que, ás vezes, a alma já não tenho, creio".

Em "Simile" ha esta confissão:

"Eu tenho um grande mal indefinido,
Um profundo desgosto, atroz e intenso.
Acalmá-lo procuro e, dolorido,
Sinto-o maior, cada vez mais, imenso".

Diante de uma cegonha, da sua atitude de tristeza e de abandono, Ponciano gravou, numa verdadeira satira á

"... escala humana,
Tão farta de mentira e ódio profundo,
Apaixonada, ríspida e tirana"

êste terceto do homem desiludido:

“Antes eu fosse mesmo êsse pernalta,
Um ser inferior que observa o mundo,
Indiferente ao bem, ao êrro, á falta”.

E, num comparativo desalentado, exclamou:

“Pernalta, uma figura de cegonha
Lembro a quem o meu corpo esguio fita.
Nada existe que em mim sorrisos ponha...
Sou a melancolia agra e infinita”.

O seu “Noturno” é um canto de abatimento, em que o poeta diz que a “flôr tristíssima do êrmo”, abrindo e vicejando na alma da noite, tornou-o, com o seu “veneno amargo”, um “desgraçado enfermo”.

Seria Ponciano Barbosa um poeta subjetivo, que sentisse as suas próprias dôres? Nem sempre o poeta é sincero. O pessimismo nunca é expressão da alma. Entre o homem e o espírito há sempre o conflito. Ele sentia, realmente, a dôr da vida? No prefácio do “Folha Humilde”, seu último livro publicado, escrevia, em 1916 Sebastião Fernandes, que foi um dos seus íntimos companheiros de literatura: “Ponciano é um dos mais lidimos representantes desse mixto de contemplação, volutuosidade e melancolia que nos legaram os fatores etnicos formadores da sub-raça que tão legitimamente constituímos”. Representaria o tipo do que definia Ronald de Carvalho num estudo sôbre a poesia e as lendas populares no Brasil. “O brasileiro é naturalmente triste, porque tristes são as três raças que contribuíram para a sua formação. O português é nostálgico como a languida toada dos seus fados; o africano é um abatido, suas revoltas são gritos de dôr contra as agruras do exílio em que o puzeram; o índio é um sofredor, tem na alma a resignada queixa dos rios e o murmúrio das selvas misteriosas. Daí êsse aspecto de melancolia que há em quasi todas as produções da poesia brasileira”. Êle resumia no verso

a mesma expressão imperecível da síntese admirável com que Olavo Bilac definiu a música brasileira:

“Lasciva dôr, beijo de três saudades.
Flôr amorosa de três raças tristes”.

Sentia-se, também, a influência do ceticismo de Baudelaire, o precursor da reação espiritualista, ligados que estávamos á poesia francêsa por um sistema de estreito individualismo. “O século XIX, disse Ronald de Carvalho, foi uma grande crise de melancolia, ora violenta, ora suave, ora exqu岸ita, ora trivial, atravessada por raros instantes de confiança passageira”. Esse índice etnológico doía-lhe no sangue, sombreava-lhe a pele, torturava-lhe o coração. Mas, sobretudo, deveria martirisá-lo o desequilíbrio fisionômico, em detalhes que tanto valem á vaidade humana. E talvez, por isso afirmasse:

“Há na vida dois caminhos:
Um tôdo cheio de flores
E outro coberto de espinhos...”

Eu sigo pelos rigores
Do mais atroz dos caminhos:
Nos sonhos levando flores,
No coração os espinhos...”

Ponciano Barbosa parecia um cético. Entretanto, era evidentemente, um religioso. Compreendia-se numa das chaves tipológicas de William James — era o delicado, carregando os seus ideais, o seu romantismo, os fervores de uma evolução estética. “A alma dos poetas não é como as outras almas” dizia Albino Forjaz de Sampaio falando do poeta português Gomes Leal. Estaria êle naquela crise definida por Bilac — na crise do sentimento. Era a alvorada do amôr “que deveria ser sempre de uma infinita alegria, e é sempre entretanto, de uma infinita tristeza”. “Todos os moços, quando chegam á idade de amar e de poetar, associam a idéia do amôr á idéia da morte”. “A

prosa define o pensamento; o verso exprime o sentimento”, afirmava Xavier de Barros, ha trinta anos, num estudo sobre Gilberto Amado. “Foi por isso, dizia êle, que em todas as civilizações a poesia precedeu á prosa, como a imaginação á observação, a paixão á razão e o sentimento ao pensamento”.

Ponciano revelou “uma sensibilidade profunda e doce, tendo requintes para o ambiente rarefeito em que vivera de passagem, como um clarão”. Assim o observou Luís da Câmara Cascudo. Certo que êle vivia dentro daquela moldura da sensibilidade romântica, de que Ronald de Carvalho nos dá um doloroso conceito: “A vida era, por definição e fundamento, triste, irreparavelmente triste. Nem a loucura ambiciosa de Fausto poderia suspender, por um instante sequer, a irremediável velhice dolorosa de todas as coisas”.

Dentro da paisagem romântica surgiu o poeta natalense. E cantou o amôr, a glória e a desventura na poesia romântica, que para uns durou meio século e para outros, como Laudelino Freire, “é fecunda, universal e eterna, porque é a expressão verdadeira dos estados d’alma, dos sonhos vagos e das comoções íntimas; é a poesia das ansias que se enraizam nas profundezas do ser; é a poesia da ternura, da saudade, do infortúnio e da dor”. E o próprio poeta confirmava:

“O romantismo, o doce romantismo;

O romantismo antigo é como o vinho:

Melhor quanto mais velho...”

Ponciano foi um amoroso. Nos seus versos palpita o eterno tema, glorificado pela eterna angústia. Há sempre um sorriso de primavera, uma volúpia de desejo, um fervor indiscreto na sua poesia. E êle tinha projetos como êste:

Eis o que penso, ás vezes, o que eu sonho:

— Viver contigo, dulcida quimera;

Juntos, bem juntos, unidinhos, perto

Num palacete lúcido e risonho,

Cheio de lianas, muitas flores e hera...”

Noutro poema declarava:

“Nunca do amôr me farto e dessedento.
Penso, às vezes, que o amor é uma bebida,
De um perfume intensíssimo e violento.
Sempre de gosto inédito na vida”.

Mas sempre a dúvida a intrometer-se no romance do poeta e do amôr:

Define tú o amôr como quizeres,
Amôr é uma profunda e alta mentira,
Feita pela promessa das mulheres...

Noutro instante de suas apreensões:

“O amôr... não o compreendo, mas parece
Um segrêdo, uma dúvida, um mistério,
Desiludindo quando se o conhece...”

“Retiro” é um poema de amôr, uma prece de saudade, reza do coração na “Igreja da Distância”. E em tudo, afinal, o que é o amôr? Um eterno anseio e um imenso mistério, “o protoplasma espiritual da vida”, como o cantou aquele infeliz poeta que foi Hermes Fontes: “o sonho que desvaira... o delírio que aberrará... a aza que nos transporta á Terra Prometida...”.

O PROSADOR

Deixemos em paz o poeta, porque Ponciano Barbosa também foi prosador de acentuado relevo. Participou dos grêmios literários, dos jornais, revistas, sociedades diversas. A imprensa teve uma grande influência na sua vida. Austregesilo dizia que “ha uma simbiose do jornal e da literatura de modo que comumente os homens de letras nascem do jornal”.

Quando Ponciano andava a caminho do curso jurídico no Recife, Natal perdia três grandes poetas: Segundo Wanderley, Gotardo Neto e Ferreira Itajubá. A cidade crescia nos seus bairros, alargava-se pa-

ra o futuro, o horizonte social recebia tonalidades mais animadoras. O desaparecimento de Antônio Marinho também ainda pungia. Mas a vida literária permanecia fértil, com os valores nascentes, os debates da imprensa, a agitação política. Havia a crítica, a polêmica, o conto, o humorismo, o teatro, a história, a discussão gramatical, o artigo de idéias, o comentário do dia, a crônica irradiante, a poesia inquieta, sonora, de confidências, sonhos e desilusões...

Não é possível relacionar, sem falhas, os jovens literatos do tempo com ação imperante na imprensa e nas sociedades de cultura. Ponciano foi um deles. Começou pelo “indefectível volume de poesias”, como observava Medeiros e Albuquerque referindo-se á tendência dos escritores brasileiros. Mas, ao mesmo tempo, afez-se á imprensa, “benefício providencial com que Deus dotou a sociedade”, na expressão de D. Silvério Gomes Pimenta.

Embora afirmando que “o jornalismo é mesmo fatal á produção literária de primeira ordem”, isto é, aquela provinda da cultura, Joaquim Nabuco reconhecia que é o jornal “um dos fatores essenciais da vida nacional” na obra da educação. Ao tempo desse conceito, no começo do regime republicano, a imprensa, como ainda hoje, “exercia sobre o talento e a ambição intelectual uma atração quasi exclusiva, porque é também quasi exclusivamente o que se lê”. Melhor caracterisava Xavier de Barros a imprensa, concluindo que “ainda era o veículo onde tomavam lugar os trabalhadores de idéias. Demais o jornal constituia, no norte, como aliás em quasi todo o país, um meio natural de locomoção na estrada da vida”.

Foi ela a grande sedução de Ponciano Barbosa. Começou no “O Dia”, “jornal de minguadas polegadas e de poucos instantes de vida”, com Nascimento Fernandes, Luís Soares e Manoel Seabra. Prosseguiu no “O Potiguar”, com Ivo Filho, Gomes da Silva, Angione Costa, Cirilino Pimenta, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Jorge Fernandes, Virgílio Trindade. Seguiram-se outros jornais: “A Capital”, “Diário de

Notícias”, “Jornal da Manhã” e por fim, a “A República”, onde foi intensa e pródiga a sua colaboração.

Certa vez escreveu: “Tenho pelo jornal uma admiração que vai ás raias de um culto. E tão grande sedução êle exerce no que o faz, no que uma vez arranjou um artigo de fundo, o grave artigo de comentários e periodos pesados, medidos e contados, que, á custo, acha sua liberdade”. E adiante: “A imprensa escravisa-me de corpo e alma. Habitado ao jornal, quer literário e político, político ou de qualquer outro princípio, não o abandonarei senão quando minhas ilusões estiverem fanadas”. Em 8 de abril de 1912 Ponciano apresentava-se como cronista na secção “Linhas Vans”, n.º “A República”. “E porque não?” perguntava êle. “E quando não tiver assunto, desencadearêi as farpeantes setas da minha ironia sobre todas as coisas, sobre tudo afinal...” E terminava: “Eu tambem tenho a minha ironia”.

Imaginação talvez não lhe faltasse nos desenganos da vida simples. Mas a malícia do sarcasmo não chegou a calcar a sua sensibilidade em reacção violenta para o desprimor da sua obra. Si no conceito de Austregesilo, “o jornalismo é a feição natural com que as inteligências entre nós formam reputações literárias”. Ponciano Barbosa, ao contrário daquela sua impetuosa ameaça, foi um jornalista sem maldades. Pois é certo que poderia justificar-se com a ligação psicológica de que nos fala Monteiro Lobato: “A ironia é a maldade dos revoltados, dos mal feitos, das criaturas tortas dalma ou corpo. Popes, Leopardis, Scarrons... E’ uma vingança ininterrupta que deflue como fio dagua venenosa... e deliciosa para os que também feios de alma e corpo, não podendo exercê-la regalam-se no gosá-la. Os homens belos, perfeitos de alma e corpo, não ironisam. E’ que não vivem no perene estado de revolta que estila êsse alcaloide grego — a *eironeia*”. No estudo crítico de Luís da Câmara Cascudo, “toda a impressão colhida por Ponciano é triste, suavemente melancólica, docemente nostálgica”, formando o lastro da sua poesia, mas a crônica lhe foi mais li-

berta. Todavia nunca lhe serviu para balanço irônico e malsão.

A maior atividade do cronista exerceu-a no velho órgão fundado por Pedro Velho. "A República" conserva de Ponciano Barbosa uma interessante série de "Clarescuros", secção por êle criada e que se prolongou até a sua morte. A primeira, em 29 de maio de 1915, dedicou-a na evocação da figura e dos costumes curiosos do velho professor Panqueca — Joaquim Lourival Soares da Câmara. Na frequência da sua meia coluna traçou outro aspecto vital da sua mentalidade. Discutiu, comentou, criticou, vulgarizou. E foi, sobretudo, um sentimental. Dirigindo-se a Peregrino Junior, companheiro que se desgarrara em demanda do Pará, dizia êle depois de referir-se ao ambiente literário da província: "Como vê, o movimento das nossas letras é mais intenso em teatro. Tenho organizado uns contos, em preparo, uma tentativa romântica ou de romance; pronto, um livro de versos... Um as banalidades...". Ainda a Peregrino Junior, lembrando o "Diário de Notícias", orientado por Sebastião Fernandes, dizia: "Fomos forçados a suspender a publicação do jornal que prezavamos sinceramente e onde você trabalhava sempre cheio de alegria e cheio de sonho e eu dessa tristeza que há muito na alma brasileira... Tinham-me os companheiros todos de redacção como um doente... Uma figura perfeitamente delineada de neurastênico, frenético, ineficiente, quer visse um artigo de fundo e, ás vezes de pecado, uns versos pobres de inspiração e miseráveis de arte, quer as delongas inexpressivas de uma notícia. Separamo-nos. Eu dei para publicar livros de versos, até subi ao palco encenando um tímido e ligeiro drama... Você faz crônicas nos jornais do Pará".

Para um Aprendiz Marinheiro teve estas palavras: "Meu patricio. Muita alegria terás amanhã nas festas da tua Escola. E tu sabes perfeitamente o que é uma escola, sabe-lo demais, porque os mestres que aclaram tua alma ensinaram-t'o, docemente, carinhosamente. Quando te matriculaste aí, rôto, o olhar

triste de necessidade, sujo, roupa em farrapos e descalço, ignoravas ao que ias, tendo nas mãos trêmulas a autorização do Juiz de Orfãos. Foste bem recebido. A casa, espaçosa e franca, abriu espaçosamente o seu seio para te acolher. Deixaste de um lado, e que levaram logo ao monturo, as tiras que fingiram roupa em teu corpo moreno, dolorosamente raquítico. . . Eu me lembro como eras. . . Eras um rapazelho de quinze anos, sem pai, sem mãe e cheio de miséria. Quando a formalidade da lei te mandou ao carinho desse estabelecimento, certo fiquei de que em breve se havia de dar contigo uma como ressurreição, um como renascimento. E não se deu? Que eras tu meu rapaz? Quinze anos mal cuidados, mal tratados, mal vividos. O mundo tinha para tua consciência o ar severo e cruel de uma ignorada coisa. Que tragédias não se desenrolavam em teu espírito?” Página magnífica de grandeza moral, de observação humana, é também uma outra, apelando para os moços do Ginásio Dramático, em bem de duas criaturas acabadas na velhice pobre — Honória Reis e Maria Epifânia, duas saudades vivas dos velhos palcos de Natal, improvisados no Barro Vermelho, mal seguros no Santa Cruz. Eram duas lembranças da arte que haviam ficado na terra, expoentes da cena dramática que desapareciam. Honória Reis, ainda arrojando-se ao palco, “na saudade, por certo, do espírito de Joaquim Fagundes, o maior talento do seu tempo que era toda a animação da sua alma. E Maria Epifânia? Quem não n’a conhece? Quem não sabe o que vale essa velhinha paupérrima e bôa, flôr murcha do tempo e da miséria, em cuja tristeza do coração, frio de gêlo, aparece a pilhéria trêfega embora de vida humilde e breve?”.

De outra vez falou ao seu cachorro Vampa: “Põe-te quieto. Deixa-te de vagabundagem. Os homens andam matando os teus irmãos, a veneno, traiçoeiramente, posto em sedutores nacos de saborosos petiscos”. E leu, para êle, um capítulo do “Oriente”, de Blasco Ibanez, sobre os cães admiráveis de Constantinopla. Dessa crônica surgiu, por

sugestão de um leitor, a fundação da Sociedade Protetora de Animais, o que se realizou, com Ponciano na presidência.

Agora, temos um episódio inesperado e expressivo do valor intelectual do cronista e poeta, além da província. Ponciano escrevera um sereno e oportuno elogio do vegetal, em que dizia: “O vegetal é o melhor dos mundos. Feito dessa esmeralda diluída sobre as suas folhas, ora lembra o ourives paciente na lavoragem do metal custoso para cintilantes pétalas; ora vai á ametista buscar idêntica e doce côr emotiva e languida com que se unta a ametista. De topásios luminosos e amarelos enchem-se o algodoal, o pau d’arco e outros acendendo inveja, atropelando ambições, açulando desejos. A safira azul como um reflexo do céu, em quantas flores anda? A glória do vermelho enrubecendo muitas mil corolas, muitas mil pétalas. A neve pura desmanchada em rosas”. E referindo-se aos maus, que maltratam e abatem as árvores na sua resignação ou na sua glória, transcrevia Ponciano o soneto “Perdão das Árvores”, com que dizia êle, “o simples e grande poeta português Antônio Correia d’Oliveira canta a magnífica alma dos vegetais”. Dias depois um jornal maranhense inseria o mesmo soneto de Antônio Correia d’Oliveira como sendo da autoria de Ponciano. Êste ao ter conhecimento dessa transcrição desfez o engano noutra crônica com as seguintes palavras, depois de explicar o caso: “Para desfazer dúvidas, para aclarar um ponto da vida literária que arrasto por êste lugar de meu Deus aqui venho de minha secção declarar á ilustrada redação da “A Pacotilha” que em sua edição de 3 do corrente cometeu um engano que por maus poderá ser levado para a minha conta e para o rol de um plagio”.

Ponciano tinha um grande fervor panteísta, que muitas vezes aproveitou em conselhos para o bem da cidade. A avenida Tavares de Lira é uma perene recordação das suas palavras: “Conterrâneos — sêde como sempre, bons. Esforçai-vos para que essas formosas árvores sejam agradáveis purificadoras da-

quele ar, tonificando, enchendo de vida bôa e forte e sã o trêcho em que se levantam". A sua paixão pelas árvores enche todos os seus livros e reponta em toda a sua luta de prosador. "Tenho á árvore uma admiração profunda, como aquele louro São Francisco de Assís votava ás aves um afeto singelo e cândido.

Plantá-la; vê-la nascendo; crescer; fazer-se murmurosa ao vento; ser câmara para o venturoso idílio dos pássaros; por tudo isto quanto se alegra o nosso coração".

ENSAIO DE OUTROS GÊNEROS LITERÁRIOS

Ponciano Barbosa ensaiou o teatro, o conto e o romance. Mas não perseverou. Ou por outra, não teve tempo de dar corpo a êsses gêneros literários. Deixou o drama "Ave-Maria", em um ato, todo em versos. E' um quadro íntimo em alto relevo religioso: um milagre de Nossa Senhora na cabeceira de uma criança a morrer, a volta do sorriso e da vida que se extinguíam no sofrimento. "Sonho", em um ato, que constitui uma "peçasita leve e delicada", na opinião de B.G. (J.C. de Brito Guerra) "um *lever de rideau*, cujo entrecho não tem grandes lances, nem psicologias complicadas". "Máscaras" é uma cortina, uma rápida passagem cênica: um desgraçado Pierrot, que se diverte em baile de máscaras, ao lado de uma linda fantasia de Borboleta, a encobrir um corpo de mulher, simbolizando a volubilidade feminina. "Sim Anteu. Busquei para a minha fantasia de hoje um símbolo que exprimisse bem a calma do coração, a tranquilidade da alma. Para mim não há outro ser, não há outra vida como a da borboleta".

Os contos de Ponciano não chegaram a ser uma expressão definida do seu temperamento. O que escreveu no gênero está também disperso nos jornais.

ATIVIDADES DA VIDA SOCIAL

Outro aspecto da vida de Ponciano Barbosa está assinalado na sua participação na nossa evolução

social, em postos de relevo, em contactos importantes, no fundamento de instituições a que êle deu o vigor da sua inteligência e a fôrça da sua autoridade moral. Tanto quanto no conjunto das nossas oficinas literárias, na tarefa redacional da imprensa, êle também se entregou ás preocupações de caráter geral, de que resultassem beneficios para a nossa terra e a nossa gente.

Com Henrique Castriçiano, abriu no Estado o primeiro caminho do escotismo nacional. Olavo Bilac escrevia ao poeta de "Ruínas" em julho de 1916: "Agite, levante, sustente no Rio Grande do Norte a idéia; fale ao ilustre dr. Ponciano Barbosa, a todos os seus amigos, inflame e entusiasme a imprensa, os poetas, todos os homens de fé; promova conferências e artigos de jornais; seja o fundador e o diretor da instituição".

Numa crônica de evocação da última vez que viu e palestrou com Bilac, informava Henrique Castriçiano: "Ponciano Barbosa, poeta magnífico, falecido pouco depois em plena mocidade, fora o portador de uma indicação por mim redigida e por êle apresentada ao Congresso do Estado, que eu presidia naquele ano, prevalecendo-me do cargo para me constituir propagandista dessa solidariedade almejada pelo autor do "Via Lactea", o chefe pacífico da legião de idealistas que se encarregaram no momento de auxiliar a Liga de Defesa Nacional em diversas circunscrições da República". Foi assim, com a presença e a colaboração de Ponciano, que se fundou naquele mesmo ano, a Associação de Escoteiros do Rio Grande do Norte, depois Associação de Escoteiros do Alecrim, que tem encontrado na dedicação e na sinceridade da Luís Soares o seu grande apóstolo.

Ponciano fundou em 1915 a Sociedade Protetora dos Animais. Ao assumir a presidência, leu uma conferência sobre a proteção e a assistência devidas aos irracionais que tanto servem ao homem ou o fazem crentes em Deus. Com Anfilóquio Câmara, Virgílio Trindade, Luís Potiguar Fernandes, Nascimento Fernandes, Pedro Freire e outros fundou em 1915, a

sociedade “Nova Cruzada”, destinada a “trabalhar pelo engrandecimento das letras potiguares”, de onde surgiu “A Notícia”. Fez parte do Diretorio Regional da Liga de Defesa Nacional, com Ferreira Chaves, Meira e Sá; Henrique Castriciano, Augusto Leopoldo, Moisés Soares, Dionísio Filgueira, Manoel Dantas, Sebastião Fernandes, João Tinôco. Foi presidente do Centro Operário e o primeiro representante da classe operária no Congresso Estadual. Presidiu o Ateneu Foot-ball Club, e o Círculo de Operários Católicos. Foi orador da Liga Masculina Pró-Chaves, numa das mais famosas campanhas políticas que agitaram o Estado e do Natal-Club, quando esta sociedade era o marco superior da nossa vida social. Exerceu os cargos de secretário da Escola Normal de Natal, quando ainda acadêmico, fiscal do Conselho Superior do Ensino junto ao Ateneu; 1.º juiz distrital da Capital, em que veio surpreendê-lo a morte.

A sua bibliografia se resume, sobretudo, nas atividades poéticas: “Dúvida”, em 1915; “Ave Maria”, e “Livro Humilde” em 1916. Deixou um livro pronto — “Vas Spirituale” — em que reuniu poesias esparsas e algumas inéditas. Também foi político militante. A sua época corresponde ao período de agitações partidárias que antecederam ao governo Ferreira Chaves, campanha chefiada pelo capitão José da Penha. Nessa altura foi companheiro de Moisés Soares, João Batista do Nascimento e Nascimento Fernandes no “Jornal da Manhã”, que viveu o tempo necessário à ocorrência da famosa luta política. Ao que sei a sua atividade jornalística, em campo aberto às aventuras demagógicas, foi sempre moderada, consciente, esclarecedora.

CENÁRIO ÍNTIMO

Lembro-me bem de Ponciano Barbosa na sua figura melancólica de homem e de poeta. Alto, esguio, moreno, coubera-lhe um conjunto físico desfavorável. Não lhe fora dada essa consoladora harmonia fisionômica que prende o homem ao credo das

suas ilusões e ao devaneio das suas conquistas. A saúde, por sua vez sempre permanecera uma razão de sobriedade e de resguardo. Por isso, como que viamos nele o domínio de uma fôrça interior de resignação e bondade. Apreciando seu livro "Dúvida", Oscar Brandão escreveu que Ponciano era um "moço-velho". Rosto irregular, ampla testa sob uma cabeleira negra e crespa, contrastando com o queixo fino, onde pouca barba aparecia. Acentuado estrabismo ainda concorria para o acervo dessas infelicidades. Tinha as mãos e os dedos modelados para a poesia e a meditação. Dentro da sua fealdade era, entretanto, um ponto de irradiante simpatia no círculo das suas relações e das suas amizades.

Os seus costumes pessoais eram invariavelmente dignos de elogio. Trajava-se com apuro, num porfiado encontro do feitio ingrato do corpo com os preceitos da elegância social. Usava jaquetão ou fraque, calça listada e o infalível colete, á moda da época. E gostava de uma flôr na lapela, que também servia á vaidade dos nossos estadistas. O chapéu de feltro contribuia para o efeito da indumentária, onde não se descobriam as habilidades plásticas de um Garrett, mas alguma coisa de um esmero á Byron. A ausência do belo, em Ponciano, supria-se com êsse culto á cortezia do estilo. Era-lhe, também, usual a bengala, tornada tempos depois numa singularidade dos velhos.

Na redação da "A República", onde o conheci, observei-o como um conversador interessante, comedido, consciencioso, algumas vezes humorístico, soltando boas e francas risadas, mas sempre preocupado com as leituras e os assuntos da colaboração quotidiana. Julgava-se frenético, doente. Mas não parecia, apesar de ter contra si ainda uma saúde sem vigor, como a presença incômoda de uma herança que o advertisse. E as razões dessa causa se conjugaram violentamente numa afecção gripal que o abateu na rápida fatalidade de uma agonia.

Era, todavia, Ponciano um animador da vida provinciana também quanto ás suas tradições fes-

tivas. Gostava das lapinhas e influia para a arte das serenatas, que enchiam as ruas com os sons dos violinos e dos violões. As vozes trêmulas, intérpretes das modinhas e das valsas, eram pedaços da alma soltos á luz dos luares, com destino aos corações das moças amorosas e românticas, que as escutavam por traz das rotulas ou no debruço das janelas. E se êle não fazia número com os seresteiros, dava-lhes o aplauso e o verso, que era a expressão dos seus sonhos e das suas aspirações de rapaz.

Quem, vindo até aqui daqueles tempos de Deolindo Lima, Aurélio Flávio, Augusto Coêlho, Olimpio Batista, Francisco Botelho, Ferreira Itajubá, Virgílio Carneiro, Barreto Sobrinho, Luís Avila, Eduardo Medeiros, Heronides França, Alfredo e Antônio Cordeiro, quem não se recorda destes versos de Ponciano, envolvidos na música apaixonada dos nossos inspirados compositores populares:

“Ao palmilhar estradas longas,
De longe vim para te vêr;
Ouvindo as tristes arapongas,
Nas moitas tristes a gemer”.

Ou estes outros, não menos significativos:

“Por êsses teus olhos tão bonitos,
Cheios de luz e de langor,
Andam os meus olhos aflitos,
Neles procurando amôr.

Dá-me a doce luz que deles nasce,
Faze-me feliz, ó tem piedade!
A vida é tão fugace...
Ainda mais fugace é a mocidade...”

Ponciano tinha pelos seus uma ternura comovida. Dentro do coração ficara-lhe certamente, o sacrifício da irmã mais velha, ajudando-o com os seus trabalhos e a sua solicitude para que em Recife pudesse vencer os degraus do estudo. Mais tarde,

o amor lhe satisfez a ambição de um lar feliz, onde a sua poesia recebeu a doce e grande luz do melhor afeto, que encheu a mais íntima das suas aspirações. Casou-se, para gosar dessa felicidade dois anos, apenas. A morte havia de rondar a porta desse encanto doméstico, deixando uma saudade indefinida na tragédia da viuvez e da orfandade.

NUMA TARDE, AO PÔR DO SOL...

Aí está, meus senhores, minhas senhoras, meus confrades, alguma coisa da vida daquele que escolhi para patrono da cadeira que ocupo nesta Academia. Tanto foi poeta quanto prosador. E um fidalgo no trato pessoal. “Alto, magro, fidalgo”, assim o recordou Ivo Filho numa enquete de Verissimo de Melo. O seu gesto era sempre de simpatia, de acolhimento. A sua presença invariavelmente uma homenagem á elegância. Se, em rigor, elegância poderíamos interpretar o cuidado com que habitualmente se vestia. Pobre, desprotegido, não viajou. As “estradas longas” que palmilhou foram as da sua imaginação e da sua tristeza. Enquanto outros poetas e outros jornalistas brasileiros iam conhecendo facilmente a Europa, e desciam em todas as Américas, passeiavam o Oriente fabuloso, pisavam os caminhos da Africa, escreviam impressões dos centros da cultura universal, frequentavam os famosos cafés da tradição literária de além mar, faziam versos em Paris e Londres, os nossos sonhadores sorriam na trêfega inquietação do espírito a debater-se no horizonte da sua terra, estiolada numa fecundidade sem glórias.

Ponciano Barbosa foi um destes. Pensou e foi poeta. “Ser poeta dizia Tobias Barreto, é, sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espírito” E foi também um cinzelador da frase livre, da prosa que soube resguardar da injúria e da má fé, porque além da fortuna da inteligência, Ponciano ainda possuía essa beleza moral, que é a bondade. E foi um orador, “seu verbo era fluente, sua palavra

segura, sua expressão enérgica, sem titubeios, sem vacilações, sempre sincero nas convicções”. E foi um magistrado, “soubera fazer-se digno de admiração pela inteireza do seu caráter, pela solidez dos princípios que defendia, pela integridade e pela insuspeitabilidade de sua dedicação á causa do direito e da justiça”.

Ponciano Barbosa desapareceu deste mundo com trinta anos apenas. Para êle, talvez, fosse muito viver. Em plena mocidade Julio Dantas exclamava:

“Trinta e três anos já! Quasi uma eternidade!
E, em trinta anos, amôr, que séculos vivi!”

Morreu num dos seus crepúsculos de poeta, num daqueles ocasos que o faziam assemelhar ao “desmaio aflitivo da vida”, imolado numa fúnebre invasão que tantos corações fez parar no socego da eternidade. Hoje, nesta Academia, sou eu que faço o elogio regimental, evocando-lhe a figura, a vida e o trabalho.

Há, entretanto, neste recinto, quem dele guarde melhor retrato e mais íntimas impressões do homem e do artista. No seu silêncio julgador, que me perdoem se não cheguei a dizer de tão ilustre patrono tanto quanto pede a sua memória.

* — Discurso de posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia 12 de Maio de 1949.

Vida repleta de vontade e força criadora *

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Ponhamos nossa pedra branca marcando a festa acadêmica de hoje. É a posse de um companheiro de letras, um professor, um poeta latino, principalmente é a posse do primeiro sacerdote na Academia Norte-Riograndense de Letras.

Entre todas as eleições a sua foi a mais significativa. No primeiro escrutínio teve todos os votos menos um. Essa unidade discordante expressou o direito de impedir uma quebra dos Estatutos que determinam a obrigatoriedade da votação. Se êle não surgisse, opondo-se à unanimidade, tínhamos tido uma aclamação.

Depois dessa feita o gesto não se repetiu. E dificilmente se repetirá. Verdadeiramente a Academia não elegeu o sucessor do cônego Luís Gonzaga do Monte mas o arrebatou ao seu silêncio, à sua modestia, à tranquila e nobre vida estudiosa e trabalhada sem os rumores da rua e da praça, apenas no ritmo do seu coração, do seu humilde relógio marcador de tarefas, e a dôce sonoridade da campainha da Capela do Seminário, dando a Hora de Deus.

No mapa do Estado há a povoação de Luiza em Florânia. Um nome de etimo luminoso e um clima sereno de esforço quotidiano. Ali se ergueu a casa pobre povoada de filhos. O chefe da família, Antônio Adelino Dantas, vinha dos Dantas Correia, os fundadores da Carnauba dos Dantas, raízes seculares guardadoras de seiva ainda forte e fecunda. A

luz da casa, dona Jovelina Dantas, vinha dos Azevedos Maia, os plantadores da Conceição do Azevêdo, semeando raça de trabalhadores obstinados no sólo petreo do Seridó. Fizeram eles o oasis de sombra e doçura acolhedora, fincando os mourões das porteiras nos primeiros currais de gado, as nascentes econômicas de Jardim do Seridó.

São assim reunidos os elementos de duas famílias seculares, entrelaçadas e unidas continuamente, numa tecidura intermina de casamentos, rêde vibratil de amôr que perpetua nome e lembrança das velhas raças povoadoras dos desertos nordestinos, tangedoras do gado, cavadoras de açudes, fiéis ao Ofício de Nossa Senhora ao quebrar da barra, adormecendo com as primeiras estrêlas, indo começar o dia com as últimas, ainda brilhantes, no céu da madrugada sertaneja.

Vida de trabalho tradicional é a de Antônio Adelino Dantas. É lavrador e criador. Não conhece nome profissional mais bonito nem de mais comunicativa sugestão. Criador! Parece que nas suas mãos Deus emprestou o segrêdo da vida ininterrupta e um desafio às fôrças desagregadoras da morte e do tempo.

Antônio Adelino Dantas e sua mulher mantém a vida de outróra no silêncio da harmonia doméstica. Vão às desobrigas, fazem a Páscoa completa, rezam, ajoelhados as orações antigas, as rezas que vêm de geração em geração, na mesma beleza ciciante e emocional, como a voz imortal do Passado cristão ressuscitada sempre, passando de lábio a lábio numa continuidade imorredoura de Fé.

Dezesseis filhos nascem. Doze engrossam o pescôço, resistindo, como plantas nobres à vida áspera. Quatro foram dados a Deus para que o casal se representasse no côro angelical nas horas abertas, meio-dia, trindades, pino da meia-noite, quando os anjos cantam para a eternidade presente.

Antônio Adelino Dantas faleceu em São Vicente, na povoação de Luiza, 2 de fevereiro de 1915. E morreu na morte heróica de sua classe e de estirpe.

Morreu ferido de queda de cavalo, derrubando gado na serra de Sant'Ana, dando campo nos grotões solitários da cordilheira, com seu gibão vermelho, a mão enluvada no guante rústico, colada à cauda do barbatão fugitivo.

Dona Jovelina deixou o Seridó e veio para o agreste com seu rebanho de filhos, o terço enrolado no pulso, a confiança no coração. Fixou-se em São Paulo do Potengi. Em fevereiro de 1925 o senhor Bispo fez a visita pastoral a São Paulo do Potengi. Um dos filhos de dona Jovelina, menino de 14 anos, magro, sizado, de poucas falas, dois olhos negros e aguçados, sondando o mundo pela energia terrebrante do clarão íntimo, rodeava com sua curiosidade tranquila o Prelado sedutor.

Recordemo-lo agora. Foi o nosso terceiro Bispo, dom José Pereira Alves. Não cabia no ninho, sobrando as azas, impacientes de vôo, inquieto sempre, ansioso de trabalho e de conquista apostólica.

Deu-nos a impressão do orador sacro, do tribuno religioso noutra nível alheio à convencional palrice cantada e declamada, ôca e verbosa, enfeitada com os retalhos da História Sacra e os exemplários monótonos. Dom José trouxe para ouvidos moucos a percussão irresistível do talento vivo e maravilhoso. Era a cultura atual e pronta, era o conhecimento contemporâneo, era a coragem de aceitar todos os temas, resolver todos os quadros, indo à luta com as armas de prata em mão invencível de mestre supremo. As ciências da pesquisa humana, a História, a antropologia cultural, davam-lhe o âmbito amplíssimo de suas correntes sem fim para o nadador perfeito. Deu-nos a noção exata do que realmente havia entre a Ciência e a Fé os limites intransponíveis apenas materiais naqueles que recusam o exame dessas entidades quasi idênticas. Mostrava o mundo católico com seus missionários, seus sábios, seus pesquisadores, seus santos modernos, o laboratório incessante, fremente, entusiástico, palpitante de vida, laborando pela Ciência em serviço do Homem para Deus. Que surpresa para quem se habi-

tuara à imagem imóvel duma Igreja mumificada, hirta, pccirenta, ignorante de tudo, arrastando o manto de purpura dos seus cardiais numa derradeira exibição de morte lenta. Foi êsse clarão que Deus acendeu para guiar a muitos, confessados ou não, mas sempre gratos, no silêncio do escrúpulo ou na taciturnidade covarde do respeito humano.

Dom José olha Jovelina e põe a mão magra e sêca na cabeça do menino curioso. Elogia-lhe a família. Pergunta: — Por que não faz deste menino um Padre?

— Ah! senhor Bispo... Não posso. Tinha tanta vontade. Que posso fazer?

Dom José olha o menino: — Quer ir para o Seminário?

O menino responde com o presente do indicativo do único verbo positivamente inapelável, masculino e decisivo: — Quero!

No outro dia, com a roupinha que tinha, tímido, desconfiado, triste, impassível na obstinação fiel, o pequeno seridoense veio para o Seminário em Natal.

Em 1934 era Padre. Reitor do Seminário no ano seguinte. Hoje nosso companheiro de Academia, cônego José Adelino Dantas!

Para êsse estado, êsse ponto na sua floração intelectual, essa situação entre os seus colegas, amigos, na cidade e no Estado, o caminho foi lento e seguro, sem pressa e sem descanso, dia a dia, subindo sempre. É preciso ajudar a Deus em nós mesmos. O auxílio prestado a Deus para sua perfeição individual, ofereceu o cônego Adelino em todos os anos de sua vida.

Apresento-vos uma figura de dois mil anos e sempre contemporânea. Cada dia se torna mais alta, mais discutida, mais violenta em sua simplicidade, menos compreendida, menos explicada. Quanto mais a civilização aprofunda suas bases na terra infixa da convenção e estatui decálogos de fé, entroniza seus deuses dogmáticos servindo pela vassalagem da violência, mais essa figura diária, familiar, conhecida, sobe e se amplia, impossível de ser analisada,

medida, justificada pelos processos materiais de nossa verificação científica. Essa figura é o Padre. Pensemos um momento num fiel de vinte séculos vestido sempre com trajes que o identificam para o martírio ou para a glória, traje indifarsável, notório, estridente em sua singeleza, negro pela penitência, pela renúncia, pela abnegação. Seja que fôr e onde estiver, sacerdote do Altíssimo, visível aos olhos devotados ou adversos. Pensemos um homem comum, igual, trabalhando ou falando LOQUENS ou FABER, marcado na cabeça com um sinal de perpetuidade, apartado da multidão para um serviço supremo, para uma missão divina, para o encargo de morte e de salvação. Pensemos que o conhecimento para nós é a fórmula ondulante acariciando as formas pessoais da convicção, tomando como a estátua de Glauco, aspecto e côr conforme os nossos olhos e a vontade da nossa mentalidade. Pensemos num homem que possui a Verdade, a mais difícil, terrível, atordoante e comprometedora das companhias. A verdade, invisível e presente, acompanha-o sempre, vigiando, serena e séria, seus passos. Está ela sensível aos vagos sentidos de percepção espiritual como Ulisses a sombra divina de Minerva na solidão da casa de Eumeu. Pensemos que êsse homem não pode recusar, diminuir, negar ou esconder a presença da deusa resplandecente. Pensemos ainda em tudo quanto nos é permitido e a êle é defeso. Nos limites da contigência humana êsse homem vive a vida heróica diária. E deve estar pronto para morrer. E vive na atmosfera onde quasi todos os elementos de glória, de aplauso, de popularidade, de riqueza, de compreensão, de estima, estão em pleno serviço contrário, manejados como um exercito de demônio contra a Verdade que o segue, obstinada e tranqüila.

Pensemos ainda na saudação de Dionisio Aeropagita: — Sacerdotes da Nova Lei, sois maiores que os Anjos. Para criar esses espíritos celestes, bastou a

Deus querê-lo; mas para fazer um Padre que pudesse imolá-lo todos os dias, foi-lhe preciso morrer!

O cônego José Adelino subiu devagar os degraus do seu altar. Subiu sentindo sua poesia e de tragédia ascencional. Sabe como êsses valores que haloam o sacerdote numa corôa de esplendores solares, tomam as formas negativas e crepusculares. Todas essas superfícies polidas refletem cintilantemente as luzes opostas. A importância decisiva do sacerdote é o seu combate individual em permanente atuação no plano do espírito. Êsse equilíbrio, essa vitória serena, essa mansa e jubilosa obediência a uma Fé nascida ao mesmo tempo que a vida se forma, é um dos sinais poderosos da grandeza interior. É a visão mais notória, a impressão imediata no cônego José Adelino.

Teve e tem sobre muitos de nós a superioridade da Fé sem desfalecimento e em linha reta. O caminho não lhe trouxe a surpresa sinão quando olha para as margens. Aos seus passos, sabidamente habituados à cadência da marcha, a estrada desenvolve suas perspectivas de beleza e negrura, ineficazes para fazê-lo demorar ou deter o olhar.

Do Santo Cura d'Ars o cônego José Adelino ouviu um conselho que é test de confiança e devotamento. "Meu bom colega, se quiser conseguir alguma cousa, faça pouco barulho nos jornais, e muito na porta do Tabernáculo".

Certamente ai não está o repudio à boa propaganda e à indispensável divulgação. O cura d'Ars advertia da necessidade de não perder-se maior energia com a imprensa em detrimento à própria essência do empreendimento.

Nêsse ângulo a ação do cônego José Adelino é perene e discreta. O Reitor do Seminário é um jornalista diário, soldado de batalha sem pausa. Jamais deixou de estender o escudo à pancada da clava. Sempre aparece esclarecendo, falando num timbre cordial de explicação afetuosa, vencedora inquestionável do amor próprio natural.

Naturalmente é um latinista. Deixo ficar o ad-

vérbio porque o amôr ao idioma latino é um corolário erudito às atividades intensas de vida espiritual, interior, recatada. Aqueles que se aproximam sabem os encantos dádivosos desse convívio silêncio, êsse milagre de atualizar os gênios de Roma Imperial, fazendo-os participantes da nossa banalidade provinciana ou contemporânea. No silêncio da noite é uma doce volúpia sem maldade, num abrir de livro, receber-se a visita de Virgílio e de Horácio, de Ovidio e de Tito Livio, de Cícero e de Tácito. São a História e a crônica que nos cercam, com suas fisionomias poderosas, seus amores, sua paisagem, seus jubilos e suas máguas. Podem êsses felizes comprar a desmarcada amplidão luminosa desses espíritos que encontravam a matéria poética ainda virgem e lhe deram os contornos que vieram para os nossos olhos. Debalde ao redor de nós a vida moderna grita a notícia dos seus cataclismos e de suas ameaças tempestuosas. A luz do dial dos rádios não atrairá como a trêmula lucerna estudiosa, companheira da noite evocadora.

O leitor passa naturalmente a companheiro. O poeta nessa metade do século XX pode ser entendido, nas compensações do espírito, pelas grandes almas de outróra. Lavrando o verso latino, o cônego José Adelino tem essa mesma elegância natural e tranquila que lhe conhecemos e amamos. O vocabulário é claro e próprio, o verso vivo e nobre, a medida impecável e sonora.

Veze, quem passa pela avenida adormecida, verá a luz doirada enquadrando o janelão que bebe os ares perfumados da noite. Lá dentro, na salinha simples, o tempo é um só, unido e sem divisões. Virgílio e Ovidio, tão amados, assistem, na presença que a admiração inconscientemente provoca, o trabalho do distante companheiro, tecendo a renda dos versos latinos, na graça da oportunidade verbal, na alegria íntima da expressão feliz, expontânea e lógica.

Assim, letrado e latino, um legítimo “scholar” um “clerc” na acepção mediável, não tem o cônego

vérbio porque o amôr ao idioma latino é um corolário erudito às atividades intensas de vida espiritual, interior, recatada. Aqueles que se aproximam sabem os encantos dadivosos desse convívio silêncio, êsse milagre de atualizar os gênios de Roma Imperial, fazendo-os participantes da nossa banalidade provinciana ou contemporânea. No silêncio da noite é uma doce volúpia sem maldade, num abrir de livro, receber-se a visita de Virgílio e de Horácio, de Ovidio e de Tito Livio, de Cícero e de Tácito. São a História e a crônica que nos cercam, com suas fisionomias poderosas, seus amores, sua paisagem, seus jubilos e suas máguas. Podem êsses felizes comprar a demarcada amplidão luminosa desses espíritos que encontravam a matéria poética ainda virgem e lhe deram os contornos que vieram para os nossos olhos. Debalde ao redor de nós a vida moderna grita a notícia dos seus cataclismos e de suas ameaças tempestuosas. A luz do dial dos rádios não atrairá como a trêmula lucerna estudiosa, companheira da noite evocadora.

O leitor passa naturalmente a companheiro. O poeta nessa metade do século XX pode ser entendido, nas compensações do espírito, pelas grandes almas de outrora. Lavrando o verso latino, o cônego José Adelino tem essa mesma elegância natural e tranqüila que lhe conhecemos e amamos. O vocabulário é claro e próprio, o verso vivo e nobre, a medida impecável e sonora.

Veze, quem passa pela avenida adormecida, verá a luz doirada enquadrando o janelão que bebe os ares perfumados da noite. Lá dentro, na salinha simples, o tempo é um só, unido e sem divisões. Virgílio e Ovidio, tão amados, assistem, na presença que a admiração inconscientemente provoca, o trabalho do distante companheiro, tecendo a renda dos versos latinos, na graça da oportunidade verbal, na alegria íntima da expressão feliz, espontânea e lógica.

Assim, letrado e latino, um legítimo "scholar" um "clerc" na acepção mediável, não tem o cônego

José Adelino nenhuma devoção aos negros pecados da incompreensão. Negro apenas a iris nos olhos e a batina no corpo. Compreende as nuances mais variadas e coleantes da cultura diária. Compreender não é solidarizar-se. É poder expor, discutir, aceitar, combater.

Na instalação da Academia Brasileira de Letras, Joaquim Nabuco pronunciou um discurso que o tempo tem respeitado. Há um trecho que cito hoje e aqui: — “Nascido em uma época de transição, prefiro em tudo, arte, política, religião, ligar-me ao Passado, que ameaça ruína, do que ao Futuro, que ainda não tem forma”. São palavras de 52 anos passados. E são atuais, até mesmo na época de transição que se eterniza.

O amor do Passado não tem para o cônego José Adelino o culto imóvel do feiticismo. Só as constantes espirituais da vida humana é que são dignas de defesa e de esclarecimento. São as constantes como as bases sustentadoras da estrutura da civilização. Todo sonho de substituí-las, abatendo-as, importa no desabamento do que se pretende apenas aperfeiçoar. A restrição, no limite da cultura, é que a Civilização só exerce sua missão milenar quando o desenvolvimento segue curso natural, lento ou vivo. Quando há a Santa Continuação. O progresso quando é feito de enxertia, pega de galho, pode matar ao mesmo tempo enxerto e árvore.

São essas constantes que lindam a fisionomia desse artífice prudente de uma obra educacional admirável no Seminário de São Pedro, obra admirável pela assistência pessoal e direta, pela solidariedade afetuosa, pelo entendimento profundo e devotado.

Esse esforço de escultura não é de camartelo ou escopo mas de perseverança, miniaturas de gota d'agua, paciência de rendeira que a técnica está no coração e a arte instintiva nos dez dedos dos pobres.

Poeta, professor, ensaísta, missionário do exemplo, doutrinador do livro ágil e brilhante, ensopado no leite da ternura humana, **FORMAÇÃO DO SE-**

MINARISTA (Editora Vozes. Petrópolis. 1947), diretor de casa educacional, há nessa tão omnimoda e fervorosa campanha de esforço em serviço de Deus, as alegrias do dever cumprido e as máguas recatadas que o coração dissipa.

Não era possível que a Academia, tão pobre de joias, dispensasse essa que representa para nós o sacerdote puro e o patriota sem alarde, o trabalhador convicto e o sonhador confiante na sua obra realizada, vida repleta de vontade e de fôrça criadora, de resignação e de serenidade, vida com a digna vocação do Padre e a sabedoria sob a roupagem singela da espontaneidade levando ao sofrimento aceito com deliberação e confiança.

Enquanto que a glória rolava sua alma
Nas margens da História, na areia do Céu! . . .

* — Discurso de saudação ao Cônego José Adelino Dantas, no dia 13 de setembro de 1949, por ocasião da sua posse, na Academia Norte-Riograndense de Letras.

